



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**SORORIDADE E EMPODERAMENTO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO
FEMINISTA NO FACEBOOK**

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

Mariana Guidetti Rosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Sororidade e empoderamento: uma análise do discurso feminista no Facebook

Mariana Guidetti Rosa
Bolsista CNPq

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser
Baronas

São Carlos - São Paulo - Brasil

2019

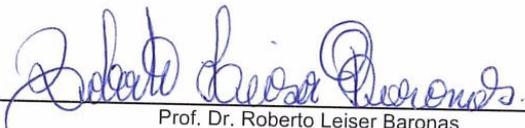


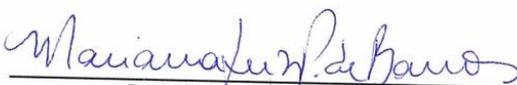
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

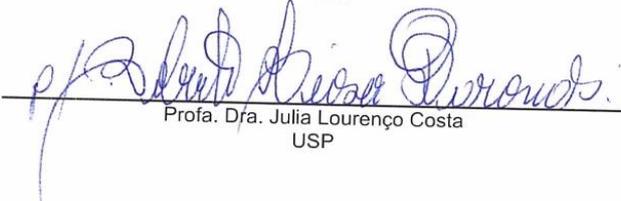
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

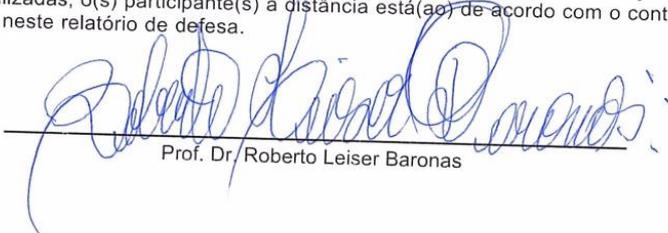
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mariana Guidetti Rosa, realizada em 27/02/2019:


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCar


Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros
UFSCar


Profa. Dra. Julia Lourenço Costa
USP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Julia Lourenço Costa e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Agradecimentos

Aos meus pais João e Suseley por todo o amor e suporte durante o processo da pesquisa. Graças a eles o que era pesado se tornou mais leve e o que parecia impossível se tornou realidade;

À Espiritualidade por todo o carinho, cuidado e força diante de processos tão difíceis. Serei sempre muito grata;

Ao meu orientador Roberto Baronas pela ajuda e incentivo nos momentos de dúvidas e pelo amparo acadêmico e pessoal;

A minha colega Renata Carreon pelo apoio em momentos de ansiedade e por ter me trazido alguns importantes questionamentos sobre meu trabalho;

Aos meus colegas do LEEDIM Samuel Ponsoni, Mariana Morales, Paula Mesti, Lígia Menossi, Tamires Bonani, Jorcemara Matos, Daniel Mariano, Júlio Bonatti que contribuíram com sugestões e indicações de leituras e também com momentos divertidos;

Aos meus amigos Danilo Tomesani, Ricelli Palmeira, Marta Alvear, Camila Vieira, Liara Rodrigues, Izadora Pimenta, Jonas Costa, Gabriela Uehara, Leandro Luz, Laís Luz, Ana Lígia Diniz, Juliana Yamada e Malu da Rosa pela amizade sincera e pela força sempre presente;

À Vanice Sargentini pelas orientações, pelo carinho e pelo acolhimento;

A minha banca de qualificação Julia Lourenço e Mariana Luz pelos apontamentos necessários para que minha pesquisa seguisse um melhor direcionamento;

Aos meus primos e familiares que torceram e estiveram ao meu lado para que tudo ocorresse bem: Luciana Rosa, Vanessa Rosa, Tiago Rosa, Vivian Augusto;

Ao Vitor Pereira Gomes e ao Yan Masetto pelos estudos em conjunto e pelas amizades;

Ao CNPq pelo financiamento a esta pesquisa no Brasil.

“No dia que for possível à mulher amar-se em sua força e não em sua fraqueza; não para fugir de si mesma, mas para se encontrar; não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia então o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal.”

Simone de Beauvoir

Resumo

O feminismo além de circular em outras esferas de comunicação tem sido um assunto a ser comentado e discutido principalmente na *web*; é possível notar uma maior circulação de textos sobre o movimento em diferentes sites, blogs e redes sociais. As páginas feministas na rede social Facebook conquistam um número maior de seguidores a cada dia. A partir de questionamentos acerca dos diferentes sentidos que circulam na *web*, e com o objetivo de compreender como o discurso feminista se manifesta em duas páginas feministas do Facebook ("Empodere duas mulheres" e "Não me Kahlo", ambas com aproximadamente 1 milhão de seguidores e muitos compartilhamentos), propõe-se analisar nesta dissertação textos feministas selecionados para o corpus da pesquisa e que possuam as *lexias* *sororidade* e *empoderamento*. A escolha pelo mídiun Facebook se deve ao fato da necessidade do surgimento de pesquisas que tratam as novas modalidades textuais da *web*, que surgiram graças ao desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação no final do século XX (Maingueneau, 2015). A presente dissertação de Mestrado está ancorada teórico-metodologicamente na Análise do Discurso de orientação francesa de Michel Pêcheux e nas teorias sobre hipergênero e cenografia propostas por Dominique Maingueneau. Analisam-se os diferentes sentidos que circulam nos textos multimodais que possuem as duas *lexias* (*sororidade* e *empoderamento*) de duas páginas da rede social *Facebook*: "Empodere duas Mulheres" e "Não me Kahlo", tendo como hipótese interpretativa que há diferentes formações discursivas. Para que se possa comprovar essa hipótese, inicialmente, verificar-se-á como os textos eleitos para as análises a partir de determinados percursos (Maingueneau, 2015) e inscrição em determinadas formações discursivas (Maingueneau, 2015) se inscrevem no hipergênero (Maingueneau, 2015). A análise pautar-se-á no reconhecimento das diferentes cenografias e como as mesmas são mobilizadas; na sequência, como o interdiscurso irrompe nos textos escolhidos para análise. Por meio dos percursos inesperados (Maingueneau, 2015), será possível explicitar as relações imprevistas e contradições existentes no interior de uma formação discursiva, medir a dispersão e explorar a disseminação dos sentidos das *lexias* escolhidas. Por fim, descreve-se o funcionamento do mídiun a fim de esclarecer como os elementos de coerção, responsáveis por determinar e restringir o funcionamento discursivo dos textos multimodais, permitem a disseminação e construção dos discursos ali presentes.

Palavras-chave: Discurso; Hipergênero; Cenografia; Feminismo

Abstract

The feminism, as well as circulating in other spheres of communication, is a subject that has been discussed mainly on the web; it is possible to notice a growing circulation of texts about the referred movement in different websites, blogs and social networks. The feminist pages on the social network Facebook have an increasing number of followers every day. Based on the questioning about the different meanings that circulate on the web and with the aim of understanding how feminist discourse manifests itself in two feminist pages on Facebook ("Empodere Duas Mulheres" and "Não me Kahlo", each of both with approximately 1 million followers and many shares) we intend to analyze in this study a selection of feminist texts containing the words *sisterhood* and *empowerment*, culled as the corpus of the research. The choice of the Facebook medium is due to the fact that research needs to be developed to deal with the new textual modalities of the web, which emerged due to the development of new communication technologies at the end of the 20th century (Maingueneau, 2015). This Master's dissertation is theoretically and methodologically anchored in Michel Pêcheux's French Discourse Analysis and the theories of hypergenre and scenography proposed by Dominique Maingueneau. We analyze the different meanings that circulate in the multimodal texts that have the two words (*sisterhood* and *empowerment*) of two pages of the social network Facebook: "Empodere Duas Mulheres" and "Não me Kahlo", having as an interpretative hypothesis that there are different discursive formations. In order to prove this hypothesis, we first verify how the texts selected for the analyzes from certain courses (Maingueneau, 2015) and inscription in certain discursive formations (Maingueneau, 2015) are inscribed in the hypergenre (Maingueneau, 2015). The analysis will be based on the recognition of the different scenographies and how they are mobilized; in the sequence, how the interdiscourse breaks in the texts chosen for analysis. Finally, through unexpected courses (Maingueneau, 2015), it will be possible to make explicit the unforeseen relations and contradictions within a discursive formation, to measure the dispersion and to explore the dissemination of the senses of the chosen words. After the analysis, we intend to describe the functioning of the medium and clarify how the elements of coercion, responsible for determining and restricting the discursive functioning of the multimodal texts, allow the dissemination and construction of the present discourses.

Key words: Discourse; Hypergenre; Scenography; Feminism

Lista de Figuras

Figura 1: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres"	18
Figura 2: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres"	26
Figura 3: Print screen da pág. Empodere Duas Mulheres no Facebook.....	48
Figura 4: Print screen da pág. "Sobre" do blog Empodere Duas Mulheres.....	49
Figura 5: Print screen da pág. Não me Kahlo.....	53
Figura 6: Recorte da aba "Sobre" da pág. Não me Kahlo	54
Figura 7: Print screen da pág. "Sobre" do blog Não Me Kahlo.....	54
Figura 8: Ferramenta encontrada no Facebook para se buscar as publicações	59
Figura 9: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 17 de janeiro de 2015	65
Figura 10: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres " e publicada em 20 de janeiro de 2015 .	68
Figura 11: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 16 de janeiro de 2015	70
Figura 12: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 29 de janeiro de 2015	75
Figura 13: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 19 de janeiro de 2015 ..	77
Figura 14: retirada da pág. "Não Me Kahlo" e publicada em 19 de janeiro de 2015	82
Figura 15: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 26 de janeiro de 2015 ..	83
Figura 16: cartaz original de We can do It, criado em 1943 por J. Howard Millerm.....	85
Figura 17: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 21 de janeiro de 2015 ..	86
Figura 18: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 23 de janeiro de 2015 ..	88
Figura 19: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 19 de fevereiro de 2015.....	90
Figura 20: retirada da pág. "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 08 de março de 2015 ...	92
Figura 21: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 30 de maio de 2015.....	95
Figura 22: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 30 de maio de 2015.....	97
Figura 23: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 16 de junho de 2015	99
Figura 24: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 24 de julho de 2015	102
Figura 25: retirada da pág. "Não me Kahlo" e publicada em 28 de agosto de 2015	103

Sumário

Introdução	11
I Percurso teórico: como analisar textos da Web?	15
1.1 Facebook: Verbo-visualidade e irradiação	15
1.2 Mídium como dispositivo comunicacional e gêneros do discurso	19
1.2.1 A noção de hipergênero	22
1.3 Cenas da Enunciação	23
1.3.1 A cena englobante	24
1.3.2 A cena genérica	27
1.3.3 A cenografia	28
1.4 Novas textualidades e genericidades na Web.....	30
1.4.1 As formas de textualidade	34
II O Movimento Feminista	37
2.1 Abordagem histórica do movimento	37
2.2 O cyberfeminismo	42
2.3 A importância do ano de 2015 para o cyberfeminismo.....	45
2.4 O feminismo no Facebook: sobre o corpus da pesquisa.....	47
2.4.1 As cenografias digitais.....	47
2.4.2 Empodere Duas Mulheres	48
2.4.3 Não me Kahlo	53
2.4.4 Empoderamento e sororidade	56
III Análises	59
3.1 Metodologia.....	59
3.2 Análises das publicações	61
Conclusão	106
Referências Bibliográficas	111

Introdução

Além de circular em outras esferas de comunicação, o feminismo tem ganhado força e visibilidade nos últimos anos graças também a web. São muitos os blogs feministas, campanhas com hashtag nas redes sociais, circulação e compartilhamento de textos de temática feminista. No Brasil, tivemos como exemplo a hashtag #MeuPrimeiroAssedio, que surgiu nas redes sociais em 2015 e foi instrumento para as mulheres compartilharem suas experiência de assédio com homens e, mais recentemente, a hashtag #nenhumaamenos, denunciando casos recorrentes de feminicídio em todo o país.

Nos últimos anos, é possível notar uma proliferação de discursos sobre o movimento feminista no Facebook. Esse mídiun possibilita uma livre propagação do discurso por meio de um espaço que se propõe como democrático. O Facebook, assim como qualquer outra rede social, é uma rede de discursos, pois está inscrito em múltiplas formações discursivas, relações interdiscursivas dinâmicas, hipergêneros e cenografias (Maingueneau, 2013). As páginas¹ feministas na rede social Facebook conquistam um número maior de seguidores a cada dia. Recentemente, a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM-2015), realizada por 5,7 milhões de participantes², abordou o tema da violência contra a mulher, reiterando o destaque atual da pauta. Após esta reflexão, pode-se afirmar que uma pesquisa sobre a circulação do discurso feminista na rede social Facebook é relevante.

Entendemos por "discurso feminista" os discursos que envolvem questões relacionadas ao movimento feminista e às mulheres, como as diversas formas de empoderamento, a luta por direitos, os coletivos feministas, as questões da mulher sobre o próprio corpo etc. No caso, consideraremos o discurso feminista como o conjunto de elementos que de certa forma definem o movimento feminista atual. É um conceito amplo, já que o movimento feminista é heterogêneo e possui diferentes vertentes.

A escolha pelo mídiun Facebook se deve ao fato da necessidade do engendramento de pesquisas que tratam as novas modalidades textuais da web, que surgiram graças ao

¹ Páginas do *Facebook* são comunidades virtuais criadas para promover um determinado tema, ou campanha, ou marca, ou mesmo uma personalidade (artistas, intelectuais, etc). O acesso às páginas permite aos usuários do *Facebook* lerem as postagens dos moderadores e comentarem ou curtirem as postagens.

² Disponível em <<http://novojournal.jor.br/cotidiano/participantes-do-enem-nao-terao-acesso-a-redacao-no-dia-8-diz-inep>> . Acesso em 18/06/2018.

desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação no final do século XX (Maingueneau, 2015).

Com base na reflexão de que a web possibilita tantas novas modalidades e formas de disseminar o discurso feminista, pensamos em analisar uma parcela desses discursos – visto que não há a possibilidade de se analisar tudo, obviamente. Para a escolha mais precisa do corpus de pesquisa, escolhemos analisar textos publicados no ano de 2015 e que contenham as lexias³ *sororidade* e *empoderamento*, lexias que aparecem com certa recorrência⁴ em textos feministas da web. As páginas escolhidas para a análise são as páginas "Empodere Duas Mulheres"⁵ (vez ou outra, EDM) e "Não me Kahlo"⁶ (vez ou outra, NMK), ambas com aproximadamente 1 milhão de seguidores e muitos compartilhamentos. A escolha do ano de 2015 é por ter sido um ano significativo para o ativismo do feminismo, inclusive o ativismo na web (cyberfeminismo) com uso de hashtag como #MeuPrimeiroAssedio, #MulheresContraCunha, #NaoTiraoBatomVermelho, e ainda o decreto da Lei do Femicídio⁷ que prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio no Brasil.

Apesar de o feminismo despertar atualmente bastante interesse nos pesquisadores do discurso, raramente ele tem sido objeto de estudos entre os analistas do discurso, sobretudo no âmbito de teses e dissertações. Dentre os estudos mais pertinentes para os nossos propósitos, podemos fazer referência à edição número 18 da Revista *Argumentation et Analyse do discours*, intitulado *Nouvelles argumentations féministes* e coordenada pelas pesquisadoras Stéphanie Pahud e Marie-Anne Paveau. Nesse número são publicados textos de pesquisadores

³ O termo "lexia" foi criado pelo linguista Bernard Pottier (1972) para indicar a unidade lexical memorizada. Na obra

Grammaire de l'Espagnol, adaptada para o Português com o nome de *Estruturas Lingüísticas do Português*, Pottier distingue as lexias da seguinte forma:

Lexia simples: árvore, saiu, entre, agora;

Lexia composta: primeiro-ministro, guarda-florestal, olho-de-sogra;

Lexia complexa estável: estado de sítio, cesta básica, uma estação espacial, Cidade Universitária;

Lexia textual: "quem tudo quer, tudo perde" .

A lexia seria a manifestação discursiva do lexema, ou a expressão de manifestação do lexema (unidade abstrata do léxico), já que os termos *vocabulo* ou *palavra* são considerados vagos na lexicografia.

⁴ Ao pesquisarmos no buscador Google (URL: <<https://www.google.com/>>), *sororidade* aparece aproximadamente em 406.000 resultados e *empoderamento feminino* aparece em aproximadamente 6.530.000 resultados (escolhemos buscar por "empoderamento feminino" pois a busca por *empoderamento* trará resultados além da questão da mulher, como o empoderamento dos negros, por exemplo).

⁵ URL da página: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts> (acessada em 18/06/2018)

⁶ URL da página: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/?fref=ts> (acessada em 18/06/2018)

⁷ Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015.

franceses e brasileiros e eles nos dão uma visão metonímica da questão do feminista a partir do discurso⁸ no carrefour com as teorias da argumentação.

A presente pesquisa de Mestrado está ancorada teórico-metodologicamente no campo dos estudos do discurso, especificamente na abordagem proposta por Michel Pêcheux e nos conceitos de hipergênero e cenografia propostos por Dominique Maingueneau. O objetivo do trabalho é analisar os discursos que se manifestam a partir de textos multimodais que contenham os dois termos (sororidade e empoderamento) e suas circulações nos textos das duas páginas da rede social Facebook "Empodere Duas Mulheres" e "Não me Kahlo", tendo como hipótese que há diferentes formações discursivas, possibilitando diferentes funcionamentos discursivos que tratam de um mesmo assunto: o feminismo. Por meio da análise, será possível compreender que cenografias são instituídas nos textos a partir da mobilização dos elementos lexicais sororidade e empoderamento. A análise se pautará na descrição das diferentes cenografias e como as mesmas são mobilizadas. As lexias escolhidas (sororidade e empoderamento) são uma espécie de “porta de entrada” para a escolha do corpus de pesquisa. As lexias são extraídas do texto e desejamos, assim, desestruturar as unidades instituídas por meio de percursos inesperados: a interpretação apoia-se sobre a explicitação de relações imprevistas no interior do interdiscurso. Podemos, por meio da desestruturação das unidades, prever percursos baseados em materiais lexicais ou textuais: por exemplo, a retomada ou as transformações de uma mesma expressão em uma série de textos das páginas escolhidas do Facebook, ou então a recontextualização de um mesmo texto. Trata-se de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de ligar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa (Maingueneau, 2007). Por fim, por meio dos percursos inesperados (Maingueneau, 2015), será possível explicitar as relações imprevistas existentes no interior de uma formação discursiva, medir a dispersão e explorar a disseminação dos sentidos das lexias escolhidas. Será possível compreender como os discursos sobre o feminismo se manifestam em determinado mídiu. Após as análises, pretendemos descrever o funcionamento do mídiu e responder às seguintes questões: qual o conceito de feminismo que cada página mobiliza? Como os elementos de coerção do mídiu, responsáveis por determinar e restringir o funcionamento discursivo dos textos multimodais, permitem a disseminação e construção dos discursos ali presentes?

Este trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro deles, "Percurso teórico: como analisar textos na Web?", pretendemos explorar a multimodalidade, as novas

⁸ A edição completa pode ser acessada em <https://journals.openedition.org/aad/2301>

textualidades e a rede social, discutir as dificuldades dos analistas do discurso em analisar textos multimodais, explicitar e descrever a fundamentação teórica utilizada para a análise dos textos, envolvendo conceitos de mídiun, hipergênero e cenografia de Dominique Maingueneau. O segundo capítulo, "O Movimento Feminista", nos mostra uma abordagem histórica do movimento e nos permite compreender a relação entre o chamado cyberfeminismo e a web, detalhes sobre as páginas escolhidas para a extração dos textos do corpus e uma breve introdução sobre a escolha das lexias *sororidade* e *empoderamento*. No último capítulo, "Análises", trazemos as análises de publicações que contenham sororidade e empoderamento e que sejam pautadas no campo dos estudos do discurso e conceitos de Dominique Maingueneau. No último capítulo encontra-se, também, a conclusão do trabalho.

Capítulo I

Percurso teórico: como analisar textos da Web?

1.1 Facebook: Verbo-visualidade e irradiação

O mundo contemporâneo possibilitou que novas tecnologias da comunicação surgissem. Essas novas tecnologias permitiram o aparecimento de novas práticas de comunicação, e juntamente com elas, novos questionamentos acerca das categorias discursivas que os analistas do discurso precisariam mobilizar. Pretendemos, nesse capítulo, trazer um percurso que acreditamos nos dar o embasamento teórico necessário para a reflexão acerca das análises dos textos das páginas do Facebook "Empodere Duas Mulheres" e "Não me Kahlo".

A respeito das redes sociais, Emediato (2015) faz a seguinte reflexão:

O que é uma rede social? É, essencialmente, uma rede de discursos, um espaço retórico por natureza. Como rede de discursos, não se faz nada em uma rede social, no sentido estrito do verbo "fazer". Mas no sentido pragmático, se faz muita coisa em uma rede social, como o *facebook*, por exemplo. A palavra se faz ação, efetivamente. Podemos encontrar, nessa rede, tudo que poderíamos supor no universo de discursos e nos espaços discursivos. Múltiplas formações discursivas, relações interdiscursivas dinâmicas, diferentes gêneros do discurso, e o dialogismo em todos os seus estados. (...) (EMEDIATO, 2015, p. 173)

Na rede social Facebook, a palavra se faz ação; entretanto, sabemos que não só a palavra: uma das características dessa rede social é a "interação entre códigos semiológicos, em especial, a verbo-visualidade" (Emediato, 2015). Se observarmos as postagens, ou as também chamadas publicações, raramente elas vêm sem um suporte visual, uma imagem que possa acompanhar o texto escrito, ou mesmo um vídeo. O autor ainda destaca que outro aspecto determinante do dispositivo é a presença de modalidades técnicas de interatividade, que seria uma forma de reconstituir o dialogismo interlocutivo e aproximar-se o máximo possível das formais dialogais, "estimulando a cotemporalidade no processo de enunciação de forma a suprir a falta da copresença espacial" (Emediato, 2015). No caso do Facebook, as modalidades técnicas de interatividade e de enunciação são quatro: a postagem (publicação), o "curtir" (que atualmente pode ser, também, cinco interações distintas, entre elas: "amei", "triste", "grr" para expressar um descontentamento ou raiva, "haha" quando achamos uma

postagem engraçada ou divertida, ou "uau", quando nos surpreendemos com as informações ali postadas), comentário e compartilhamento.

Não pretendemos, no vigente trabalho, abarcar as questões relacionadas às modalidades técnicas de interação, mas sim salientar que o compartilhamento de textos é também uma forma de aprovação do usuário a respeito do conteúdo ali publicado, já que compartilhar é amplificar a divulgação do texto; "o interlocutor se associa, ou seja, adere à publicação e tem interesse particular em amplificar a sua divulgação" (Emediato, 2015). Os textos com muitos compartilhamentos são, portanto, textos que têm um grande alcance de interlocutores, possibilitando uma maior propagação dos discursos ali materializados e sua irradiação. Sobre o conceito de irradiação:

O fenômeno evocado por Maingueneau (2014) da *irradiação* também se mostra nas redes como de grande relevância. De um lado, o poder de irradiação já é previsto no próprio dispositivo da rede pela ação de compartilhamento. Cada compartilhamento, além de irradiar conteúdos, pode transformar as versões originais e inseri-las em um novo gênero, em outra finalidade pragmática ou em outra perspectiva de problematização. O poder de irradiação das redes equivale ao do marketing viral na internet que, por sinal, já se encontra presente também no Facebook, pois as preferências de consumo do usuário já são codificadas pelas suas práticas de navegação e passam a se vincular a sua página na rede social. (Emediato, 2015, p. 185)

É muito recorrente observarmos o fenômeno de irradiação transformando as versões originais ou modificando o texto fonte em novas postagens. Há também os casos de enunciação ou citações destacadas⁹, muitas vezes ressignificando textos e circulando sentidos que inicialmente não se manifestavam. É possível observar, inclusive, um apagamento da memória que muitas vezes se dá por não estar especificada a origem de uma imagem ou de uma citação/texto escrito. Raramente há referências bibliográficas nas postagens do Facebook. Emediato (2015) afirma que os locutores submetem as suas enunciações às enunciações de outrem, tornando-se subenunciadores por via da dupla enunciação. Às vezes se assumem como enunciadores autônomos, submetendo a enunciação de outrem sob o seu próprio ponto de vista e se tornam, assim, sobreenunciadores.

Nas ações de destacamento (discurso citado) ou no discurso relatado em modalidade não citada (integrada ou narrativizada), o locutor se faz, em geral, sobreenunciador, já que ele anuncia seu ponto de vista sobre o ponto de vista do locutor-fonte e torna seu ponto de vista preponderante e equivalente à afirmação de uma verdade. Ao emitir julgamentos implícitos sobre o ponto de vista do locutor-fonte, ela também "apaga" o ponto de vista da fonte, o seu querer-dizer pode ser distorcido, bem como sua

⁹ Dominique Maingueneau (2015), a partir da teoria das frases sem texto, cria a categoria de enunciação presa e enunciação destacada; entretanto, não pretendemos adentrar nestes conceitos.

finalidade pragmática em proveito do querer-dizer e da nova finalidade pragmática do locutor-citante. Isso ocorre desde o processo de descontextualização que o discurso relatado faz da enunciação de origem, ampliado pela inserção de um novo ponto de vista que passa pela alteração sintática, pela adição ou supressão de trechos do discurso original, pela utilização de verbos de atitude, etc. Assim, o ponto de vista do locutor citante se torna dominante em relação ao ponto de vista do locutor citado. (Emediato, 2015, p. 187)

Este trabalho visa abarcar as publicações originais¹⁰ das páginas "Empodere Duas Mulheres" e "Não me Kahlo". Não pretendemos considerar todas as publicações assumidas pelos sobreenciadores, pois isso não seria possível visto que há uma quantidade muito grande de compartilhamentos; somente consideraremos os compartilhamentos quando há, também, um texto verbal de autoria da página enunciativa junto ao conteúdo compartilhado. Entretanto, mesmo as publicações originais, por mais que possam parecer "inéditas", são irradiações de conceitos e imagens que circulam na web e na maioria das vezes os devidos créditos não são colocados, também por serem de uma fonte desconhecida. As questões sempre aparecem ao nos depararmos com certos textos na web: "Qual a origem dessa imagem?", "De onde foi tirada essa citação?", "Será o autor da página autor também do próprio texto ali publicado?", entre outras. Todas essas questões relacionadas às novas modalidades da web são fruto de transformações ideológicas ou inovações tecnológicas que modificam profundamente as condições de textualidade e, conseqüentemente, a relação entre texto e discurso, como afirma Maingueneau (2015).

Sobre a questão da autoria na web, Maingueneau (2015) ressalta, ao comparar o autor de "obras" ao autor de conteúdo da internet:

O acesso à "publicação" na internet não é mais limitado por intermediários (profissionais da edição, profissionais da impressão e da comercialização, críticos). A proliferação dos produtores e dos textos cria um obstáculo ao destacamento das figuras importantes, raras. A própria identidade da obra se tornou problemática, na medida em que a estabilidade dos textos se tornou incerta, e com ela a própria possibilidade de construir uma memória. A cada hora, a cada minuto, o texto publicado na internet pode ser modificado em seu conteúdo, em sua apresentação ou sua posição na arquitetura do site; de forma a ser impossível afirmar qual é a "boa" versão do texto. (Maingueneau, 2015, p. 78)

Um exemplo de postagem/publicação no Facebook de uma das páginas a serem analisadas:

¹⁰ Entende-se por "publicações originais" as publicações de própria autoria das páginas, que não são compartilhamentos de publicações de outras páginas.

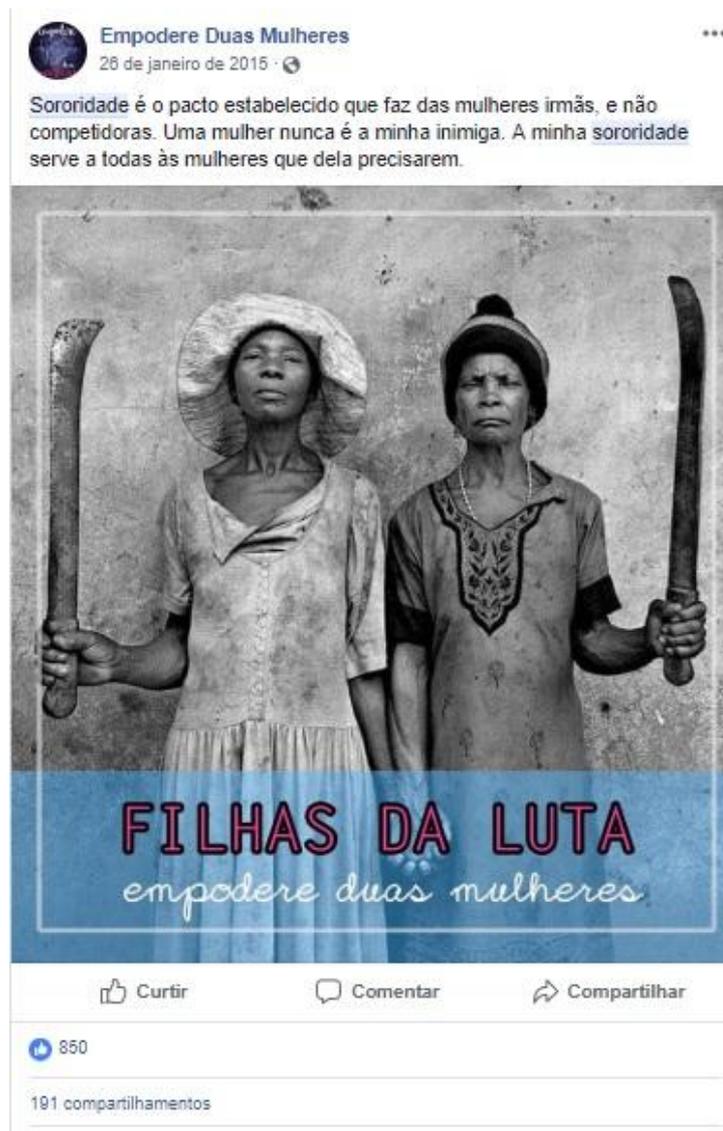


Figura 1: retirada da página "Empodere Duas Mulheres"¹¹

Nesse exemplo de publicação (Figura 1), é possível observarmos a verbo-visualidade, o número de curtidas (850) e o número de compartilhamentos (191). Não há qualquer referência bibliográfica a respeito do texto ("*Sororidade é o pacto estabelecido que faz das mulheres irmãs, e não competidoras. Uma mulher nunca é a minha inimiga. A minha sororidade serve a todas as mulheres que dela precisarem*"), portanto podemos supor que é um texto de autoria da própria página "Empodere Duas Mulheres". Também não há referências bibliográficas do texto imagético, no qual observamos duas mulheres munidas de facões. Possivelmente, essa imagem representa algum momento histórico importante na luta das mulheres, mas essa memória é apagada quando colocada em um texto da web relacionado

¹¹ Publicada no dia 26 de janeiro de 2015. URL da página: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts> (acessada em 25/06/2018)

com sororidade. Estas são somente algumas das dificuldades que encontramos ao analisarmos textos de páginas do Facebook. Voltaremos a essa análise, de forma muito mais detalhada, no capítulo 3.

Pretendemos, nos próximos itens, trazer um percurso teórico a respeito das novas formas de textualidade na web: será que os conceitos clássicos, como gênero de discurso, são suficientes para se analisar textos na web? Se não, como o analista do discurso daria conta de analisar textos da internet?

1.2 Mídium como dispositivo comunicacional e gêneros do discurso

É necessário refletirmos sobre a importância da manifestação material dos discursos, ou seja, seu suporte e seu modo de difusão. De acordo com Maingueneau (2013), o mídiun não é um simples "meio" de transmissão de discurso, mas ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. "O mídiun não é um simples "meio", um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiun modifica o *conjunto de um gênero de discurso*" (Maingueneau, 2013). De acordo com o autor, foi com a chegada dos mídiuns audiovisuais e o desenvolvimento da informática que descobrimos a importância do papel do mídiun, já que seu surgimento provocou uma ruptura com a sociedade do livro. Para o mídiun de um gênero do discurso, não basta levar em conta seu suporte material no sentido estrito (oral, escrito, manuscrito, televisivo, etc), mas também é necessário considerar o conjunto do circuito que o organiza. Ao modificarmos as condições materiais da comunicação do discurso feminista, por exemplo, transformamos radicalmente os "conteúdos" e a maneira de dizê-lo, como acontece no Facebook. O mídiun é um dispositivo comunicacional que integra os processos e mudanças históricas de uma sociedade, pois "uma sociedade não se distingue das formas de comunicação que ela torna possíveis e que a tornam possível" (Maingueneau, 2013, p. 82).

Juntamente às mudanças históricas e sociais e o surgimento da web, a categoria de gênero do discurso foi também questionada. A princípio, de acordo com Maingueneau (2010), a categoria de "gênero do discurso" é baseada em critérios situacionais: "o papel dos participantes, o objetivo, o mídiun, organização textual, o tempo e o lugar, etc." (Maingueneau, 2010, p. 130).

Gêneros são considerados dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando e aos quais podem ser facilmente

aplicadas metáforas como "contrato", "ritual" e "jogo". (...) Por algumas décadas, particularmente sob a influência da etnografia da comunicação e das ideias de Bakhtin, a categoria de gênero do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos em sociedade. Como resultado, jornais, programas de entrevistas na tv, transações em lojas, etc são considerados gêneros do discurso; eles podem ser indefinidamente diversificados, de acordo com o grau de precisão que os analistas do discurso pretendam obter. (Ibidem, p. 130)

Segundo Maingueneau, gênero do discurso é uma unidade tópica fundamental. As unidades *tópicas*¹² são espaços pré-delineados pelas práticas sociais. Os analistas devem categorizar os tipos de unidades com as quais eles pretendem trabalhar, unidades que serão delimitadas e construídas em função dos objetivos da pesquisa. A categoria de gênero do discurso pode ser entendida "como uma instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho e administração..." (Maingueneau, 2015, p. 66). A categoria gênero do discurso inclui as situações comunicacionais e está ligada à concepção de "eventos comunicativos", em que os falantes reconhecem as atividades em curso como eventos em que precisam contribuir, e, de acordo com seus conhecimentos socioculturais sobre aquele gênero, sabem como tal gênero ocorre, podendo ou não participarem dele. Maingueneau (2016) distribui os gêneros de discurso em três grupos:

1) Os *gêneros autorais*, que incluem um autor e um destinatário e possuem indicações sobre o texto, como "ensaio", "meditação", "aforismo" etc. Os autores definem parcialmente, às vezes junto com um editor, de maneira unilateral, o quadro conversacional no qual inscrevem o texto. Gêneros autorais que estão presentes em certos gêneros de discurso: o literário, filosófico, religioso, político, jornalístico etc.

2) Os *gêneros rotineiros*, que são os gêneros mais privilegiados pelos analistas do discurso, como revistas, entrevistas, regulamentos, formulários administrativos etc. Os papéis dos participantes são fixados *a priori* e em geral permanecem estáveis durante o processo comunicativo. Os locutores participam de um quadro preestabelecido, e os parâmetros do gênero são resultados de coações ligadas a uma situação social específica: são as práticas sociais estabelecidas através da interação de múltiplas coações de diversas ordens. São repartidos, de acordo com o autor, em dois polos: de um lado, os mais ritualizados e que deixam pouca margem de manobra aos locutores (como, por exemplo, os gêneros jurídicos); e outros que deixam uma margem maior de variação aos locutores (como exemplo, os gêneros políticos e publicitários).

¹² Dominique Maingueneau também cita as unidades não tópicas, as quais falaremos no capítulo 3.

3) Os *gêneros conversacionais*, que são as interações orais cotidianas, não reguladas por instituições, e que não há papéis ou *scripts* estabelecidos para a prática comunicacional. Enquanto as coações dos gêneros rotineiros são *globais* (de acordo com Maingueneau¹³, "carregam o conjunto de atividade") e *verticais* ("impostas pelo sistema de lugares preexistentes"), são as coações *horizontais* que prevalecem nos gêneros conversacionais, em que os participantes estão sempre repensando seus papéis. Conforme Maingueneau, "De fato, as conversações se prestam mal a uma análise em termos de gênero, de atividades tipificadas. Isso não significa que não se pode distinguir diversos tipos de conversação, mas não se trata propriamente de falar de gêneros de discurso." (Ibidem, p. 139)

Podemos simplificar a tripartição entre os gêneros autorais, rotineiros e conversacionais, distinguindo dois grandes registros de atividade verbal: de um lado, aquelas conversacionais, de outro, aquelas atividades verbais que se podem dizer institucionais (gêneros autorais e rotineiros) para as quais a categoria de gênero é plenamente pertinente. Pode-se, entretanto, encontrar casos de práticas que pertencem a dois registros: por exemplo, conversações que sejam fortemente ritualizadas. Além disso, na realidade, pode-se passar constantemente de um regime a outro: uma consulta médica pode se tornar uma conversação. (Maingueneau, 2016, p. 139)

A discussão a respeito de gêneros do discurso foi trazida inicialmente por Mikhail Bakhtin. Em seu livro *Estética da Criação Verbal*, publicado originalmente em Moscou em 1979, Bakhtin distingue os gêneros entre gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos). Os gêneros secundários "aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica" (Bakhtin, 1997, p. 281). Os gêneros secundários do discurso seriam o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. Os gêneros primários se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, ligadas ao diálogo oral, mas ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, "transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (...)" (Bakhtin, 1997, p. 281). O autor traz o exemplo de réplicas de diálogos ou cartas inseridas em um romance, que conservam sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, se integrando à realidade existente através do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. A respeito da reflexão sobre gêneros primários e gêneros secundários, Maingueneau aparentemente se aproxima de Bakhtin quando nos apresenta a categoria de hipergênero.

¹³ Maingueneau, 2016, p. 139

1.2.1 A noção de hipergênero

Contrário a teoria de gênero de discurso, a categoria de hipergênero, trazida por Maingueneau¹⁴, não sofre restrições sócio-históricas: é como se os hipergêneros enquadrassem uma faixa de textos que podem ser usados durante longos períodos e em muitos países e são textos com poucas restrições, como “diálogo” e “carta”. Ao analisar carta e diálogo, Maingueneau (2015) pôde confirmar que ambas se organizam em estruturas genéricas e apresentam restrições fracas e que, além disso, mantêm uma relação íntima de conversação com o interlocutor. Tanto a carta quanto o diálogo podem vincular qualquer tipo de conteúdo e podem ser utilizadas em situações de comunicação muito variadas. No diálogo, por exemplo, deduz-se que são necessários apenas dois interlocutores. “O hipergênero traz à cena os enquadramentos que estão situados “acima” do gênero¹⁵”, afirma Maingueneau (2010). O hipergênero não é um gênero do discurso pois não pode ser tomado como um dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido, mas uma “formatação com restrições fracas que pode recobrir gêneros muito diferentes”, um modo de organização da fala¹⁶.

Seria a categoria gênero do discurso, ou mesmo a categoria de gênero de texto, pertinentes para analisarmos textos da web? Podemos falar do mesmo gênero fora da web e na web?

Maingueneau responde estas questões afirmando que o hipergênero seria uma categoria mais adequada para analisarmos textos na web:

A noção de hipergênero pode ser útil para estudar as práticas comunicacionais na internet. “Blogs”, por exemplo, não podem ser considerados gêneros. Na realidade, “blog” é uma categoria que atravessa categorias temáticas (pessoal, institucional, comercial, educacional...) e impõe rígidas restrições formais. Ele é uma espécie de hipergênero típico, cujas propriedades comunicativas são mínimas: alguém (com um nome próprio) fala sobre si mesmo (a) para alguém que esteja visitando seu website. (Maingueneau, 2010, p. 131)

¹⁴ Maingueneau introduz o conceito de hipergênero em *Scénographie épistolaire et débat public*, artigo publicado na obra *La lettre entre réel et fiction*, organizado por J. Siess, em 1998. O artigo foi traduzido no Brasil por Décio Rocha e publicado como um dos capítulos de *Cenas da Enunciação*, em 2010, pela editora Parábola.

¹⁵ Quando Maingueneau cita “gêneros”, ele se refere a “gêneros de texto”, e não “gêneros de discurso”. Gêneros de texto obedecem a um certo número de normas, mas não são gêneros do discurso, ou seja, não são uma atividade verbal autônoma. O gênero de texto é só um componente do gênero do discurso. Como exemplo de gênero, o autor traz os casos de diversos gêneros de imprensa, como o editorial, a notícia, a previsão meteorológica, o horóscopo, gêneros naturalmente textuais.

¹⁶ Maingueneau, 2015, p. 130

Para finalizarmos esse item, Maingueneau faz a seguinte estruturação de hierarquia dos suportes materiais, que o próprio autor chama de "clássico", pois a internet não é considerada (Ibidem, p. 132):

Suportes: mídiun > modos de comunicação de mídiun > hipergênero > gênero.

Pretendemos, nos próximos itens, descrever as cenas de enunciação, explicitar melhor as novas formas de textualidade na web, destrinchar a questão do hipergênero e relacioná-lo ao conceito de cenografia, o conceito "chave" para as análises dos textos que apresentaremos no capítulo 3.

1.3 Cenas da Enunciação

Gênero do discurso é uma unidade tópica fundamental e pretendemos abordá-lo, agora, em termos de cenas da enunciação (Maingueneau, 2013) ¹⁷. O autor contrapõe as noções de “cenas da enunciação” às noções de “situação de enunciação”, que seria da ordem estritamente linguística, e “situação de comunicação”¹⁸, abordagem puramente sociológica usada em contextos de descrição de atividade de fala, de alguma forma a partir do exterior.

O termo “cena” apresenta ainda a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um *quadro* e um *processo*: ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (“na cena se encontra...”, “o rei entra na cena”), e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço (“ao longo da cena”, “uma cena doméstica”)¹⁹. (Maingueneau, 2015, p. 117)

¹⁷ Apesar de a referência bibliográfica ser do ano de 2013, este seria o ano da 6ª edição da obra “Análise dos textos de comunicação” no Brasil. Maingueneau traz esse conceito originalmente na versão francesa “Analyser les textes de communication” da editora Dunod, em Paris, em 1998.

¹⁸ Sobre esta discussão, Maingueneau traz no capítulo 11 do livro “Doze conceitos em Análise do Discurso” (2010) as diferenças entre situação de comunicação, situação de enunciação e cenas da enunciação. De forma bastante resumida, a situação de enunciação nos leva a Émile Benveniste na criação do seu sistema onde são definidas três posições fundamentais de *enunciador*, *co-enunciador*, e de *não-pessoa*. As categorias mobilizadas por Benveniste incluem *pessoa*, *espaço* e *tempo*, sendo os elementos embreadores *eu*, *aqui* e *agora*. Os enunciados *embreados* se vinculam à situação de enunciação, enquanto os *debreados*, não. Na situação de comunicação, os modelos propostos por Dell Hymes nos anos 60 pretendem dar conta da situação de discurso do qual o texto é indissociável. Esses modelos mobilizam parâmetros como: finalidade, estatutos para parceiros, circunstâncias apropriadas, modo de inscrição na temporalidade, suporte e esquema textual. Trata-se de uma abordagem do ponto de vista sociológico.

¹⁹ Há uma nota de rodapé na obra afirmando que o efeito se mantém mais claramente em expressões como “quando ele entra em cena” e “durante a cena do assassinato”.

Para o autor, o discurso pressupõe um quadro que é definido pelas restrições do gênero do discurso, mas também deve gerenciar o quadro pela encenação de sua enunciação. Entretanto, “(...) a relação entre o quadro prévio e a encenação da fala que a enunciação implica não é a mesma em todos os gêneros do discurso” (Ibidem, p. 117).

Maingueneau faz uso de metáforas teatrais pois há, desde a antiguidade, uma longa tradição de que na sociedade somos homens apenas desempenhando papéis em um imenso teatro²⁰. Os sujeitos estão mais conscientes de que participam de uma peça de teatro quando são mobilizados pelo gênero do discurso. O autor traz o exemplo do policial que verifica o documento de algum cidadão e que intervém como agente da força pública, e não enquanto pai de família, com filhos, homem morenos, sulista, etc. Já o indivíduo identificado, “(...) ele o é apenas quanto às oposições ter ou não ter documentos regularizados, ser ou não ser procurado pela justiça etc” (Ibidem, p. 118). Se pensarmos na conversa pela psicoterapia, invocam-se outras propriedades importantes: ser homem ou mulher, angustiado ou triste, infeliz no amor, conflito com os filhos, etc. “Nossa personalidade é tecida por múltiplos “papéis”, que nos são atribuídos. Encontramo-nos sempre confrontados com o paradoxo de uma teatralidade da qual não podemos sair”, afirma Maingueneau (Ibidem, p. 188).

A cena da enunciação de um gênero do discurso faz interagir três cenas: a cena *englobante*, a cena *genérica*, a *cenografia*. Juntamente a hierarquia dos suportes materiais, Maingueneau (2010) desenvolve também a hierarquia dos componentes da cena da enunciação, que ele considera "pré-internet":

Cena de enunciação: cena englobante > cena genérica > cenografia.

1.3.1 A cena englobante

A *cena englobante* se assemelha à definição de “tipo de discurso”, que, segundo Maingueneau, “resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso”²¹. O autor traz vários exemplos²² que ajudam no entendimento do conceito: o primeiro deles, como quando recebemos um folheto na rua, devemos determinar a

²⁰ Para Maingueneau (2015), os trabalhos de E. Goffman mostraram a produtividade dessa metáfora para as interações conversacionais.

²¹ Maingueneau, 2015, p. 118

²² Os exemplos se encontram no capítulo 10 da obra “Discurso e Análise do Discurso”, publicada no Brasil em 2015.

que título ou assunto ele nos interpela, se ele é resultante de um discurso político, publicitário, religioso etc. Quando pensamos numa cena englobante política, por exemplo, pensamos em um cidadão dirigindo-se a outros cidadãos sobre temas que dizem respeito ao coletivo, à sociedade, a melhorias sociais, etc. Na cena englobante científica, o locutor deve mostrar que conhece as normas impostas pelo que é considerado “científico”: serenidade, objetividade, clareza, imparcialidade etc. É a cena englobante que define a situação dos parceiros e um certo quadro espaçotemporal. Não podemos, por exemplo, falar de cena publicitária, administrativa, literária, religiosa etc para toda e qualquer sociedade sem considerarmos a época. Entretanto, podem surgir momentos de dúvidas: e quando um texto participar de duas cenas englobantes ao mesmo tempo? Maingueneau (2015) traz o exemplo das entrevistas radiofônicas do escritor Paul Claudel e Jean Amrouche, difundidas pela France Culture em 1951-1952: trata-se de uma cena englobante midiática. As entrevistas foram posteriormente (1954) publicadas em livro e foram então situadas na cena literária e dissociadas da cena midiática, pois foram apresentadas como fazendo parte da obra de Claudel, creditado na capa como único autor. Observamos aí uma outra dificuldade: o encaixamento de cenas englobantes. Por que as entrevistas foram atribuídas à cena midiática e não à cena radiofônica? Maingueneau esclarece que:

(...) é o pesquisador, em função de seus objetivos, que é levado a decidir em que nível vai situar a cena englobante pertinente. Tais decisões não são sem consequências: não é indiferente inscrever os romances de Júlio Verne na cena englobante da “literatura” ou somente na da “literatura juvenil”, mais restrita. (Maingueneau, 2015, p. 120)

O autor também salienta a importância do gênero do discurso para compreendermos a cena englobante:

Dizer que a cena de enunciação de um enunciado político é a cena englobante política, ou que a cena de um enunciado filosófico é a cena englobante filosófica etc. é insuficiente: um coenunciador não está tratando com o político ou com o filosófico em geral, mas sim com *gêneros do discurso* particulares. Cada gênero de discurso define seus próprios papéis: num panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um candidato dirigindo-se a eleitores; numa aula, trata-se de um professor dirigindo-se a alunos etc. (Maingueneau, 2013, p. 96)

A seguir, um exemplo de publicação de uma das páginas a serem analisadas a fim de estabelecermos uma cena englobante:



Figura 2: retirada da página "Empodere Duas Mulheres"²³

De acordo com Maingueneau (2015), é o analista do discurso que deve decidir em que nível vai situar a cena englobante pertinente. O texto acima se encaixaria em uma cena englobante feminista, pois há a menção ao movimento feminista na formulação "*Quando nós nos priorizamos, mulheres cis, homens e mulheres trans dentro do movimento feminista, nós nos fortalecemos*" e por se tratar de uma página que publica textos para mulheres. Retomando o fato de que a cena englobante também está relacionada à época em que o discurso circula, é preciso salientar que o discurso feminista tem se propagado na web nos últimos anos²⁴. Quando decidimos retratar certos textos como portadores de uma cena englobante feminista, consideramos assuntos e temas a respeito da luta pelos direitos das mulheres, incluindo o direito sobre o próprio corpo, da união entre as mulheres na luta contra o patriarcado, da sororidade entre as mulheres, dos movimentos históricos feministas, do ativismo feminista nas

²³ Publicada no dia 21 de janeiro de 2015. URL da página:

<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts> (acessada em 25/06/2018)

²⁴ Trataremos mais informações a respeito do feminismo na web no capítulo 2.

ruas, do empoderamento das mulheres, entre outros temas pertinentes ao movimento feminista, que é heterogêneo e de pautas diversas²⁵. Se o texto, seja ele multimodal ou não, tratar desses assuntos, consideraremos que ele se encaixa na cena englobante feminista, como os textos que escolhemos para as análises do capítulo 3.

1.3.2 A cena genérica

As *cenias genéricas* representam a realidade mais tangível e imediata para os analistas do discurso. Elas funcionam como normas que suscitam expectativas e são associadas aos gêneros do discurso. São associadas, para cada gênero, uma ou mais finalidades, papéis para os parceiros, um lugar apropriado para seu sucesso, um modo de inscrição de temporalidade, um suporte, uma composição e um uso específico de recursos linguísticos²⁶.

Sobre as *finalidades*, podemos supor que os locutores atribuam ou sejam capazes de atribuir finalidades às atividades que participam. De acordo com Maingueneau (2015), esse fator é importante para poder regular as estratégias de produção e de interpretação de enunciados e são realizadas espontaneamente, na maior parte das vezes, a não ser que os locutores desconheçam o gênero que estão fazendo uso. As respostas sobre a finalidade de um gênero do discurso podem ser diferentes de acordo com diferentes locutores. Como exemplo, se perguntarmos a um aluno de letras qual é a finalidade de uma dissertação, a resposta será diferente se essa questão for perguntada a um jornalista. "Os gêneros instituídos têm certa autonomia em relação às representações daqueles que as mobilizam. São instituições que, como tais, lhes preexistem e se mantêm para além deles" (Maingueneau, 2015, p. 121).

Em um gênero do discurso, os locutores possuem *papéis* e a cada um deles são atribuídos direitos e deveres e também competências específicas. "Há papéis "estatutários" (professor, presidente, comerciante...) associados a certos comportamentos discursivos e a certos papéis propriamente "verbais" (interrogador, narrador...) e a certas atitudes durante a enunciação (entusiasmo, calma, benevolência...)" (Ibidem, 2015, p. 121).

O *lugar apropriado* pode se tratar de um lugar físico (uma escola, uma sala de reunião, um tribunal...), mas, para emissões de rádio, tv, web e textos escritos, são espaços de outro tipo. Há lugares que são impostos pelo gênero (tribunais para julgamentos, cartório para casamentos etc) e outros não, como reunião eleitoral ou então uma cerimônia de despedida.

²⁵ Há detalhes sobre a página no capítulo 2.

²⁶ Dominique Maingueneau descreve todos esses itens na obra "Discurso e Análise do Discurso" (2015). Aqui, pretendemos resumir esses conceitos.

Entretanto, Maingueneau salienta que " (...) a escolha do lugar nunca é indiferente, sobretudo para os discursos com forte carga simbólica: os candidatos em uma eleição importante escolhem cuidadosamente o lugar no qual vão anunciar sua candidatura" (Ibidem, p. 121).

A periodicidade ou a singularidade dos enunciados, juntamente com a continuidade, o prazo de validade são modos de inscrição da *temporalidade*. Um texto é também indissociável do seu modo de existência material, ou seja, do seu *suporte* (livro em papel, ondas de rádio, oralidade face a face, etc).

Ainda segundo Maingueneau, é necessário dominarmos um gênero de discurso para termos consciência mais ou menos clara de sua forma de organização e encadeamento, formando sua *composição*. Uma dissertação de Mestrado, um jornal televisado ou decisões da justiça seguem um planejamento de texto: têm partes diferenciadas e uma ordem a ser seguida. Ademais, há o *uso específico de recursos linguísticos*:

(...) todo locutor tem à disposição um repertório mais ou menos extenso de variedades linguísticas (quer se trate de escolher entre diversas línguas ou dialetos, ou entre diversos registros no interior da mesma língua) e cada gênero do discurso impõe, tacitamente ou não, restrições na matéria (...). (Maingueneau, 2015, p. 122)

Para o autor, as duas cenas (cena genérica e cena englobante) formam juntas o que ele denomina de *quadro cênico*²⁷. É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido.

1.3.3 A cenografia

Para concluir a teoria de cenas da enunciação, Maingueneau nos apresenta a *cenografia*. Para o autor (2015), enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação única, singular, da enunciação, e essa encenação única seria a cenografia.

Quando um leitor se confronta com um gênero do discurso e seu *quadro cênico*, é a cenografia que vai, de fato, fisgá-lo. É como se a cenografia levasse o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano. Como exemplo clássico, temos a publicidade que pode nos apresentar um texto como uma conversa telefônica, e não como uma propaganda de gênero determinado, por exemplo, nos fazendo cair numa espécie de "pegadinha". "(...) a cenografia

²⁷ Maingueneau, 2013, p. 97

não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala" (Maingueneau, 2013, p. 98).

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso. (Maingueneau, 2015, p. 123)

Temos como exemplos os romances que são enunciados por meio de uma *cenografia* de relato de viagem, de uma conversa, de uma correspondência amorosa, de um diário íntimo etc. Maingueneau (2015) nos traz um exemplo de Blaise Pascal que, em 23 de janeiro de 1656, escreveu a primeira carta a um "provincial de seus amigos"²⁸. Ele se afasta da cena genérica do seu texto (a de um escrito polêmico que visava defender uma causa religiosa que era a dos jansenistas) e repousa sobre uma cenografia de "um homem culto e honrado que ignora as querelas dos teólogos e escreve uma carta a um amigo do interior para informá-lo, em um tom irônico e em um francês desprovido das tecnicidades teológicas, da pesquisa que realizou sobre o conflito em curso entre os jansenistas e a Sorbonne" (Maingueneau, 2015, p. 123). Pascal, dessa forma, por sua própria enunciação, mostra que um indivíduo não especialista em teologia, que dispõe do domínio de uma língua "comum", pode legitimamente debater sobre teologia.

Em outras palavras, o locutor deve, em seu enunciado, configurar um mundo cujas propriedades sejam tais que justifiquem o próprio quadro da enunciação: é preciso apresentar a querela jansenista a partir de determinado olhar para justificar que se participe dela publicando uma carta destinada a pessoas comuns e que mobiliza os recursos linguísticos delas. **Uma cenografia só se desenvolve plenamente se o locutor puder controlar seu desenvolvimento.**²⁹ (Maingueneau, 2015, p. 123)

²⁸ "Les Provinciales (em português As Provinciais) são um conjunto de 18 cartas da autoria de Blaise Pascal, escritas para defender o jansenista Antoine Arnauld, oponente dos jesuítas, que estava em julgamento pelos teólogos de Paris. Em 1656, no cerne da controvérsia motivada pelas condenações pontifícias ao Jansenismo e pela expulsão de Arnauld da Sorbonne, Pascal encontra-se com este em Port-Royal-des-Champs e aceita um convite para por o seu talento literário ao serviço da causa". (Fonte: Wikipedia. URL <https://pt.wikipedia.org/wiki/Les_Provinciales> Acesso em 02/07/2018)

²⁹ Negrito nosso.

Já que uma cenografia só se desenvolve de forma plena se o locutor puder controlá-la, as cenografias mais estáveis são as enunciações monológicas. Em uma interação oral, como o debate por exemplo, é difícil para todos os participantes interagirem numa mesma cenografia imposta, já que eles são sempre obrigados a reagir a situações imprevistas e modificar a encenação da palavra.

Conforme Maingueneau (2015), a cenografia pode ainda se manifestar em duas diferentes modalidades: a *endógena* e a *exógena*. A cenografia é *exógena* quando contrasta com a cena genérica efetiva como no exemplo supracitado, a respeito da carta de Pascal. No caso da carta de Pascal, a cenografia sobrepõe a cena genérica.

A cenografia é *endógena* quando ela não sobrepõe outra cena genérica. Ela se constrói atribuindo um valor particular de quem fala, para quem fala, onde fala e quando fala. Na obra *Discurso e Análise do Discurso* (2015), Maingueneau nos apresenta o exemplo³⁰ do discurso político do candidato à presidência na França, José Bové, dirigida a um conjunto de eleitores no primeiro turno da eleição de 2007. No texto, o enunciador se institui como "porta-voz de um agrupamento" e como "sindicalista camponês, militante, cidadão engajado..."; a isso se juntam a postura feminista do candidato que se manifesta pela inscrição de marcas do feminino (em francês, "militant-e-s" e "insurgé-e-s") ou termos de tratamento femininos ("Cidadãs, cidadãos..."), e a postura ambientalista ("uma verdadeira transformação social, feminista, democrática e ecológica"; "Seu voto é importante para derrotar a direita e a extrema-direita, que promovem a regressão social e ambiental"). Essa cenografia só faz sentido se relacionada "ao(s) cenário(s) característicos do posicionamento político que o locutor reivindica." No caso, um cenário político por meio do qual a esquerda se legitima (agregar a todos para promover a justiça social e lutar contra os privilégios). Maingueneau (2015) ainda salienta que se trata de uma esquerda "alternativa", já que inclui também os ambientalistas e as feministas. "A dificuldade consiste em associar esses diversos cenários na unidade de uma posição de enunciação" (Ibidem, p. 126)

1.4 Novas textualidades e genericidades na Web

O desenvolvimento, no final do século XX, de novas tecnologias da comunicação possibilitou novas práticas de comunicação, que são específicas desse universo digital. Por conta disso, os analistas do discurso são levados à reflexão se as categorias de análise

³⁰ Aqui trata-se de um resumo da análise. Para análise detalhada e acesso ao texto analisado, consultar a obra de Dominique Maingueneau "Discurso e Análise do Discurso" da Editora Parábola, 2015

utilizadas anteriormente, quando o mundo ainda era estruturado pela dualidade oral/escrito³¹, são pertinentes para analisar textos dessas novas práticas.

Para responder a essas perguntas, Maingueneau (2015) considera a questão de que uma parte crescente da comunicação é *multimodal*, ou seja, mobiliza simultaneamente diversos canais. O discurso oral já é multimodal pois a comunicação ativa possibilita a produção de um fluxo sonoro e a de movimentos corporais associados. É uma junção de gestos e signos linguísticos, que inclusive são estudados por pesquisadores que visam propor modelos de produção de linguagem em que a cognição verbal e a cognição visual trabalhem juntas. Maingueneau salienta que o maior problema é

(...) saber quais são as relações entre esses dois modos, sendo claro que a gestualidade não se contenta em ilustrar o que a fala diz: cada uma delas mantém relações de complementaridade com a outra, em função do tipo de atividade exercida (descrição, explicação, narração...) e da atitude do locutor em relação a sua própria enunciação e à do outro. (Maingueneau, 2015, p. 160).

Ao refletirmos sobre a questão da web, o que mais contribuiu para impor problemáticas ligadas à multimodalidade são os textos "escritos" que comportam elementos "icônicos", chamados pelo autor de *iconotexto*, termo utilizado para designar as produções semióticas em que imagem e fala são indissociáveis. Não só os sites da web, mas emails, SMS, emoticons, publicidade, apresentação de PowerPoint, publicação em redes sociais incluindo o Facebook, entre outros. Maingueneau (2015) salienta que, mesmo a imprensa escrita tradicional é obrigada a privilegiar a encenação, o visual, produzindo diagramações baseadas no fenômeno da hiperestrutura³². Um texto se torna diversos textos menores, formando um mosaico de módulos heterogêneos, dispostos em uma página dupla.

A importância da produção icônica se traduz, assim, em dois níveis: de um lado, os enunciados verbais se incrustam nas imagens ou as imagens acompanham os textos; do outro, o próprio conjunto que as imagens e os enunciados verbais formam constitui também uma forma trabalhada em si mesma. (Ibidem, p. 160)

Um número crescente de produções discursivas é multimodal, e essas mudanças exigem que o olhar do pesquisador, ao escolher seu corpus multimodal, não restrinja os estudos apenas aos materiais verbais (orais ou escritos), somente se for uma escolha justificada pelos objetivos da própria pesquisa.

³¹ Maingueneau, em *Discurso e Análise do Discurso* (2015), faz a reflexão de que a principal revista desse campo, a *Discourse Studies*, publicada em 1999 pela editora Sage e dirigida por T. van Dijk, era "*for the study of text and talk*", expressão que repousa, de maneira implícita, sobre essa dualidade.

³² Ver Grosse e Seibold, 1996; Adam e Lugin, 2000.

Utilizando a escolha lexical de Maingueneau, a multimodalidade é levada ao *paroxismo* pelo desenvolvimento da web, já que a internet suscitou, e ainda suscita, novas práticas de comunicação, como e-mail, fóruns, blogs. É possível também questionarmos a concepção que podemos ter de discursividade e, principalmente, dos gêneros de discurso. De acordo com Sheperd e Watters (1998) *apud* Maingueneau (2015), há dois tipos de gêneros na web: os que retomam os gêneros de outras mídias (por exemplo, o impresso ou o vídeo) e os verdadeiros "cybergêneros", específicos da web. É inegável que gêneros como fóruns, chats derivem de modelos de conversação, assim como alguns sites jornalísticos se apoiem nos jornais impressos, assim como os dicionários online, etc. Entretanto, não é porque há uma relação com gêneros escritos e orais de práticas anteriores que significa que derivem da mesma ordem. Quando consideramos a questão do *mídiu*m, e a de gênero de discurso, podemos estabelecer que o gênero na web é o mesmo que o gênero fora da web?

Ao retomarmos o conceito de *mídiu*m, sabemos que, quando modificamos as condições materiais da comunicação, transformamos radicalmente os "conteúdos" e a maneira de dizê-lo. O *mídiu*m é um dispositivo comunicacional que integra os processos e mudanças históricas de uma sociedade. Ou seja, não é possível considerarmos que, ao mudarmos o *mídiu*m, não mudaremos também os elementos de análise desses textos na web.

Recuperando a questão do gênero de discurso, sabemos que no conceito "clássico", o hipergênero tem um papel periférico, ou seja, ele não se situa no grupo de gênero de discurso, mas no grupo de gênero, e a cena genérica é situada no centro. Conforme Maingueneau (2015), esse sistema não é pertinente a web, pois, de acordo com o autor, na web a cena genérica é enfraquecida. Os sites na web são submetidos às mesmas restrições técnicas, produzindo uma necessidade de poder circular por hiperlinks a outro site. Dessa forma, há uma espécie de "homogeneização", ou mesmo "aplinação"³³ das diferenças entre as cenas genéricas. Se a cena genérica é enfraquecida na web, é a **cenografia**, a encenação da informação, que se destaca: ela mobiliza os recursos multimodais (imagem fixa ou móvel, som) e as operações hipertextuais.

Segundo Maingueneau (2015), existem dois tipos de cenografias na web: a cenografia digital e a cenografia verbal.

A cenografia "verbal" é implicada pela enunciação: para a *Lettre à un provincial* de B. Pascal, por exemplo, a cenografia é a relação epistolar de um parisiense com um amigo que vive no interior. Mas, ao disponibilizar essa carta em um site da internet, ela será integrada a uma nova configuração, uma cenografia *digital*, que reveste a

³³ Termo utilizado por Maingueneau (2015)

cenografia propriamente verbal: ela será ao mesmo tempo uma imagem na tela, um suporte de operações (por exemplo, pode-se clicar sobre determinada palavra ou grupo de palavras), um constituinte da arquitetura do site no qual ela figura. (Maingueneau, 2015, p. 162)

Há três categorias as quais a cenografia digital pode ser analisada (Ibidem, 162): um componente *iconotextual* (as imagens mostradas no site e reconstituídas em um conjunto de imagens na tela), um componente *arquitetural* (o site é uma rede de páginas com hiperlinks configuradas de uma determinada maneira), um componente *procedural* (cada site tem uma rede de instruções ao internauta). A cenografia digital é resultado da interação entre esses três componentes. Um site pode possuir uma cenografia procedural didática ou objetiva, mas uma cenografia iconotextual mais "poética" ou elegante e ambas se contrastam.

As transformações da web não se limitam à genericidade, mas também abordam a textualidade. Maingueneau salienta que a web tende a desestabilizar o reconhecimento do texto principal e um paratexto (prefácio, notas de rodapé...). A "página" não pode ser entendida em sua totalidade só com uma "olhada", é necessário rolar a tela algumas vezes. O texto, que na verdade é um mosaico de módulos heterogêneos do ponto de vista enunciativo e modal, se mistura com sinais, diagramas, propagandas, começos de artigos, *slogans*, vídeos etc. Esses módulos muitas vezes não são textos autossuficientes, mas são hiperlinks para outros sites, sites para vídeos, propagandas, outros sites. De acordo com Maingueneau (2015), existe uma "subversão da lógica do texto", e não necessariamente de "textos curtos". "Assiste-se, assim, a uma profunda transformação da relação entre o fragmento e a totalidade" (Maingueneau, 2015). Conforme Chartier *apud* Maingueneau,

Os discursos não estão mais inscritos em objetos que permitem classificá-los, hierarquizá-los e reconhecê-los em sua identidade própria. O mundo digital é um mundo de fragmentos descontextualizados, justapostos, indefinidamente recomponíveis, sem que seja necessária ou desejável a compreensão da relação que os inscreve na obra do qual são extraídos. (Chartier, 2012, p. 12 *apud* Maingueneau, 2015, p. 163)

A web também possui uma identidade transitória. Os enunciados e outros conteúdos que aparecem na tela podem ser modificados a qualquer momento. O texto aparentemente "perdeu" sua estabilidade tradicional. Maingueneau também traz a reflexão de que existe uma tentativa de conservar uma memória na web quando legalmente qualquer citação extraída deve indicar a URL de origem, o ano, o dia e a hora que foi extraída da web. A respeito do hipergênero, Maingueneau declara:

Se existem, evidentemente, "gêneros" na web, grandes categorias de sites (sites comerciais, sites de informação, sites de compartilhamento de vídeos etc), não se trata de gêneros clássicos. Temos de lidar mais com uma categorização que tem a ver com o que chamamos acima de hipergênero. Os "gêneros" de *sites* são, de fato, formatações pouco restritivas, que possibilitam muitas cenografias. (Maingueneau, 2015, p. 164)

Maingueneau justifica sua teoria trazendo o exemplo dos *blogs*, que tem uma formatação comum, mas domínios muito diversos, como *blog* pessoal, institucional, comercial, acadêmico etc. Existem algumas cenografias que se instalam nesse hipergênero. Maingueneau (2015) expõe um exemplo de um estudo de oitenta blogs de profissionais na política da França que estavam online durante o mês de setembro de 2007, realizado por L. Lehti em 2011, em que cinco tipos de cenografias verbais apareceram: "diário íntimo", "álbum", "notícias", "ensaio", "debate". Conforme Maingueneau, há um por que do uso do recurso do hipergênero e a escolha de determinada(s) cenografia(s), pois ambos permitem dar sentido à atividade de comunicação, e instauram uma relação entre o locutor e interlocutor, e tais escolhas demonstram uma determinada configuração social. O autor cita o exemplo de blogs pessoais que dizem respeito à prostituição feminina. O blog seria a nova "abordagem" da prostituição tradicional que se exercia sob a proteção de um cafetão ou uma cafetina, normalmente em zonas marginalizadas da cidade. Graças ao blog, os possíveis clientes podem estabelecer uma comunicação diretamente com a garota de programa, sem intermédio de terceiros. "Essa tendência entra em consonância com a que relega cena englobante e cena genérica ao pano de fundo: tanto em um quanto em outro caso, dificilmente se pode pensar em termos de papéis e instituições" (Maingueneau, 2015, p. 164).

1.4.1 As formas de textualidade

Segundo Maingueneau (2015), a questão da textualidade na web, assim como a questão de gêneros de discurso, também é importante. O autor cita o conceito de hipertexto, que foi introduzido por Ted Nelson em 1965, e tinha a função de contestar o caráter sequencial do texto. De forma resumida³⁴, os três tipos fundamentais de comunicação (oral, impressa e digital) implicam formas de textualidade distintas.

1) Na oralidade conversacional, há uma textualidade *imersa*, pois os parceiros não podem apreender como texto, somente se a troca verbal for transcrita. Mas, se a troca verbal

³⁴ As três formas de textualidade se encontram detalhadas na obra *Discurso e Análise do Discurso* (2015) de Maingueneau.

for transcrita e se transformar em um texto para o analista, este texto não reflete o ponto de vista dos interlocutores, é apenas uma representação entre outras possíveis.

2) A forma de textualidade *planejada* pode ser oral ou escrita. A oral pode ser monologal e dialogal. Na dialogal, os enunciadores são supostamente organizados a avançar e gerenciar durante a atividade de fala; em alguns casos, há um moderador gerenciando que busca se adequar a alguns esquemas das normas do gênero de discurso. Frequentemente é associada à presença de um público, especialmente relacionado ao rádio ou a televisão. A forma de textualidade monologal é quando o locutor planeja sozinho o desenvolvimento da enunciação. Como exemplo, Maingueneau expõe o pregador, o conferencista, o jornalista ou o romancista. A textualidade escrita planejada pode se manifestar na forma *linear* ou na forma *tabular*. Na textualidade *tabular*, o texto é também imagem e é tratado como tal, como ocorre na publicidade e imprensa, “em que cada página e cada página dupla são também, de fato, compostas de maneira a formar uma espécie de quadro, submetido a imperativos estéticos” (Maingueneau, 2015, p. 165).

3) A textualidade *navegante* é a da web, pois há uma transformação na concepção de “leitura”: as escolhas que os internautas fazem durante a navegação que fabricam o hipertexto³⁵ que vão, de fato, ler. “Assim, é questionado um pressuposto que está no núcleo do humanismo tradicional: a relação entre *um* Sujeito, autor e/ou leitor, e *um* texto *dado*. A relação imaginária que liga um texto a seu ou a seus autores é substituída por uma relação generalizada, num espaço aberto, constituído de *sites* que são agenciamentos coletivos” (Ibidem, p. 165).

Conforme Maingueneau,

É preciso reconhecer que a concepção usual que temos da textualidade repousa implicitamente sobre a textualidade “planejada”. Ela própria é estreitamente vinculada à genericidade clássica, na qual se podem distinguir cena englobante, cena genérica e cenografia, um sistema cujo eixo é constituído pela cena genérica. **Por razões muito diferentes, nem a textualidade conversacional nem a Web estão submetidas a essa lógica.** Enquanto, a genericidade clássica se apoia em uma cartografia das atividades verbais (há tipos de discursos e, no interior destes, instituições de fala bem diferenciadas), **a lógica da Web é a de uma desdiferenciação dos múltiplos domínios da fala, por uma exacerbação, ao mesmo tempo, da cenografia e do hipergênero.** (...) Sobre a tela aparecem imagens transitórias, em recomposição perpétua, mosaicos de módulos tipográficos, painéis de navegação, nós em uma rede, e não textos que se poderia relacionar a lugares circunscritos em territórios com fronteiras claras. (Ibidem, p. 166-167)³⁶

³⁵ “O hipertexto (ou hiperdocumento) é um conjunto de textos, imagens e sons – nódulos – conectados por links eletrônicos de modo a formar um sistema cuja existência é contingente além do computador” (Slatin, 1991, p. 56 *apud* Maingueneau, 2016, p. 155).

³⁶ Negrito nosso.

A partir dos conceitos de médium, cenografia e hipergênero, refletindo a respeito da nova textualidade navegante e das propriedades discursivas da web, é possível, à luz do pensamento de Maingueneau, analisarmos os textos das duas páginas “Não me Kahlo” e “Empodere Duas Mulheres” do Facebook, que faremos no capítulo 3. No capítulo 2, pretendemos tratar de algumas questões a respeito do percurso histórico do feminismo no Brasil e seu aparecimento na web (*cyberfeminismo*), e descrever as páginas que foram selecionadas para nosso *corpus* de pesquisa.

Capítulo II

O Movimento Feminista

2.1 Abordagem histórica do movimento

Os movimentos sociais são "ações coletivas realizadas em vista de um objetivo, cujo resultado, em caso de sucesso como em caso de fracasso, transforma os valores e as instituições da sociedade" (Castells, 1999 *apud* Josette Trait, 2009). O movimento feminista é um movimento social de múltiplas abordagens teóricas e políticas, ou seja, é um movimento marcado pela sua heterogeneidade e que só se manifestou como um movimento coletivo da luta de mulheres na segunda metade do século XX. De acordo com Dominique Fougeyrollas-Shwebel (2009), as lutas partem do reconhecimento das mulheres como "específica e sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação" (Fougeyrollas-Shwebel, 2009, p. 144). O feminismo nasce em meio a afirmação dos princípios universais de igualdade, ou seja, na conceituação dos direitos humanos universais, e a realidade de uma divisão desigual de poderes entre homens e mulheres. Segundo Fougeyrollas-Shwebel (2009), o movimento feminista permite designar sob uma mesma denominação diferentes formas de movimentos de mulheres, como o feminismo burguês ou liberal, o feminismo radical, as mulheres marxistas ou socialistas, as mulheres lésbicas, as mulheres negras e todas as dimensões de categorias dos movimentos atuais.

Historiadores e feministas da América do Norte e Europa fizeram a distinção de duas ondas³⁷ históricas feministas: a primeira ocorre na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, e a segunda, chamada de "neofeminismo" ou "feminismo contemporâneo", cobre metade dos anos 60 e começo dos anos 70. A respeito da primeira onda do feminismo, as reivindicações das feministas dos Estados Unidos e da Europa se pautavam no direito de voto. Segundo Céli Pinto (2010), no Brasil, o feminismo se adapta às suas necessidades histórico-socioculturais: se destacavam as feministas que lutavam pelo

³⁷ Ao refletirmos sobre a metáfora da onda, vem à mente a imagem de águas do mar que, com a ação do vento, formam ondulações. Quanto maior a velocidade e a duração do sopro atmosférico, maior a ondulação. Mesmo sem o vento, a onda chega até à beira da praia, onde se desfaz. Entretanto, ela propaga, por mais que esteja enfraquecida, até o fim. De acordo com Mota (2017), a mesma forma acontece com as relações sociopolíticas: "Como um fenômeno natural, as relações sociopolíticas tanto podem encontrar resistências maiores em determinados períodos históricos como podem se atenuar. Entretanto, esse enfraquecimento não deve ser compreendido como o fim de uma mobilização." (Mota, 2017, p. 111)

direito ao sufrágio em que Bertha Luiz, bióloga, cientista, branca e de enorme influência política, junto a outras mulheres sufragistas, lideravam esse movimento e havia, também, o grupo de operárias de ideologia anarquista, reunidas nos movimentos União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, que reivindicavam por melhores condições de trabalho, como salários iguais aos dos homens e menores jornadas de trabalho. Nas palavras de Pinto (2010) *apud* Mota (2017), no Brasil existiam diferenças entre o feminismo "comportado", que era liderado pela elite intelectual e econômica e que não questionava a estrutura patriarcal da sociedade, se pautando na questão do direito de voto por aprovação de grupos políticos que estavam no poder, e o feminismo "malcriado", que era um feminismo de passeatas, de mulheres pensadoras que escreviam livros e peças teatrais e que, junto às anarquistas radicais, traziam à discussão a questão das condições de trabalho da mulher.

De acordo com Fougeyrollas-Shwebel (2009), os movimentos feministas dos anos 70 não se fundam somente sobre a questão da igualdade, mas também no reconhecimento de que é impossível fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal.

O feminismo contemporâneo prolonga as expectativas do feminismo do século XIX, a saber a individuação do sujeito democrático e econômico, da cidadã e da trabalhadora, mas acrescenta fortemente a questão da autonomização da sexualidade feminina; a maternidade não é o único horizonte das mulheres e, mais ainda, o desejo da "não-maternidade", após o advento da contracepção feminina - a pílula começa a ser acessível na metade dos anos 60 -, começa a se exprimir de maneira positiva e não mais como uma carência. (Fougeyrollas-Shwebel, 2009, p. 145)

Conforme a autora, o feminismo dos anos 70 se caracteriza "por grupos não mistos, negando aos homens o direito de falar em nome das mulheres". Nos Estados Unidos, o movimento feminista, ao considerar o engajamento político como um engajamento do conjunto da vida dos militantes, passa a ampliar as reivindicações dos movimentos negros norte-americanos, *Black Power* (Poder Negro) e depois *Black Panthers* (Panteras Negras).

O feminismo, a partir da década de 70, adquire uma amplitude internacional. A onda começou nos Estados Unidos e chegou rapidamente à Grã-Bretanha e à Alemanha na mesma década. De acordo com Fougeyrollas-Shwebel (2009), o feminismo da década de 70:

(...) tem a capacidade de suscitar amplas mobilizações entre as mulheres sindicalizadas, mulheres dos partidos de esquerda e de direita ou das associações que lutam pelos direitos das mulheres, como o organismo Planejamento Familiar. Inicialmente, as campanhas pela liberdade de abortar constituem os eventos mais importantes e mais marcantes. Aparecem igualmente mobilizações contra a violência que vitimiza mulheres - estupro, assédio sexual - e a transformação do direito: o reconhecimento do estupro conjugal. (Fougeyrollas-Shwebel, 2009, p. 147)

No Brasil, a segunda onda feminista se intensificou a partir de 1970 com uma maior diversificação de mulheres ligadas às causas. Entre as principais pautas estava a reivindicação da liberdade sexual, o direito reprodutivo sobre o próprio corpo, e a relevância política do tema violência contra a mulher, até então restrita ao âmbito privado. As questões começaram a ser tratadas mais no âmbito do coletivo, e não do individual; por essa razão, as mulheres começaram a se reunir para as discussões, e os debates sobre a sociedade do patriarcado e as construções socioculturais dos papéis de gênero (homem e mulher) passaram a ser melhores definidos nesse período. "O ativismo surge vinculado à luta contra o regime militar e pela reabertura democrática do país" (Mota, 2017). Na década de 80, ainda na segunda onda do feminismo, houve o processo de abertura política do país que possibilitou a ampliação dos números de coletivos feministas e novas pautas foram incorporadas na luta pelos direitos das mulheres. De acordo com Céli Pinto (2010), as novas pautas foram:

Violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, orientações sexuais. Esses grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. (Pinto, 2010, p. 17)

Segundo Mota (2017), atualmente, no século XXI, algumas conquistas relacionadas aos direitos das mulheres na legislação brasileira são um reflexo das lutas das feministas da primeira e segunda onda, como o direito ao sufrágio; criminalização do assédio sexual nas relações de trabalho; direito à licença-maternidade; alteração no Código Civil, com a equiparação de direitos jurídicos e de direito à posse de terra, no meio urbano e rural; Lei Maria da Penha; Lei do Femicídio; e legalização do aborto em casos de anencefalia. Entretanto, ainda existem opressões a serem combatidas, como a desigualdade salarial, a criminalização do aborto, a baixa representação nas esferas do poder político brasileiro, e a violência simbólica, doméstica e pública.

Além disso, é necessário ressaltar as diferenças entre os grupos e vertentes do feminismo, visto que é um movimento heterogêneo. Sobre as diferenças teóricas do feminismo na Europa e nos Estados Unidos, há três correntes que se opõem quanto à definição de opressão das mulheres e suas estratégias políticas, que são o feminismo socialista, o feminismo liberal e o feminismo radical. Segundo com Fougeyrollas-Shwebel (2009), "A oposição politicamente mais frontal recai sobre as feministas liberais, de um lado, e feministas radicais e socialistas, de outro".

Por "corrente liberal", devem-se entender os movimentos fundados na promoção dos valores individuais; com a luta pela total igualdade entre mulheres e homens, pode-se falar de um feminismo reformista que conta, por meio de políticas de ação positiva, com a prioridade dada às mulheres para reduzir as desigualdades. Ao contrário, os movimentos de liberação das mulheres querem romper com as estratégias de promoção das mulheres em proveito de uma transformação radical das estruturas sociais existentes. (Fougeyrollas-Shwebel, 2009, p. 147)

Já o feminismo socialista ou marxista, normalmente relacionado a partidos de esquerda, afirma que a verdadeira liberação das mulheres só poderá acontecer por meio de uma transformação global, enquanto as feministas radicais salientam que as lutas são conduzidas contra o sistema patriarcal e as formas diretas e indiretas do poder falocrático. "No âmbito do próprio movimento radical, os grupos de lésbicas advogam a necessidade de um separatismo radical para lutar contra toda obrigação à heterossexualidade" (Fougeyrollas-Shwebel, 2009, p. 147). A autora ressalta ainda que algumas organizações internacionais como a ONU agem a fim de ampliar o acesso à igualdade das mulheres de todos os países.

De acordo com Mota (2017), um dos primeiros grupos brasileiros surgiu em 1973 e era liderado por mulheres acadêmicas, na faixa etária entre 30 e 38 anos, que tiveram trocas e experiências com feministas dos Estados Unidos e de países da Europa Ocidental. Um dos objetivos desse grupo era "ampliar a solidariedade entre mulheres" (Pedro, 2013 *apud* Mota, 2017), por se tratarem de reuniões em grupo sem uma porta-voz, em que todas tinham direito de fala, trabalhando de forma democrática. As mulheres costumavam fazer suas reuniões em grupos com formato de círculo. "Hoje, quase 50 anos depois das primeiras reuniões, o termo 'coletivo' é a forma mais usual de definir nomes de agrupamentos de mulheres militantes" (Pedro, 2013 *apud* Mota, 2017).

Heleieth Saffioti (2013), citada por Mota (2017), afirma que atualmente o feminismo na realidade brasileira está preocupado exclusivamente com os problemas imediatos da mulher. Saffioti ainda denomina de vertente utópica e abordagem conscientemente compromissada, descrita por Mota (2017):

A vertente utópica deve ser compreendida com as transformações de posição social assumidas pela mulher no decorrer da História, sem alterar as estruturas capitalistas de dominação vigentes por não ter conhecimento pleno do sistema que rege as relações entre oprimido e opressor. A abordagem conscientemente compromissada com a ordem social, embora lute pela igualdade social plena entre mulheres e homens, tem consciência dos desafios impostos. (Mota, 2017, p. 115)

Por fim, Saffioti salienta que o feminismo socialista é a consciência mais completa e rica à respeito dos reais problemas das relações atribuídas pelo sistema capitalista, pois é uma abordagem conscientemente compromissada, ou seja, que considera o sistema de relações entre oprimido e opressor.

Segundo Mota (2017), os novos meios de comunicação proporcionados por avanços tecnológicos, incluindo a disposição de redes sociais e de ferramentas de busca, propiciam uma maior inserção de mulheres no movimento feminista, já que há a possibilidade de acesso a mais informações e também de articulações e mobilizações importantes para o movimento, como as campanhas com hashtag como a #nenhumaamenos³⁸, denunciando casos de feminicídio em vários lugares do mundo. A autora considera a possibilidade do aparecimento de uma nova onda do feminismo, ou seja, uma terceira onda:

Uma crescente geração de jovens na militância, representada principalmente por mobilizações coletivas estudantis (secundaristas e acadêmicas), que tem ao seu dispor a facilidade comunicacional proporcionada pelas redes interativas tecnológicas, deve ser levada em consideração quando se define uma possível terceira onda do feminismo no país. Soma-se a isso uma presença mais marcante de mulheres que antes estavam restritas a espaços historicamente excluídos da discussão, como nas regiões periféricas, pobres e negras da capital paulista. (Mota, 2017, p. 119)

Entretanto, Fernanda Lobato³⁹, uma das integrantes do grupo Coletivo Feminista Yabá, que foi entrevistada por Keli Mota (2017), ressalta que, por mais que o feminismo tenha se propagado e tido uma crescente militância jovem, que se encontra tanto nas redes sociais quanto nos ambientes de educação, o feminismo propagado na web não tem uma real preocupação com pautas relacionadas ao coletivo, mas sim ao individual. "Esse é um dos problemas atuais, porque ficamos com pautas individuais, rodando em círculos, sem atacar o real inimigo", como cita Lobato (2017). Para a integrante do Coletivo Feminista Yabá, a terceira onda do feminismo tem enfrentado seus problemas, ressaltando que a militância está mais focada em atacar questões ideológicas, culturais, de cunho superestrutural, do que em enfrentar a camada estrutural em que se estabelece o patriarcado:

³⁸ A hashtag #nenhumaamenos teve seu ápice de circulação em 2015, mas é usada até os dias de hoje nas redes sociais quando são propagadas notícias que envolvem feminicídio.

³⁹ "Fernanda Rangel Monteiro Lobato, 19 anos, branca, é natural de Curitiba, Paraná, e vive há 9 anos em São Paulo. Cursa o quarto semestre de Direito na PUC-SP (...). Já no ensino superior, Fernanda ingressou no Coletivo Feminista Yabá, que é formado por estudantes do curso de Direito da universidade. Fundado há sete anos, o grupo é essencialmente de esquerda (sob a perspectiva da luta de classes) e interseccional (com a proposta de se fazer todos recortes possíveis do ser mulher, levando em conta idade, cor, posição social e geográfica, entre outros, para não homogeneizar ou simplificar sua respectiva experiência no debate). Além de formação teórica mensal, o coletivo participa de atos e da organização deles, como a criação de um setorial de mulheres no Encontro Nacional dos Estudantes de Direito (ENED)". (Mota, 2017, p. 116)

Pensando no debate marxista, enxergamos o patriarcado como algo estrutural. E o capitalismo se sustenta no patriarcado, como Engels e Marx falam: a opressão do homem pelo homem existe a partir da opressão do homem pela mulher. No momento em que o capitalismo enxerga a mulher como instrumento de produção, você tem uma relação estrutural aí estabelecida. O núcleo familiar e a herança foram questões posteriores. Hoje, o machismo, o padrão de beleza, a gordofobia, etc., todas essas discussões são ideológicas e culturais, fazem parte da superestrutura, são consequências da estrutura. Mas o patriarcado em si, como se estabelece, é estrutural e muito difícil de ser combatido, pois no fim se trata de relações de produção. Essa é a análise que a gente faz. (Lobato, 2017 *apud* Mota, 2017, p. 122)

Para Mota (2017), os principais desafios do feminismo atual implicam em um movimento que extrapole as dificuldades geográficas, sociais, de cor e/ou raça, para politizar e unir sujeitos a uma mesma causa; que pense o feminismo como uma questão coletiva, e não individual; que proporcione uma aproximação física entre as mulheres e não se limite ao contato virtual; que saiba ouvir as diversas vivências etárias do feminismo; e que compreenda as limitações das transformações quando fazem parte dos meios de comunicação de maior repercussão popular, como a internet.

O feminismo como ativismo na web, também denominado de *cyberfeminismo*, será descrito no item a seguir.

2.2 O cyberfeminismo

O universo digital possibilitou que muitos discursos militantes ganhassem maior divulgação. O que nos interessa, neste trabalho, é sobre o feminismo na web. Se pensarmos a respeito de *blogs*, eles são espaços digitais que constituem lugares de conversação onde debates acontecem. O mesmo acontece com as redes sociais, em particular, no Facebook. Conforme a autora francesa Marie-Anne Paveau,

A web conversacional, como a internet em geral, é de fato um universo reflexivo e lúdico em que nascem muito rapidamente metadiscursos, paródias, respostas, abrindo espaços possíveis para a transformação e reinterpretação de conteúdos⁴⁰ (Paveau, 2017, p. 2)

⁴⁰ Original em francês: "Le web conversationnel, comme internet de manière générale, est en effet un univers à la fois réflexif et ludique dans lequel naissent très rapidement des métadiscours, des parodies, des réponses, ouvrant des espaces possibles pour la transformation et la réinterprétation des contenus"

O universo reflexivo e lúdico se manifesta, muitas vezes, nos "dispositivos verbo-icônicos"⁴¹, termo utilizado por Paveau para designar a articulação entre imagem e texto na internet. A autora cita como exemplo o *meme*, uma forma de "reduplicação com variantes" de um dispositivo verbo-icônico; ou então os chamados *bingos* de internet, que são uma interpretação gráfica ativista do jogo do mesmo nome, e que contribui para o desenvolvimento do discurso feminista a partir de uma dimensão argumentativa lúdica. De acordo com Paveau (2017), a década de 2010 está experimentando uma explosão de produções de fala ativistas femininas digitais e que são relatadas por muitos artigos de mídias, ou grandes jornais e revistas, inclusive revistas para o público feminino. O ponto comum desses discursos é a exibição da resistência, da luta das mulheres. Joanne Lalonde, professora e pesquisadora do Departamento de História da Arte na UQÀM (Université du Québec à Montréal), em seu livro *Abédédaire du web. 36 concepts pour comprendre la création sur internet* (2012), faz a seguinte definição de ativismo na web:

O ativismo na Web refere-se a todas as ações de resistência política, social ou feminista liderada por usuários da Internet em um espírito de demanda. As modalidades desse ativismo se desdobram em todas as esferas da Web, incluindo a das práticas artísticas. A vontade comum de todos esses eventos permanece a de exibir abertamente a resistência, uma distância crítica em relação às diferentes formas de dominação e controle exercidas pelas múltiplas instâncias de poder específicas de nossas sociedades hipermodernas.
(Lalonde *apud* Paveau, 2017, p. 3)⁴²

Por mais que o *cyberfeminismo* seja um termo que tenha surgido em um movimento artístico e popular que ocorreu nos anos 90 na Austrália, Canadá e Inglaterra, como cita a autora francesa Paveau, atualmente ele representa a abertura e definição de diferentes práticas discursivas digitais que visam combater o machismo, o racismo e o militarismo codificados nas estruturas da internet, a partir de ferramentas teóricas do feminismo. Seu atual significado abarca a designação de práticas discursivas digitais militantes. De acordo com Lalonde *apud* Paveau (2017), "Cyberfeminismo é [...] por definição uma prática ativista, ligada à própria ideologia de abertura da rede, visando a partilha de conhecimentos técnicos e teóricos, bem

⁴¹ Acreditamos que esse termo se aproxime do termo verbo-visualidade (Emediato, 2015)

⁴² Original em francês: "L'activisme Web désigne l'ensemble des actions de résistance politique, sociale ou féministe menées par les internautes dans un esprit de revendication. Les modalités de cet activisme se déploient dans toutes les sphères du Web y compris celle des pratiques artistiques. La volonté commune à toutes ces manifestations demeure d'afficher ouvertement une résistance, une mise à distance critique par rapport aux différentes formes de domination et de contrôle qui sont exercées par les multiples instances de pouvoir propres à nos sociétés hypermodernes."

como acessibilidade das ferramentas de criação e divulgação para mulheres e grupos de mulheres"⁴³. Os discursos feministas aumentaram significativamente nos últimos dez anos também pelo fato da mudança da relação entre tecnologia, história e sociedade: a acessibilidade da web permite "oradores comuns", sem especialização técnica, literária, ensaísta ou jornalista, e que também não tenham influência em setores editoriais ou midiáticos, se expressarem publicamente, rapidamente e muitas vezes gratuitamente. É o que relatamos, no capítulo anterior, sobre as novas textualidades da web. Paveau (2017) também descreve sucintamente sobre o contexto histórico mundial, as mudanças demográficas e de cultura (mais acessos à universidade e chegada de imigrantes em diversos países, principalmente europeus), desenvolvimentos sociais e políticos (maior visibilidade às questões relacionadas a sexualidade, gênero, mudanças na relação com o corpo, surgimento do anti-racismo), novos conceitos como a interseccionalidade⁴⁴, novas causas (luta contra maus tratos médicos, contra a gordofobia, defesa dos transgêneros), e modalidades ativistas, como a Marcha das Vadias⁴⁵. Todas essas questões aparecem em redes sociais, especialmente Facebook e Twitter, mas também em sites tipo blog, ou mesmo espaços de grandes jornais⁴⁶. Atualmente há também sites em que podemos publicar textos de variados gêneros, como o Medium⁴⁷, por exemplo. Conforme Paveau (2017), "A forma da web torna possível divulgação de ideias, divulgação de conhecimentos e know-how, elaboração de redes, recrutamento de ativistas e aliados (as)"⁴⁸.

Paveau (2017) denomina de "tecnodiscursivo" uma produção discursiva que tenha surgido na internet utilizando linguagem e técnica em um composto heterogêneo, sem

⁴³ Original em francês: "Le cyberféminisme est (...) par définition une pratique activiste, liée à l'idéologie d'ouverture propre au réseau, visant le partage de connaissances autant techniques que théoriques de même que l'accessibilité des outils de création et de diffusion pour les femmes et groupes de femmes."

⁴⁴ "Interseccionalidade (ou teoria interseccional) é o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. A teoria sugere e procura examinar como diferentes categorias biológicas, sociais e culturais, tais como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, casta, idade e outros eixos de identidade interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos" (Fonte: Wikipedia. URL: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade>>. Acesso em 29/08/18)

⁴⁵ "A Marcha das Vadias, ou *SlutWalk*, é um movimento que surgiu a partir de um protesto realizado no dia 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá, e desde então se internacionalizou, sendo realizado em diversas partes do mundo. A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento. Por isso, marcham contra o machismo, contando sobre os seus próprios casos de estupro. As mulheres durante a marcha usam não só roupas cotidianas, mas também roupas consideradas provocantes, como blusinhas transparentes, lingerie, saias, salto alto ou apenas o sutiã." (Fonte: Wikipedia. URL:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias>. Acesso em 29/08/18)

⁴⁶ Paveau traz como exemplo o site Le Plus de L'obs (<<http://m.nouvelobs.com/le-plus/>>), um espaço tipo blog dentro do site jornalístico.

⁴⁷ URL: < <https://medium.com/> >

⁴⁸ Original em francês: "La réticularité du web permet en effet la propagation des idées, la diffusion des savoirs et savoir-faire, l'élaboration des réseaux, le recrutement de militant.e.s et d'allié.e.s"

possibilidade de extração de um ou outro componente. As práticas tecnodiscursivas são as práticas discursivas na internet.

As práticas tecnodiscursivas que estamos discutindo aqui não são apenas feministas porque são realizadas por mulheres numa perspectiva militante; elas também são feministas no sentido de que modificam as relações sociais do sexo agindo sobre si mesmas: quero dizer que as práticas discursivas feministas modificam completamente as práticas discursivas. (Paveau, 2017, p. 5)⁴⁹

Nos próximos itens, pretendemos descrever a importância do ano de 2015 para o cyberfeminismo e analisar brevemente os textos de apresentação das páginas.

2.3 A importância do ano de 2015 para o cyberfeminismo

O ano de 2015 foi um ano importante para o feminismo e foi descrito em alguns gêneros do discurso midiático (como por exemplo revista⁵⁰ e documentário⁵¹) como a nova Primavera das Mulheres, em referência ao período de Maio de 1968, considerado um momento histórico relevante para o movimento feminista. Em Maio de 1968, movimentos estudantis de mulheres saíram às ruas de Paris para reivindicar pautas no governo do presidente Charles de Gaulle, que incluíam a liberdade sexual, a igualdade no mercado de trabalho e a desconstrução do papel da mulher como devota ao lar e à família. A Primavera das Mulheres dos movimentos estudantis de Maio de 1968 se tornou um marco histórico na segunda onda do feminismo.

Em 2015, houve vários acontecimentos no Brasil que impulsionaram a terceira onda do movimento. De acordo com uma pesquisa realizada pelo blog Think Olga⁵², 2015 foi o ano do feminismo na internet com o maior número de hashtag, relatos e protestos de mulheres nas

⁴⁹ Original em francês: "Les pratiques technodiscursives dont il est question ici ne sont pas seulement féministes parce qu'elles sont accomplies par des femmes dans une perspective militante ; elles sont également féministes au sens où elles modifient les rapports sociaux de sexe en agissant sur elles-mêmes : je veux dire que les pratiques discursives féministes modifient les pratiques discursives tout court."

⁵⁰ A Revista Época publicou uma postagem sobre. Disponível em <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html>>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

⁵¹ Há um documentário de nome "Primavera das Mulheres", dirigido por Antonia Pellegrino e Isabel Nascimento e Silva, lançado no canal GNT no dia 19 de outubro de 2017, que mapeia as vertentes do novo feminismo e traz conversas com ativistas radicais, blogueiras jovens, ativistas transgênero e mulheres negras, retratando como o movimento feminista se modificou a partir de 2015.

⁵² Todos os dados estatísticos foram retirados da pesquisa realizada pelo blog Think Olga e pela Agência Ideal. Disponível em <<https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

redes sociais até então. Em Março de 2015, temos a Lei do Femicídio⁵³, em que assassinar mulheres por serem mulheres se torna crime hediondo; a hashtag #NãoTiraOBatomVermelho, campanha que se disseminou na web após um vídeo⁵⁴ da *youtuber* Jout Jout a respeito da dinâmica de relacionamentos abusivos, que teve aproximadamente 1,6 milhões de visualizações em 2015⁵⁵; surge o movimento “Juntas e mais fortes” na web, a fim de unir as mulheres para se ajudarem em situações de risco (de acordo com a pesquisa do blog Think Olga, a hashtag foi utilizada 46 mil vezes no Twitter); houve a Marcha das Margaridas, que reuniu 70 mil mulheres na maior mobilização da América Latina em Brasília e provoca a manifestação de mais de 26 mil usos da hashtag no Twitter. Também teve a hashtag #PrimeiroAssedio, que ocorreu após comentários de cunho sexual a respeito de uma participante do programa de culinária Masterchef Jr., menor de idade: a hashtag foi publicada mais de 100 mil vezes no Twitter, revelando que aproximadamente 9,7 anos é a idade média do primeiro assédio da mulher brasileira. O tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” gerou aproximadamente 106 mil publicações nas redes sociais; e a hashtag #MulheresContraCunha foi mencionada mais de 40 mil vezes nas redes sociais, surgindo em meio a um protesto contra o projeto de lei PL 5069, liderado pelo presidente da Câmara Eduardo Cunha, que dificultava o acesso ao aborto legal e promulgava novas regras para o atendimento de vítimas de abuso sexual. Outras hashtag como #AgoraÉQueSãoElas, campanha para homens cederem seu espaço na mídia para que mulheres pudessem publicar sobre o feminismo, e a #MeuAmigoSecreto, com abusos sendo denunciados por mulheres em redes sociais, foram citadas em mais de 175 mil publicações no Twitter. Em 2015 houve também a Marcha das Mulheres Negras, que reuniu mais de 10 mil pessoas contra o racismo e recebeu 33 mil publicações no Twitter.

Estes foram alguns exemplos de acontecimentos que fizeram de 2015 um ano importante para o cyberfeminismo no Brasil e, por esse motivo, foi o ano escolhido para recorte das publicações a serem analisadas no trabalho. Acreditamos que uma análise dos discursos dos textos multimodais das duas páginas do Facebook (Não Me Kahlo e Empodere Duas Mulheres) seria interessante para uma breve compreensão de como o discurso feminista se manifesta na web.

⁵³ Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015.

⁵⁴ URL <<https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>> Acesso em 23 de janeiro de 2019.

⁵⁵ Em 2019, consta mais de 3 milhões de visualizações

2.4 O feminismo no Facebook: sobre o corpus da pesquisa

2.4.1 As cenografias digitais

Considerando a "explosão" de falas feministas digitais a partir de 2010, a escolha do corpus de pesquisa é baseada na atual necessidade de se tentar compreender as novas textualidades na web e os possíveis sentidos que circundam os discursos ativistas sobre o feminismo, ou seja, o cyberfeminismo. A escolha do dispositivo comunicacional Facebook é pertinente ao pensarmos nas relações interdiscursivas dinâmicas que estão presentes, além de se tratar de um novo dispositivo comunicacional, como já detalhado no capítulo 1. Duas páginas que publicam conteúdos relacionados ao feminismo foram escolhidas: "Empodere Duas Mulheres" e "Não me Kahlo". Ambas as páginas possuem mais de um milhão de seguidores e muitas de suas publicações possuem centenas de compartilhamentos. Esses foram os critérios de escolha das duas páginas: são páginas com um processo significativo de irradiação de seus conteúdos e, portanto, dos discursos e sentidos ali materializados. As publicações escolhidas datam do ano de 2015 por ter sido um ano importante historicamente para o feminismo na web. Apesar de se tratar de um período aparentemente longo, não há tantas publicações multimodais que incluem as lexias escolhidas como entrada nas análises, as quais detalharemos e justificaremos a escolha no item 2.4.4.

As páginas do Facebook são como sites que funcionam para os usuários da rede social e possuem configurações em comum de elementos. Refletindo sobre a cenografia digital, que é a junção dos três componentes (iconotextual, arquitetural e procedural), podemos concluir que, para todas as páginas, o componente arquitetural é igual, já que o Facebook não possibilita uma mudança nesse sentido; o que muda entre as diferentes páginas são os elementos iconotextuais e procedurais. Mesmo os componentes procedurais possuem poucas possibilidades de modificações, somente alguns acréscimos ou ordens de alguns elementos na lista à esquerda; ou então que multimodalidade aparece primeiro para o usuário (por exemplo, na página Empodere Duas Mulheres, as publicações são as primeiras a aparecerem quando o usuário entra na URL da página, enquanto na página Não me Kahlo, as fotos aparecem em destaque). Entretanto, o que é mais visível são os diferentes elementos iconotextuais de ambas as páginas, em que cada autor ou autora da página tem a liberdade para escolher (como o *banner* que possui o nome da página e a imagem que funciona como um símbolo que

representa a página, à esquerda do banner). É possível observar, à esquerda da página, uma lista de links que levarão o usuário às diversas multimodalidades das páginas: desde eventos, até fotos, vídeos, comunidade, avaliações, publicações, até mesmo links para outras redes sociais as quais ambas as páginas também participam, como o Instagram, Twitter e Youtube.

A seguir, podemos observar, da perspectiva do recorte da tela, os três elementos que compõem uma cenografia digital nas duas páginas supracitadas, e a descrição de cada página:

2.4.2 Empodere Duas Mulheres



Figura 3: Print screen da página Empodere Duas Mulheres no Facebook⁵⁶

A página Empodere Duas Mulheres foi fundada em 2015 e possui um blog⁵⁷ de mesmo nome. Sobre a questão da autoria, não há registro das possíveis autoras ou autores tanto na página do Facebook quanto no blog; entretanto, sabemos que Maynara Fanucci é administradora do Projeto Empodere Duas Mulheres pois recentemente foi lançado um livro⁵⁸

⁵⁶ URL: < <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/> > . Acesso em 06/08/2018

⁵⁷ URL: < <http://www.empodereduasmulheres.com/> > . Acesso em 06/08/2018

⁵⁸ O livro foi lançado dia 12 de Junho de 2018 pela Editora Benvirá.

sob sua autoria⁵⁹ de nome "Empodere-se: 100 Desafios Feministas Para Reconhecer Sua Própria Força e Viver Melhor " e divulgado tanto no blog Empodere Duas Mulheres quanto na página do Facebook.

Na aba "Sobre" do blog temos a apresentação do seguinte texto, que trazemos neste trabalho a fim de compreendermos mais claramente a proposta da página. A seguir um *print screen* da página para visualizarmos a cenografia e, logo em seguida, o mesmo texto reescrito a fim de facilitar a leitura.



Figura 4: Print screen da página "Sobre" do blog Empodere Duas Mulheres⁶⁰

⁵⁹ Texto retirado do site da Amazon brasileira: "Maynara Fanucci nasceu em 1991 em Bragança Paulista, interior do estado de São Paulo. Formada em Rádio e TV pela Faculdade Cásper Líbero, trabalhou com audiovisual e jornalismo até que decidiu criar o projeto Empodere Duas Mulheres para falar de feminismo e empoderamento. Criou uma página no Facebook, um site e um perfil no Instagram onde discute questões de empoderamento feminino e assuntos ligados à vida das mulheres, chegando a atingir mais de 1 milhão de seguidores. Já palestrou no TEDx em Blumenau e atualmente também é colunista do HuffPost Brasil." URL <https://www.amazon.com.br/gp/product/8557172435/ref=as_li_tl?ie=UTF8&camp=1789&creative=9325&creativeASIN=8557172435&linkCode=as2&tag=may077b-20&linkId=20d33931cfa5da01ff9749da45742d41>.

Acesso em 10/08/18

⁶⁰ URL: <<http://www.empodereduasmulheres.com/sobre/>>. Acesso em 06/08/18

Empodere Duas Mulheres é a voz das mulheres que sabem que não estão sós – e que querem caminhar juntas.

Empodere Duas Mulheres é um projeto pessoal que foi idealizado e lançado em Janeiro de 2015, como uma plataforma de união, empoderamento e acolhimento de mulheres – e que acabou tomando proporções jamais imaginadas. É uma plataforma dedicada a mulheres com foco em questões que falam sobre as suas vidas, suas inseguranças, dificuldades, medos e também vitórias que são sempre celebradas coletivamente. Através de um canal de contato, quero trazer a voz do amanhã, hoje.

Atualmente, falo sobre diversos assuntos: Mulheres e histórias inspiradoras, notícias cujo tema principal seja focado no nosso dia-a-dia, frases motivacionais e também sobre o cotidiano de mulheres ao redor do mundo. Acredito que outros jornais e plataformas digitais, embora permitindo as opiniões da nossa geração, ainda restringem demais a divulgação de questões consideradas fundamentais e relacionadas às mulheres. Muitas vezes, a grande mídia acaba deixando de dar voz a questões que são de suma importância para o avanço dos nossos direitos e da mudança do nosso papel na sociedade sexista. As mulheres, principalmente as periféricas e com recortes específicos dentro da sociedade, estão sub-representadas pela mídia mainstream, então estou aqui para fornecer uma voz: a Empodere Duas Mulheres.

A Empodere Duas Mulheres também quer mostrar às mulheres ao redor do mundo que, por mais que a sociedade sempre as tenha ensinado o contrário, elas jamais estarão sozinhas – principalmente uma vez que as suas bases de mulheres estiverem estabelecidas. Somos as nossas melhores amigas e apoiadoras nas adversidades da vida, o que influenciou na decisão de nomear a página com este nome, uma vez que acredito no potencial transformador que mulheres possuem quando estão unidas por uma mesma causa. A Empodere Duas Mulheres quer ser o seu veículo preferido: uma plataforma para aquelas atualmente sem uma voz estável, buscando novas maneiras de se conectar com mulheres à sua volta e dar poder à sua própria voz – e assim encontrar a sua força interior que possa estar adormecida. Quero fazer com que mulheres saibam que não estão sozinhas e que podem caminhar juntas, porque juntas somos mais fortes!

De acordo com o texto de apresentação, o projeto Empodere Duas Mulheres (que inclui uma página no Facebook, um blog, uma conta no Instagram, e, mais recentemente, um livro publicado) se denomina "*uma plataforma de união, empoderamento e acolhimento de mulheres*". Já observamos de antemão que o termo empoderamento (ou o verbo "empoderar") aparece tanto no nome do projeto (Empodere Duas Mulheres) quanto no texto de apresentação. O projeto também se propõe a ser um diferencial às mídias tradicionais, já que outros tipos de jornais, mesmo digitais, restringem a divulgação de questões relacionadas à mulher e consideradas "fundamentais" sobre seus direitos perante uma sociedade "sexista".

Há uma suposta preocupação ao acolhimento das mulheres periféricas, pois em outras mídias denominadas *mainstream*⁶¹ elas não seriam devidamente representadas: o projeto da página, seria, então, a possível voz dessas mulheres. Entretanto, além de não haver um esclarecimento sobre como essas mulheres periféricas - muitas analfabetas ou mesmo que não possuem internet - serão inseridas no feminismo da página, não há uma contextualização das diferenças entre o feminismo "burguês" e o feminismo periférico, assim como o feminismo branco e o feminismo negro, dando um efeito de sentido de generalização a todas as mulheres. Além disso, a página se diz detentora de informações privilegiadas, alegando que outras mídias limitam demais as informações, dessa forma se colocando num lugar "diferenciado" e de superioridade aos outros lugares midiáticos. Os diversos assuntos a serem publicados incluem frases motivacionais, o cotidiano de mulheres, notícias focadas no dia-a-dia, histórias inspiradoras de mulheres. Em nenhum momento a página se coloca como feminista ou como sendo um projeto de divulgação do feminismo ou cyberfeminismo, mas é possível interpretar que se trata de um projeto direcionado a mulheres, que visa acolhê-las em suas inseguranças, dificuldades e medos, e também propõe-se a uni-las, mas não explicita de que forma se daria esta união: seria pela leitura dos textos publicados que se propõem a trazer discursos que as empoderem, ou pelas possíveis interações entre as mulheres que as redes sociais possibilitam através dos comentários e compartilhamentos? Poderíamos refletir, também, que esta união se daria mediante os efeitos de sentido de identificação por meio de uma interpelação provocada por alguns termos pertencentes a uma mesma formação ideológica. O texto possui elementos de um funcionamento discursivo que se assemelha a discursos de autoajuda, ou seja, uma transformação pautada na relação das publicações lidas por mulheres que possivelmente estão em uma posição de oprimidas, ou inseguras devido a sociedade movida pelo patriarcado. Não há referências ao histórico de lutas feministas, tanto do feminismo como movimento, quanto a

⁶¹ Ou então, "convencional".

elementos históricos do feminismo no Brasil. Observa-se, já no texto de apresentação, um apagamento da memória histórica do feminismo. É um texto que de certa forma e em certo nível apaga a questão das lutas recorrendo ao discurso do acolhimento e autoajuda.

(1) Somos as nossas melhores amigas e apoiadoras nas adversidades da vida, o que influenciou na decisão de nomear a página com este nome, uma vez que acredito no potencial transformador que mulheres possuem quando estão unidas por uma mesma causa.

Na formulação 1, é trazida a questão sobre a nomenclatura da página. É construído o efeito de sentido de que todas as mulheres são sempre amigas e sempre se ajudam em todas as adversidades da vida, ou seja, novamente um efeito de sentido generalizante. Existe um apagamento sobre a competição possível entre as mulheres, apagamento que se dá pelos diferentes posicionamento discursivos entre as mulheres. Entretanto, o efeito generalizante não se sustenta ao pensarmos na relação que há com o numeral "Duas". Por que empoderar duas mulheres, e não todas as mulheres?

(2) A Empodere Duas Mulheres quer ser o seu veículo preferido: uma plataforma para aquelas atualmente sem uma voz estável, buscando novas maneiras de se conectar com mulheres à sua volta e dar poder à sua própria voz – e assim encontrar a sua força interior que possa estar adormecida. Quero fazer com que mulheres saibam que não estão sozinhas e que podem caminhar juntas, porque juntas somos mais fortes!

Na formulação 2, novamente é reforçada a ideia de que a página trará a essas mulheres uma voz "estável" (seriam os movimentos de rua instáveis?), a partir da conexão com outras mulheres, para encontrar uma espécie de "força interior" que antes estava adormecida. Novamente, há uma desvalorização dos movimentos feministas que acontecem nas ruas, na militância, no ativismo, já que esses movimentos, juntamente aos termos "militância" e "ativismo", não são mencionados no texto, e que a força "interior" poderia ser encontrada na reflexão e interação que a leitora teria com a página através da leitura das publicações e da conexão com outras mulheres que possivelmente também acompanham as publicações. Deduz-se que o conteúdo do projeto (blog, página no Facebook e Instagram), por si só, fortaleceria essas mulheres.

A noção de "união" que resulta na "força" dessas mulheres está em pauta ao refletirmos sobre os movimentos ativistas das ruas, em que há uma união das mulheres, que juntas protestam e reivindicam seus direitos. Há também uma possível união ao pensarmos nos coletivos feministas, nas reuniões de discussões entre as mulheres. A união, no caso dessa formulação, seria possível de ser realizada "online", assim como vi mos na definição de Lalonde *apud* Paveau (2017) acerca do cyberfeminismo: "Cyberfeminismo é [...] por definição uma prática ativista, ligada à própria ideologia de abertura da rede, visando a partilha de conhecimentos técnicos e teóricos, bem como acessibilidade das ferramentas de criação e divulgação para mulheres e grupos de mulheres". Deduz-se, então, que a página seria uma página de ativismo feminista, pois pretende produzir e publicar conteúdos às mulheres, dando poder a sua própria voz.

2.4.3 Não me Kahlo

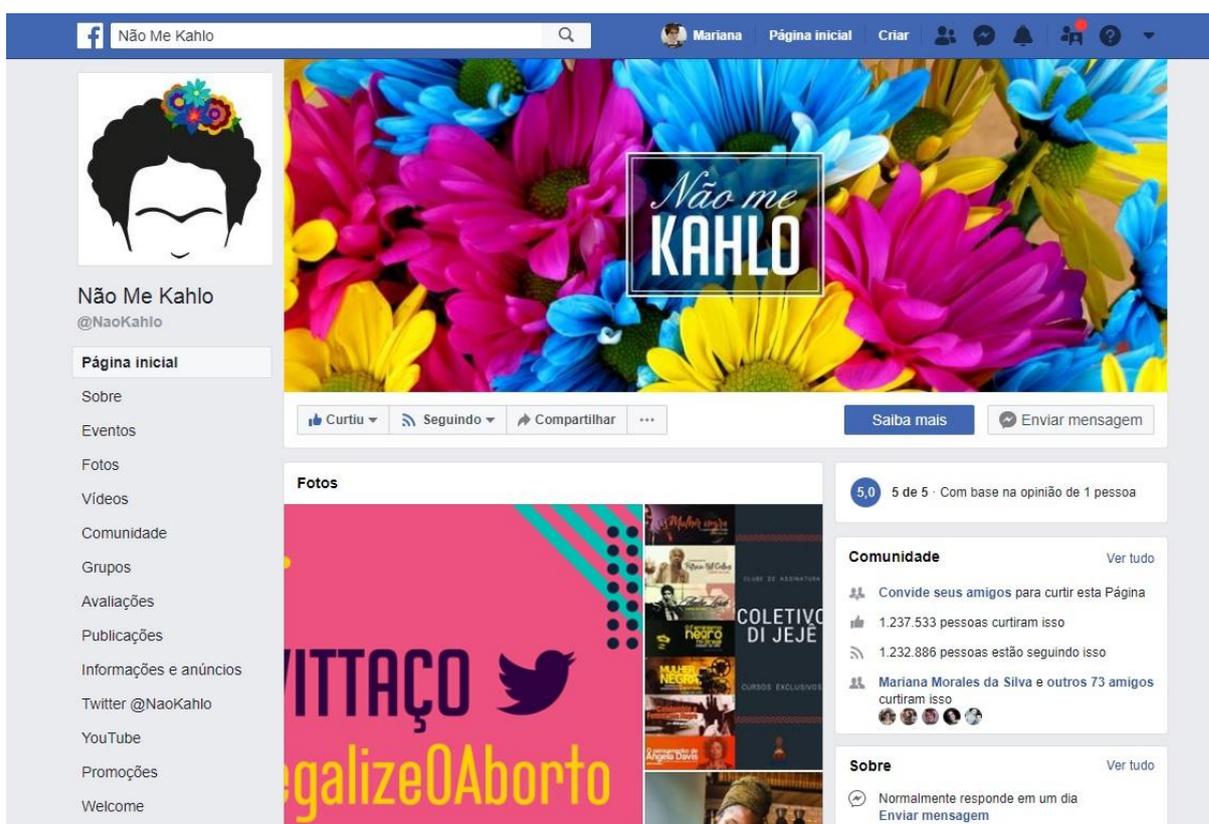


Figura 5: Print screen da página Não me Kahlo⁶²

⁶² URL: < <https://www.facebook.com/NaoKahlo/>>. Acesso em 06/08/2018

A página Não me Kahlo foi fundada em Julho de 2014 e também possui um blog⁶³ de mesmo nome. Entretanto, diferentemente da página Empodere Duas Mulheres, a página do Facebook possui uma descrição de seu conteúdo na aba "Sobre":



Figura 6: Recorte da aba "Sobre" da página Não me Kahlo

A página é descrita, então, como uma organização que tem um objetivo social, da defesa das mulheres e do desenvolvimento do estudo do feminismo. Diferentemente da página Empodere Duas Mulheres, a Não me Kahlo cita a questão do feminismo logo na apresentação da página. O texto da aba "Sobre" do blog da Não me Kahlo:

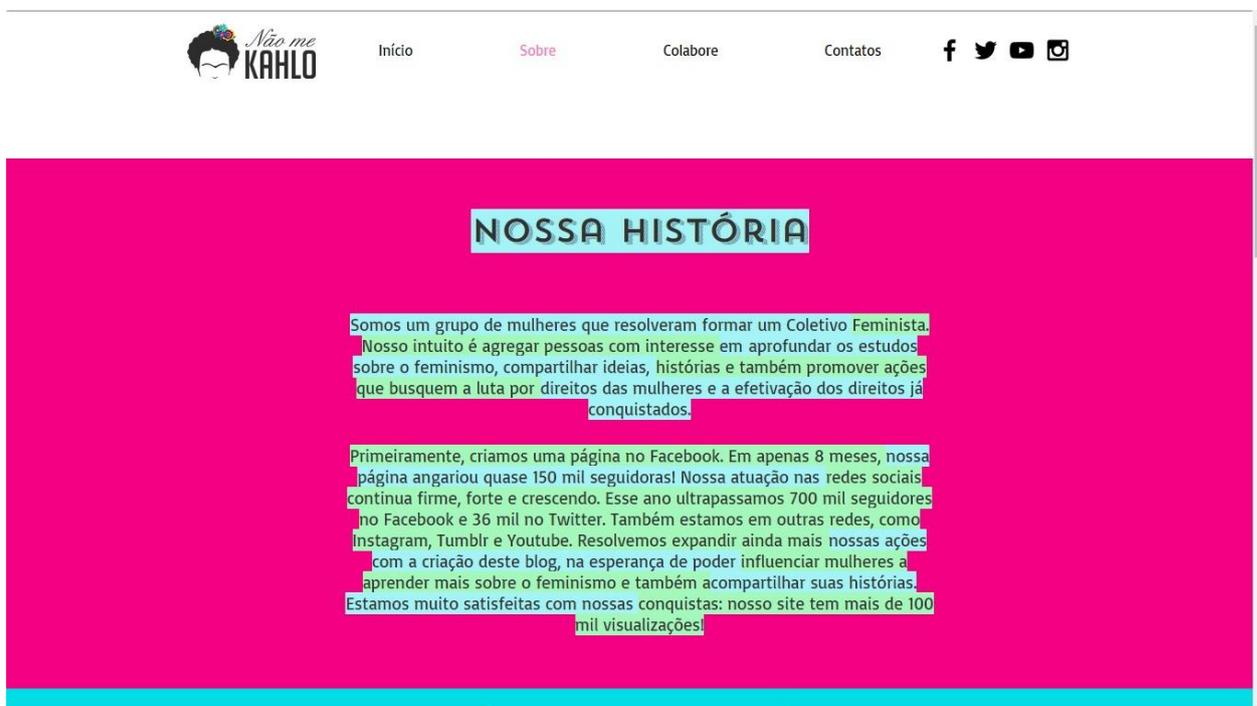


Figura 7: Print screen da página "Sobre" do blog Não Me Kahlo⁶⁴

⁶³ URL: <<http://www.naomekahlo.com/>>. Acesso em 13/08/18

⁶⁴ URL: <<http://www.naomekahlo.com/sobre>>. Acesso em 11/08/18

Nossa história

Somos um grupo de mulheres que resolveram formar um Coletivo Feminista. Nosso intuito é agregar pessoas com interesse em aprofundar os estudos sobre o feminismo, compartilhar ideias, histórias e também promover ações que busquem a luta por direitos das mulheres e a efetivação dos direitos já conquistados.

Primeiramente, criamos uma página no Facebook. Em apenas 8 meses, nossa página angariou quase 150 mil seguidoras! Nossa atuação nas redes sociais continua firme, forte e crescendo. Esse ano ultrapassamos 700 mil seguidores no Facebook e 36 mil no Twitter. Também estamos em outras redes, como Instagram, Tumblr e Youtube. Resolvemos expandir ainda mais nossas ações com a criação deste blog, na esperança de poder influenciar mulheres a aprender mais sobre o feminismo e também a compartilhar suas histórias. Estamos muito satisfeitas com nossas conquistas: nosso site tem mais de 100 mil visualizações!

A Não me Kahlo se apresenta como um Coletivo Feminista que visa agregar pessoas que querem se aprofundar em conteúdos sobre o feminismo, compartilhando ideias e histórias e também promovendo ações em prol da luta por direitos das mulheres. As palavras *luta* e *coletivo* nos remetem ao ativismo de rua, ao histórico militante do feminismo. No segundo parágrafo, há uma resposta às ações dessa "luta" online: muitos seguidores nas diversas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr e Youtube) e muitas visualizações no blog. Aparentemente é uma página ativista na web, um cyberfeminismo, de acordo com a definição de Lalond *apud* Pavot, pois visa a partilha de conhecimentos técnicos e teóricos sobre o feminismo, bem como acessibilidade das ferramentas de criação e divulgação para mulheres e grupos de mulheres.

O nome do coletivo "Não me Kahlo" nos remete a figura de Frida Kahlo, pintora mexicana considerada atualmente um ícone feminista por sua postura que quebrava os padrões da época (décadas de 1910, 1920, 1930 e 1940), trajando vestes diferentes, não se importando com padrão estético da mulher (sua monocelha e pelos no buço atraíam olhares), e lutava para ser reconhecida profissionalmente por suas pinturas. Frida era uma figura excêntrica que ia contra os padrões da mulher considerada feminina. Suas obras tiveram maior visibilidade graças às feministas das décadas de 60 e 70, que lutaram para que isso

acontecesse. Desde então, Frida se tornou uma forte imagem representativa do movimento feminista. Há um jogo fonológico, semântico e ideológico entre o sobrenome de Frida e o verbo "calar" na primeira pessoa do singular ("Kahlo" e "calo"). O verbo na primeira pessoa também traz um efeito de sentido de proximidade entre o locutor e o interlocutor. A negação remete a um efeito de sentido de imposição, já que a mulher submissa ao machismo não tinha a escolha de dizer o que pensa, ou mesmo de impor suas próprias vontades para seu marido, família, colegas de trabalho, sociedade. O coletivo "Não me Kahlo" resgataria a voz das mulheres que não querem (e não vão) se calar.

Sobre a questão da autoria, o blog apresenta quatro autoras da página: Bruna Leão Rangel⁶⁵, Thaysa Malaquias⁶⁶, Gabriela Moura⁶⁷ e Flávia Dias⁶⁸, jovens de diferentes formações acadêmicas.

2.4.4 Empoderamento e sororidade

As *lexias empoderamento* e *sororidade* foram escolhidas como forma de entrada nas análises dos textos das publicações das páginas Empodere Duas Mulheres e Não me Kahlo. A escolha se deve ao fato de que são *lexias* muito recorrentes nas publicações das duas páginas escolhidas e também muito recentes da cena englobante feminista atual. Ao retomarmos algumas obras que são referências atuais para os estudos do feminismo, como, por exemplo, "O Segundo Sexo: Fatos e Mitos (volume 1 e 2)"⁶⁹ de Simone de Beauvoir, ou o livro "A mulher na sociedade de classes: mito e realidade"⁷⁰ de Heleieth Saffioti, não há o aparecimento das *lexias* sororidade, empoderamento, ou mesmo do verbo "empoderar". O

⁶⁵ Descrição retirada do blog: "Graduada em Direito pela Universidade de Brasília e pós graduanda em sociologia e cultura pela PUC-RJ. Passa seu tempo livre vendo séries de tv americana, não fazendo dieta e ocasionalmente bebendo uma cerveja porque ninguém é de ferro. Não quer escolher entre O senhor dos Anéis e Game of Thrones, não pergunte. Seus livros são sua paixão e um dos seus maiores sonhos é ter uma biblioteca em casa".

⁶⁶ Descrição retirada do blog: "Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e trabalha como autônoma na área. Ama dormir, perdendo apenas para a atividade de comer. Não sabe lidar com as opções do Netflix e demais coisas. Apaixonada por Arquitetura e Urbanismo, acredita no papel social que tem como profissional da área em criar cidades mais justas e igualitárias. Gosta de cinza, mas também de cores vibrantes. Tem muita insônia e pensa demais na vida. Valoriza muito o aprendizado tanto a partir de livros, como de vivências. Sofreu para fazer essa descrição."

⁶⁷ Descrição retirada do blog: "Alma presa numa mente maluca e um corpo descoordenado. É o que tem pra hoje. Curly and freak. Escritora. Feminista. RP. Desenhista. Troublemaker."

⁶⁸ Descrição retirada do blog: "Jornalista e mestra em comunicação e cultura pela UFRJ. Pesquisadora de estudos feministas, percussionista e apaixonada pelo carnaval. Utiliza música e intervenções urbanas como instrumento de luta. Acredita que as minas foram feitas pra brilhar!"

⁶⁹ Considerada obra pioneira dos estudos sobre as mulheres. Primeira edição de 1949.

⁷⁰ O livro é considerado um dos trabalhos pioneiros no campo dos "estudos sobre a mulher" no Brasil. A primeira edição data de 1969.

nosso intuito, neste trabalho, não é realizar um estudo histórico-epistemológico sobre ambas as lexias, mas sim trazer um breve panorama inicial de diferentes sentidos relacionados a momentos históricos de uso das lexias.

Etimologicamente, a palavra *sororidade* está no latim *sóror*, que significa “irmãs”. De acordo com Dominique Fougeyrollas-Schwebel em Dicionário Crítico do feminismo, o termo sororidade (ou, então, *sisterhood*, no Inglês) teria surgido em meio aos Movimentos Feministas da década de 1970:

O movimento feminista participa dos movimentos antiautoritários e privilegia as formas mais espontâneas de manifestação, recusando toda organização hierárquica. Pertencer ao movimento representa a realização de uma nova ideologia, a pesquisa de sentidos e de valores comuns. A essa nova ideologia denominou-se "sororidade": *Sisterhood is a Powerful* (a sororidade é poderosa). (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 146)

Ana Liési Thurler, integrante do grupo de pesquisa Vozes Femininas, da Universidade de Brasília (UNB), em uma reportagem de 2016 sobre Sororidade⁷¹ do site O Globo, salienta que

A expressão tem se disseminado com a expansão recente dos feminismos, inclusive entre as jovens mulheres, e com a consciência de que a sororidade é um caminho importante para enfraquecer a misoginia ainda dominante em nossa cultura que, inclusive, incita a rivalidade entre as mulheres.

Empoderamento aparece como uma tradução do inglês *empowerment*, lexia relacionada ao substantivo "poder". O termo em língua portuguesa foi primeiramente publicado no livro *Pedagogia da Esperança*, do educador Paulo Freire, em 1970. Para o educador, o grupo, instituição ou pessoa empoderada é aquela que realiza por si mesma as mudanças e ações que a levam a evoluir, entretanto não havia nada relacionado aos movimentos feministas, visto que se tratava de uma obra sobre educação. De acordo com Valoura (2011), "Empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza". O conceito de empoderamento abrange muitos sujeitos - diferentemente de sororidade que se tornou uma lexia relacionada diretamente às mulheres -, pois abarca questões relacionadas às minorias sociais como um todo: negros, pobres, LGBT e mulheres. Recentemente, a Organização das Nações Unidas

⁷¹ URL: < <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>>. Acesso em 15/08/2018.

(ONU) criou os princípios de Empoderamento das Mulheres⁷², "que são um conjunto de considerações que ajudam a comunidade empresarial a incorporar em seus negócios valores e práticas que visem à equidade de gênero e ao empoderamento de mulheres." Os princípios de Empoderamento das Mulheres seriam:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

Ao analisarmos o texto da ONU, o empoderamento feminino se daria também por ações de terceiros, no caso, das empresas que contratassem mulheres para seus cargos. Nesse cenário, o sentido de empoderamento se diferenciaria ao refletirmos sobre o sentido estabelecido por Paulo Freire: o "empoderar-se", que se tratava de uma ação sobre si mesmo, um verbo reflexivo, também poderia ser "empoderar", uma ação que envolveria, no mínimo, dois locutores, em que um dos locutores empoderaria o outro.

No capítulo 3 encontram-se as análises dos textos multimodais do corpus.

⁷² Disponível em: < <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>>. Acesso em 15/08/2018

Capítulo III

Análises

3.1 Metodologia

Conforme enunciamos na introdução, o corpus de análise consiste em textos multimodais coletados da rede social Facebook, mais especificamente das páginas "Empodere Duas Mulheres" e "Não me Kahlo", e de publicações datadas de 2015. Primeiramente, escolhemos o ano de 2015 pois foi um ano muito importante para o cyberfeminismo, como explicado no item 2.3 deste trabalho.

O corpus foi coletado por meio de uma ferramenta de busca do Facebook em que é possível ter acesso a qualquer texto que possua a lexia digitada no espaço em branco. A ferramenta é encontrada ao clicarmos no ícone "Publicações" quando estivermos navegando na página, como no exemplo abaixo, apontada pela seta:



Figura 8: Ferramenta encontrada no Facebook para se buscar as publicações

É preciso esclarecer que as lexias sororidade e empoderamento⁷³ são somente formas de entrada no corpus, por serem lexias representativas e muito recorrentes em textos feministas na web, como já anteriormente explicado. Ou seja, os textos escolhidos possuem pelo menos uma das lexias. Os dados serão descritos e interpretados à luz da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo pelas proposições de Dominique Maingueneau, especialmente as dedicadas ao estudo da cena de enunciação e da nova genericidade na web. Tentaremos verificar a construção do discurso feminista no funcionamento da rede social e como esta intervém, por meio das coerções do hipergênero, transformando o "conteúdo" e a maneira de dizê-lo.

De acordo com Maingueneau (2015), a dificuldade dos analistas do discurso é a de administrar a divergência entre os procedimentos integradores, que abrigam as unidades tópicas, e os procedimentos texto-analíticos, que abrigam as unidades não-tópicas.

Pode-se dizer que esses dois tipos de procedimentos, integrador e texto-analítico, são ambos necessários, na medida em que captam as duas faces da discursividade: a consistência de um discurso se constrói por meio de um trabalho permanente sobre uma inconsistência múltipla; as fronteiras de um discurso nunca deixam de ser atravessadas pelo interdiscurso que as domina. (Maingueneau, 2015, p.103)

O objetivo do trabalho é compreender como o discurso feminista se manifesta nas publicações das páginas Empodere Duas Mulheres e Não me Kahlo no Facebook, considerando principalmente os elementos relacionados às possíveis fronteiras "pré-formatadas", sem excluir as formações discursivas e os percursos, evitando que se fechem as fronteiras. "(...) não haveria análise do discurso se não houvesse agrupamentos de enunciados inscritos nas fronteiras, mas, por outro lado, também não haveria análise do discurso, se o sentido se fechasse nessas fronteiras" (Maingueneau, 2008, p. 25). As análises iniciais se pautarão mais no procedimento texto-analítico para que haja um esclarecimento a respeito dos discursos que ali se manifestam para posteriormente, na conclusão da dissertação, os relacionarmos ao procedimento integrador, considerando as coerções provocadas pelo médium e hipergênero.

Salientamos que os comentários das publicações não serão analisados, somente as publicações de autoria das páginas. Dividiremos as análises por ordem cronológica do mês e

⁷³ Foram também buscados textos que continham o verbo "empoderar"/"empoderar-se"/"empoderando", e o adjetivo ou participio "empoderada"/"empoderado".

ano em que foram publicadas e intercalando, quando possível, as postagens das diferentes páginas.

3.2 Análises das publicações

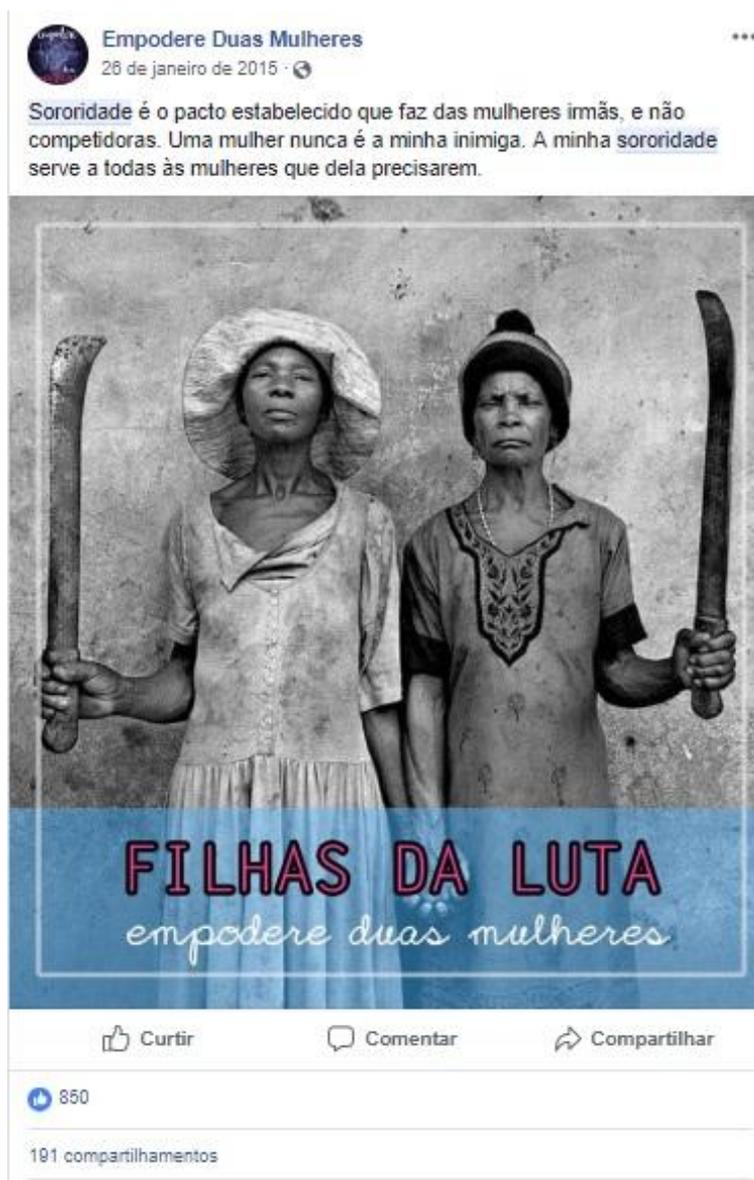


Figura 1: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 26 de janeiro de 2015

A Figura 1, publicada na página *Empodere Duas Mulheres*, traz em evidência duas cenografias existentes na composição do texto. A primeira delas é a presença de uma espécie de **verbete de dicionário**, em que o termo "sororidade" é explicado àqueles que não conhecem seu sentido ("*Sororidade é o pacto estabelecido que faz das mulheres irmãs, e não*

competidoras. Uma mulher nunca é a minha inimiga. A minha sororidade serve a todas as mulheres que dela precisarem"). O uso de pronomes possessivos como "minha" em "*minha inimiga*" e "*minha sororidade*" possibilitam um efeito de aproximação entre o locutor e o interlocutor. Aproximação esta que convoca, chama e congrega. É preciso salientar que há nesse enunciado a tentativa de desconstrução do interdiscurso de que as mulheres não conseguem ser amigas, discurso que circula na sociedade. O enunciado, em tom convocador, clama pela congregação de mulheres que possam se contrapor ao discurso que as colocam numa condição de inferioridade. Assim, por meio do interdiscurso, é possível recuperar um discurso presumivelmente machista que circula sobre a relação entre as mulheres e atestar que o enunciado é produzido como resposta a ele. Dessa forma, a cenografia mobilizada pela cena é a figura da mulher em posição de combate que chama suas semelhantes para a luta, pois a luta não é de uma, mas de todas as que desejam se desinscrever de uma condição de inferioridade. Entretanto, cabe a reflexão: que luta seria essa e que produz filhas como estas? Seria a luta a "mãe" dessas filhas irmãs? Ao pensarmos nos espaços de memória, nos efeitos de sentido, a própria "sororidade" possui uma contradição constitutiva pois a mesma descarta a possibilidade das mulheres serem rivais por outras questões sociais como, por exemplo, questões relacionadas às diferenças de classes sociais, raças, etnias, orientações sexuais, religiões, etc. Na formulação [1] *Uma mulher nunca é a minha inimiga*, há o apagamento de possíveis rivalidades, competições entre mulheres. Há também o possível efeito de sentido sobre a palavra "irmã": ao pensarmos nas relações familiares, os efeitos de sentido que circulam sobre irmã é que muitas vezes há competições, rivalidades entre elas. O texto, ao utilizar a palavra irmã, tenta ressignificá-la com um sentido eufórico sobre a relação.

Tal interpretação é corroborada pela análise do texto imagético, no qual observamos duas mulheres munidas de facões. Em primeira análise, é possível, então, dizer que o uso dos facões, bem como das expressões faciais duras, vão contra a construção social de que a mulher deve ser feminina e, por isso, não deve ter expressões que remetam ao universo masculino ou portar armas – também ligadas às construções socialmente aceitas em relação ao masculino. Com isso, embora elas trajem vestidos e acessórios tipicamente e estereotipicamente ligados ao feminino, portar ferramentas manuseadas tipicamente por homens faz com que emerja a cenografia da mulher que luta. Apesar de não haver referências na publicação sobre a origem dessa imagem/fotografia ou a qual momento histórico ela se refere, buscamos por meio do website Google Imagens⁷⁴ e pudemos averiguar⁷⁵ que se trata

⁷⁴ URL: < <https://www.google.com/imghp?hl=pt-pt>>. Acesso em 18/08/18

de uma fotografia relacionada aos Maroons, tirada possivelmente por volta de 1900, apesar de não termos tido uma confirmação exata da data, local e de quem são as duas mulheres da fotografia. A luta dos Maroons contra os Britânicos ocorreu por volta do ano de 1700. Os Maroons eram escravos africanos que escaparam da escravidão na ilha da Jamaica e estabeleceram comunidades livres no interior jamaicano montanhoso. A partir do final do século 17, os Maroons lutaram contra os colonos britânicos e assinaram tratados no século 18 que efetivamente os libertaram mais de 50 anos antes da abolição do tráfico de escravos em 1807. Atualmente, os Maroons jamaicanos são autônomos e separados da sociedade jamaicana.⁷⁶ Quando pesquisamos imagens semelhantes no Google Imagens, apareceram desenhos da figura histórica Nanny, nascida em Ashanti (atualmente Gana) e que viveu entre 1686 e 1733. Nanny escapou da escravidão depois de ser sequestrada e trazida para a Jamaica, foi umas das grandes líderes do movimento da Primeira Guerra dos Maroons contra os britânicos (1720-1739) e se destaca na história como a única mulher entre os heróis da Jamaica. Entretanto, a memória histórica que a fotografia pode significar a respeito da luta de mulheres e dos Maroons é completamente apagada pelo texto verbal, e a luta política, de resistência contra a escravidão, se perde. O contexto histórico das mulheres negras - incluindo o feminismo negro, que tem diferenças históricas relevantes em relação ao feminismo branco e da escravidão é completamente ignorado pelo texto verbal.

O texto imagético vai de encontro aos discursos que circulam sobre a mulher e de que ela deve empoderar-se. Empoderamento, no caso, é a luta, a arma e a desconstrução de valores enraizados na sociedade – o que se atesta com o enunciado “empodere duas mulheres”. Afinal, de acordo com os sentidos produzidos pelos textos verbal e não verbal, não basta uma mulher com poder, é preciso mais.

Ainda é preciso destacar que, sobre o texto imagético, lê-se "Filhas da luta", que pode remeter ao termo "Filhas da puta", considerado um xingamento, cuja memória histórica está interligada à cultura de desvalorização das prostitutas e, conseqüentemente, das mulheres. Ser filho de uma prostituta é ideologicamente considerado algo negativo, pois prostitutas são vistas como "sem valor" na sociedade, alguém que esteja na ordem dos infames, da escória. Ao transformar "filhas da puta" em "filhas da luta", a ideologia sobre o valor das mulheres e seus papéis sociais é de certa forma questionada. A mulher, que antes era "puta", "sem valor",

⁷⁵ A imagem foi inclusive encontrada na URL < <https://face2faceafrica.com/article/how-the-maroons-from-africa-battled-the-british-in-jamaica-and-won-in-the-1700s>>. Acesso em 18/08/18

⁷⁶ Informações retiradas da Wikipedia:. URL< [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maroon_\(povo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maroon_(povo))>. Acesso em 18/08/18

"suja", "que dá pra todo mundo", agora é a mulher que luta para ter valor, que luta para ter liberdade sexual e de escolha sem ser julgada por isso, que luta pelo fim da cultura do patriarcado. Há um jogo fonológico, semântico e ideológico entre os dois enunciados que repercute um efeito de deslocamento de uma memória discursiva no interlocutor. É possível observar que esses sentidos são legitimados pela segunda cenografia existente: a de uma espécie de **cartaz militante**, no qual há a imagem das mulheres com os facões em junção aos enunciados descritos. No caso em questão, o cartaz, para além da função publicitária, tem a função de interpelação, a de chamar a atenção para uma questão proeminente na sociedade: o empoderamento feminino. Nesse caso, o "cartaz" procura chamar a atenção para o sentido de *sororidade* descrito no verbete, e para as questões feministas de empoderamento já citadas anteriormente nesta análise. As duas cenografias trabalham juntas para construir os sentidos que ali circulam; quais sejam se unir para desinferiorizar as mulheres. Entretanto, o apagamento da memória discursiva da questão das mulheres negras, da escravidão e mesmo a questão da violência sexual sofrida pelas mulheres escravas não são explicitadas no texto verbal. Portanto, questionamos: o que o termo sororidade produz nos movimentos feministas? Seria a sororidade válida somente à classe média e mulheres brancas? Pode-se afirmar, inclusive, que os efeitos de sentido que incluem a relação entre os elementos verbo-visuais remete ao interdiscurso do racismo, contexto em que o negro é inferiorizado em relação ao branco, o negro que tem sua história apagada em prol da história dos brancos, como acontece na publicação: o texto verbal sobre sororidade apaga a história sobre escravidão e luta de mulheres negras.

Portanto, por meio da breve análise e do entendimento da existência das duas cenografias, é possível circunscrever alguns possíveis sentidos e verificar como se dá a construção do discurso feminista dentro da rede social e sua consequente circulação nesse dispositivo. Ademais, as cenografias mobilizadas, a do verbete de dicionário e a do cartaz militante se apresentam numa relação polêmica, sobretudo no que tange ao apagamento das lutas das mulheres negras, se pautando no padrão estético de beleza feminina valorizado atualmente na nossa sociedade, ou seja, são mobilizadas duas mulheres negras, vestidas com trajes que nos remete aos Maroons e aparência sofrida por conta das lutas, tratando apenas de valorizar a possibilidade atual da mulher - seja ela negra, branca, pobre, de classe média, lésbica, trans - de se vestir e se portar da forma que quiser, dessa maneira, se empoderando.

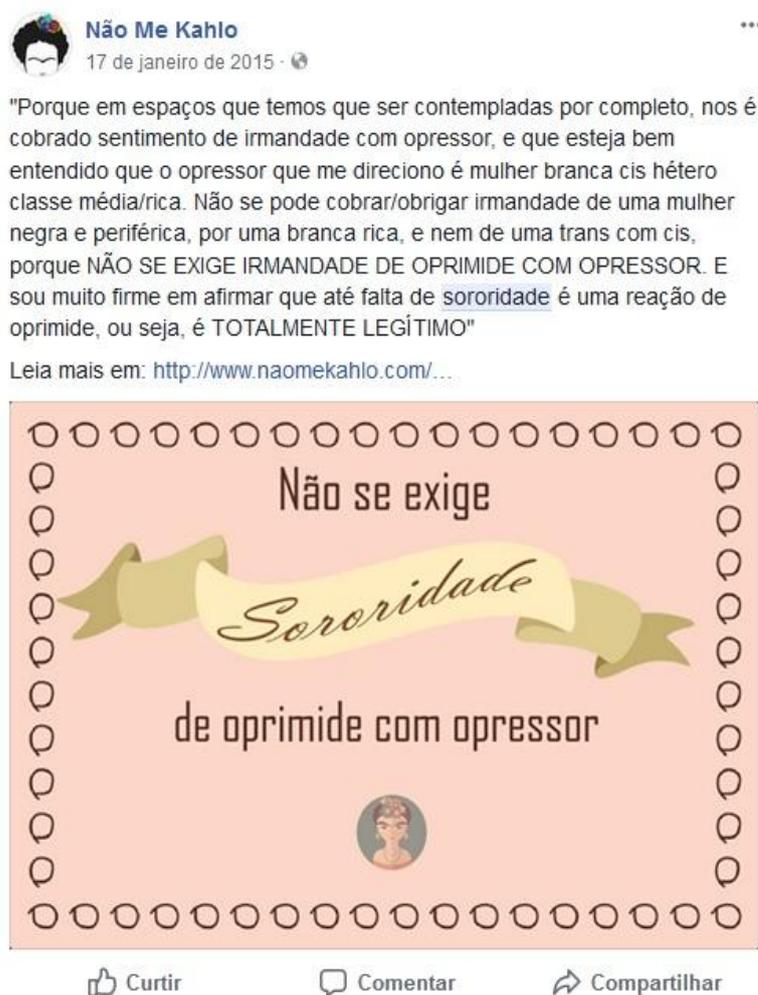


Figura 9: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 17 de janeiro de 2015

A *Figura 9*, publicada na página *Não me Kahlo*, traz em sua composição verbo-visual duas cenografias existentes. A primeira a ser identificada é uma **citação destacada** ("*Porque em espaços que temos que ser contempladas por completo, nos é cobrado sentimento de irmandade com opressor, e que esteja bem entendido que o opressor que me direciono é mulher branca cis hétero classe média/rica. Não se pode cobrar/obrigar irmandade de uma mulher negra e periférica, por uma branca rica, e nem de uma trans com cis, porque NÃO SE EXIGE IRMANDADE DE OPRIMIDE COM OPRESSOR. E sou muito firme em afirmar que até falta de sororidade é uma reação de oprimide, ou seja, É TOTALMENTE LEGÍTIMO*"). É possível averiguar, por meio do uso de aspas e da URL para o texto integral do blog no enunciado "Leia mais em" que se trata mesmo de um trecho de um dos textos do blog *Não me Kahlo* utilizado para destaque. É um tipo de chamamento para que o enunciatório se interesse pelo texto integral e clique no link da página para lê-lo. Nesta primeira cenografia, é possível averiguar, na formulação [1] *Porque em espaços que temos que ser contempladas*

por completo, nos é cobrado sentimento de irmandade com opressor, que é um enunciado em primeira pessoa do plural e inclusivo, como se fosse direcionado a outras mulheres ("temos que ser contempladas", e "nos é cobrado"); entretanto, a primeira pessoa do plural se transforma em primeira pessoa do singular na formulação [2] *e que esteja bem entendido que o opressor que me direciono é mulher branca cis hétero classe média/rica*, a fim de trazer uma explicação para o que seria "opressor" no ponto de vista do enunciador. No caso, trata-se de um texto sobre irmandade, trazendo a questão das mulheres irmãs em pauta novamente, como ocorreu na análise da Figura 1. Entretanto, no intradiscurso, pode-se verificar que o sentimento de irmandade, ou *sororidade*, é algo cobrado das mulheres em lugares em que elas têm de ser contempladas, ou seja, em lugares de valorização da mulher (como o lugar de feminista, talvez) e essa sororidade socialmente "cobrada" teria o dever de existir também na relação com o que o enunciador denomina de opressor (a): uma mulher que seja branca, cisgênero, heterossexual e de classe média ou rica.

Na formulação [3] *Não se pode cobrar/obrigar irmandade de uma mulher negra e periférica, por uma branca rica, e nem de uma trans com cis, porque NÃO SE EXIGE IRMANDADE DE OPRIMIDE COM OPRESSOR.*, podemos ressaltar a questão forte da negação de que essa cobrança social pela irmandade, a qual na formulação 3 é denominada sororidade (entendemos aqui como palavras de significados muito próximos), não deve ser cobrada de mulheres negras e periféricas quando se trata de ter sororidade com uma mulher que seja branca, cisgênero, heterossexual e de classe média ou rica, ou então a sororidade de mulheres transgêneros com mulheres cisgêneros. O interdiscurso que irrompe nas formulações é o da interseccionalidade, da luta por direitos dos oprimidos, sejam eles negros, pobres, LGBT. A relação histórica de dívida que os brancos, de classe média ou ricos, heterossexuais e cisgêneros, socialmente e historicamente privilegiados têm com as minorias sociais está presente no interdiscurso: para o enunciador, não se pode exigir que haja irmandade entre uma mulher oprimida com uma mulher opressora. O uso de "oprimide" ao invés de "oprimida" ou "oprimido" indica o uso do gênero "neutro", recurso linguístico muito utilizado atualmente na variação linguística da internet, que tem a função de agregar, num tom inclusivo, diferentes gêneros, não só o masculino e feminino: pode-se pensar, no caso, nos indivíduos que não se consideram nem homem e nem mulher, como os gêneros não-binários, por exemplo. Porém, é possível questionar a respeito de que gêneros seriam ou não inclusos pelo movimento feminista, já que oprimide também incluiria o gênero masculino, evidenciando uma incoerência no enunciado.

Na formulação [4] *E sou muito firme em afirmar que até falta de sororidade é uma reação de oprimide, ou seja, É TOTALMENTE LEGÍTIMO.*, o sujeito enunciador afirma que a falta da sororidade, da irmandade entre mulheres em que uma delas seja uma minoria (oprimida) é uma reação legítima, ou seja, justificável. O interdiscurso que irrompe novamente nos revela o discurso da justiça, pois se trata de um acerto das dívidas históricas existentes entre as mulheres de diferentes classes sociais, orientações sexuais, gêneros e raças. A memória discursiva de acontecimentos históricos como a escravidão negra no Brasil, o atual preconceito e falta de representatividade dos negros e LGBT, incluindo os altos índices atuais de mortes por homofobia⁷⁷ e racismo são constitutivas dos discursos que circulam no enunciado. Segundo Courtine (2009), "O interdiscurso funciona ali como preenchimento, produção de um efeito de consistência no cerne de uma rede de formulações, repetição na ordem de uma memória plena".

Porém, é necessário refletir a respeito da "falta de sororidade": seria a falta de sororidade a real competição entre as mulheres justificada pelas suas diferentes posições sociais? Seria um atestado de que essas mulheres de posições sociais distintas não devem ser irmãs no sentido eufórico de proximidade/amizade? Ou será que a falta de sororidade ocasionada pelas diferenças sociais seria a justificativa de possíveis comportamentos agressivos, como xingamentos, violências físicas e morais do oprimido ao opressor?

A segunda cenografia a ser destacada é a de uma espécie de **cartão de visitas** que convoca o interlocutor à reflexão do enunciado destacado: *Não se exige Sororidade de oprimide com opressor*, retomando a formulação que aparece em letras maiúsculas na primeira cenografia, impondo a relação de importância do enunciado. O elemento visual do cartão inclui uma pequena imagem desenhada do rosto de Frida Kahlo. Veremos em outras análises que a mesma imagem também aparece em outras postagens da página Não me Kahlo, ou seja, tem a função de "imagem-símbolo", ou mesmo uma "marca registrada" para as publicações. A função do cartão de visitas é que o enunciatário possa ser fisgado pelo enunciado, que o convida para a leitura da citação destacada e ao link para o texto integral no blog.

Por meio da breve análise e da compreensão das cenografias existentes na verbo-visualidade, é possível compreender outros possíveis sentidos de sororidade que, diferentemente dos sentidos de sororidade presentes na Figura 1, os sentidos presentes na

⁷⁷ "Em 2017, 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs) foram mortos em crimes motivados por homofobia", citado em URL < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>>. Acesso em 20/08/18

Figura 9 representam uma sororidade mais limitada e, de certa forma, mais consciente: ela não abrange todas as mulheres pois nem sempre é possível existir essa relação de irmandade, somente quando há igualdade de posições sociais, pois há também questões históricas em pauta que podem provocar revoltas, instabilidade e, de certa forma, rivalidade entre as mulheres. A contradição constitutiva do léxico é clara ao observarmos os diferentes sentidos que circulam: há uma transformação dos elementos de uma formação discursiva, pois o interdiscurso regula suas fronteiras, que se movimentam.

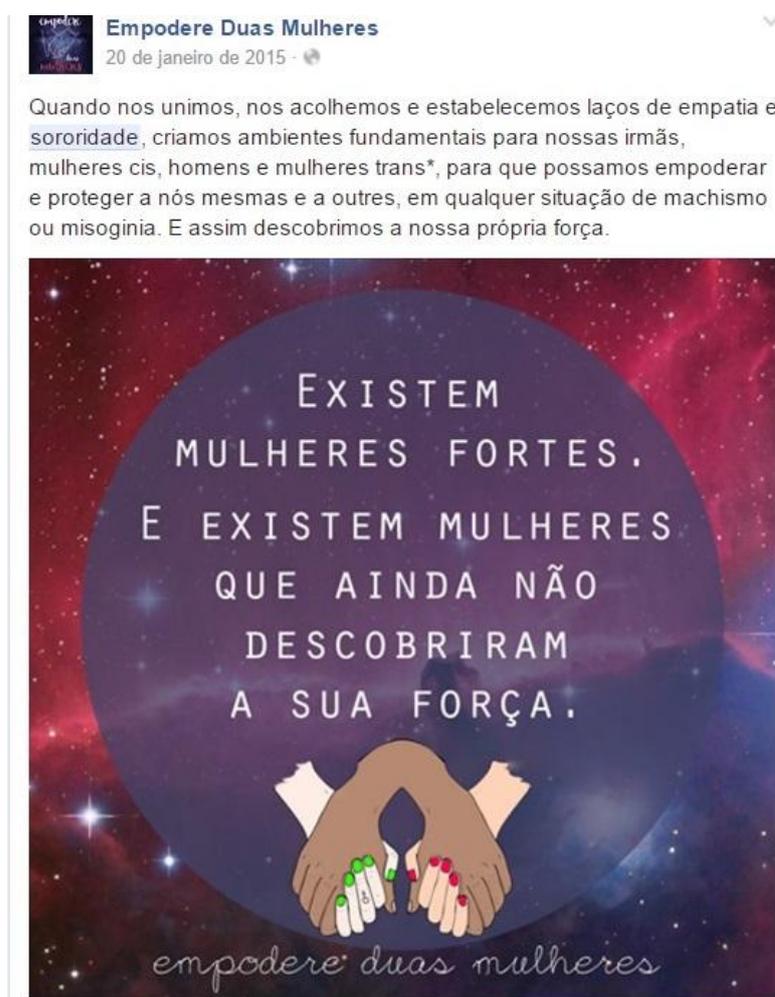


Figura 10: retirada da página "Empodere Duas Mulheres " e publicada em 20 de janeiro de 2015

Na *Figura 10*, pertencente à página *Empodere Duas Mulheres*, pode-se identificar a cenografia de **cartaz** no texto imagético ("*Existem mulheres fortes. E existem mulheres que ainda não descobriram sua força*"), juntamente com um **texto explicativo** que parece ser um complemento ao cartaz, pois ambos materializam o discurso da força da mulher ("*Quando nos unimos, nos acolhemos e estabelecemos laços de empatia e sororidade, criamos ambientes*

*fundamentais para nossas irmãs, mulheres cis, homens e mulheres trans**, para que possamos empoderar e proteger a nós mesmas e a outres, em qualquer situação de machismo ou misoginia. E assim descobrimos a nossa própria força"). Na formulação [1] *Existem mulheres fortes. E existem mulheres que ainda não descobriram sua força*, há a generalização de que toda mulher é forte pois deduz-se que existem dois grupos de mulheres: o das mulheres que são fortes e que conhecem sua força, e o grupo das mulheres que são fortes mas ainda não descobriram sua força. Aquela mulher que não se considera forte é porque ainda não se descobriu como mulher forte, que não se conhece o suficiente para identificar sua própria força. O uso do verbo "existir" nas duas orações corrobora o efeito de sentido de uma verdade, pois existem mulheres fortes, elas não são uma invenção, elas são reais. O fato de serem duas orações independentes separadas por um ponto final também valida o efeito de sentido de conclusão de uma discussão a respeito da força da mulher. Existem mulheres fortes, e "ponto final". O cartaz possui um fundo escuro e brilhante, que se assemelha a um céu noturno, e dois gestos de aperto de mãos juntamente ao nome da página "Empodere Duas Mulheres"; nesse caso, duas mãos negras apertam duas mãos brancas, trazendo a tona o discurso de inclusão, de que não só as mulheres brancas como também as mulheres negras constituem as mulheres fortes.

O texto explicativo constituído por um texto verbal procura complementar a formulação [1], e aparece na parte superior do cartaz. O enunciado evidencia como a mulher descobre sua força por meio de uma estrutura argumentativa de causa e consequência. Pois temos a formulação [2] *Quando nos unimos*, como ação que necessite ser realizada (causa) para que aconteça [3] *nos acolhemos e estabelecemos laços de empatia e sororidade*, e [4] *criamos ambientes fundamentais para nossas irmãs, mulheres cis, homens e mulheres trans** com a finalidade [5] *para que possamos empoderar e proteger a nós mesmas e a outres, em qualquer situação de machismo ou misoginia*. Se tudo isso for concretizado, as mulheres descobrirão sua força, como materializado na formulação [6] *E assim descobrimos a nossa própria força*.

Novamente o uso da primeira pessoa do singular produz um efeito de sentido de aproximação entre enunciador e enunciatário. Apesar da suposta aproximação, o que é observado nas formulações 2 e 3 é que há a manifestação de um discurso generalizante, pois não é demonstrado como se daria essa união para que se estabeleça o acolhimento, os laços de empatia e a sororidade, apesar de ser possível interpretar, por meio do texto imagético das mãos brancas e negras, que essa união se daria entre mulheres brancas e mulheres negras. Na

formulação 3, também não há um aprofundamento sobre o que seriam "ambientes fundamentais", mas há a hipótese de que sejam situações propícias para que as mulheres irmãs se empoderem e se protejam de situações de misoginia e machismo, como consta na formulação 5. Na formulação 4, as mulheres irmãs seriam as mulheres cisgênero, homens transgênero e mulheres transgênero, ou seja, mesmo os homens transgênero são considerados mulheres para a formação discursiva do enunciador, talvez por serem "mulheres de nascença" e por já terem sofrido com o patriarcado e a misoginia. Apesar do texto imagético no cartaz trazer as mãos de mulheres negras, não há menção explícita a elas no texto verbal. A conclusão na formulação 6 encerra o texto verbal, que procura, com um discurso generalizante e pouco esclarecedor, semelhante a um discurso de autoajuda, "possibilitar" que as mulheres encontrem sua força.



Figura 11: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 16 de janeiro de 2015

O texto multimodal da *Figura 11* nos remete instantaneamente a *Figura 9*, ambos publicados pela página Não Me Kahlo. Temos uma **citação destacada** ("*Primeiramente, meu conceito de sororidade é: União de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina. Mantém a unidade de movimento, mas não iguala opressão e sofrimento. Partindo do princípio de interseccionalidade, em que opressões se somam, nem todas as mulheres sofrem apenas por opressão de gênero, por isso, mesmo que oprimidas, mulheres oprimem outras mulheres. E aí que entra a linda da sororidade novamente, porém não mais na pureza de seu conceito e sim como a arma silenciadora mais dolorosa de todos os tempos, que promove destruição do movimento de dentro pra fora*"), com um link para o texto integral que se encontra no blog Não me Kahlo, e um tipo de **cartão de visitas** que possui uma definição de sororidade, ou seja, um cartão de visitas que engloba também a cenografia do **verbete** ("*Definição: união de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina*"). À primeira vista, observamos que a configuração das cenografias é muito próxima às da *Figura 9*, inclusive as cores e fonte utilizados no cartão de visitas, e também seu conteúdo, pois ambas as publicações dizem respeito ao conceito de sororidade.

Ao analisarmos a rede de formulações do intradiscursos no enunciado da citação destacada, temos em [1] *Primeiramente, meu conceito de sororidade é*: uma definição do que seria sororidade para o enunciador, ou seja, a página Não me Kahlo. Em [2] *União de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina*, há uma descrição do que seria a sororidade: uma união de mulheres contra o patriarcado e uma tática de luta contra a rivalidade feminina, ou seja, a questão da união das mulheres é novamente colocada em pauta nessa publicação. Em [3] *Mantém a unidade de movimento, mas não iguala opressão e sofrimento. Partindo do princípio de interseccionalidade, em que opressões se somam, nem todas as mulheres sofrem apenas por opressão de gênero, por isso, mesmo que oprimidas, mulheres oprimem outras mulheres.*, há uma diferenciação entre opressão e sofrimento, pois a opressão estaria interligada à questão da interseccionalidade⁷⁸, que seria o estudo da sobreposição de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, historicamente e socialmente determinados.

⁷⁸ "A interseccionalidade sustenta que as conceituações clássicas de opressão dentro da sociedade — tais como o racismo, o sexismo, o classismo, capacitismo, bifobia, homofobia e a transfobia e intolerâncias baseadas em crenças — não age independentemente uns dos outros mas que essas formas de opressão se inter-relacionam, criando um sistema de opressão que reflete o "cruzamento" de múltiplas formas de discriminação". (Wikipédia, 2018)

Na formulação 3 é ressaltado que há uma soma dessas opressões, sejam elas de gênero, raça, capacidade, orientação sexual, religião, classe social, idade; confirmando a constatação de que uma mulher pode sofrer diferentes tipos de opressões, e não somente a opressão por ser uma mulher (opressão de gênero). Por conta disso, é possível que mulheres oprimam mulheres, seja uma mulher branca oprimindo uma mulher negra, ou uma mulher rica oprimindo uma mulher pobre, etc. O discurso da interseccionalidade garante uma legitimidade para o enunciado, pelo fato de ser uma teoria já criada, estudada e fundamentada teoricamente por pesquisadores das ciências humanas e sociais. Na formulação [4] *E aí que entra a linda da sororidade novamente, porém não mais na pureza de seu conceito e sim como a arma silenciadora mais dolorosa de todos os tempos, que promove destruição do movimento de dentro pra fora*", a sororidade é denominada de "linda" ironicamente, descrita como a "arma silenciadora mais dolorosa de todos os tempos" e que "promove destruição do movimento [feminista] de dentro pra fora". É possível apreender pelo intradiscorso de que há uma sororidade cujo conceito é "puro", homogeneizante, e que desconsidera a realidade das mulheres. Por essa razão é descrita como uma arma que silencia, por meio do seu discurso da pureza e união de mulheres, as vozes das mulheres que sofrem diferentes tipos de opressões, incluindo opressões realizadas por outras mulheres. Poderíamos confirmar que, de acordo com a formação discursiva do enunciador, a sororidade seria um conceito que não funciona na prática: esta suposta "união" das mulheres contra o patriarcado apaga a memória da rivalidade histórica e social das mulheres. Nota-se um discurso de crítica ao conceito de sororidade que tem sido propagado, pois o mesmo é destrutivo como uma arma: arma que mata silenciando discursos de mulheres oprimidas. A destruição que ocorre "de dentro pra fora" faz menção a uma destruição que ocorre entre as próprias mulheres do movimento feminista.

O cartão de visitas é uma cenografia composta de elementos verbo-visuais com aspecto que nos remete a um design de um estilo antigo, como a cor rosa claro no fundo, as letras com fonte que se assemelham a uma caligrafia, e a imagem do rosto de Frida Kahlo caracterizada como a "marca da página" Não me Kahlo, exatamente como ocorreu também na Figura 9. A cenografia do cartão de visitas traz em sua construção outra possível cenografia, a cenografia de verbete com a definição de Sororidade [5] *Definição: União de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina*. Justamente por se tratar de um trecho do texto verbal cuja citação aparece na publicação, tem a função de convidar o leitor a ler o texto integral do blog. Dessa forma, é possível visualizar como há, de fato, formatações

pouco restritivas no "gênero web", que possibilitam muitas cenografias diferentes em uma mesma publicação.



Figura 2: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 21 de janeiro de 2015

No texto multimodal acima (*Figura 2*), publicado pela página Empodere Duas Mulheres, temos duas cenografias existentes. Na primeira cenografia, também com um **texto explicativo** (“*Quando nós nos priorizamos, mulheres cis, homens e mulheres trans dentro do movimento feminista, nós nos fortalecemos. Nós nos ajudamos, nós crescemos. Quando focamos nossa luta em empoderar mulheres, nós estamos aumentando nossa força. Estamos nos fazendo irmãs, e não inimigas. É nessa união que somos maiores.*”), é possível perceber a mesma estrutura argumentativa de causa e consequência, como ocorreu também na *Figura 10*. No caso, a formulação [1] *Quando nós nos priorizamos, mulheres cis, homens e mulheres trans dentro do movimento feminista*, seria a causa da formulação [2] *nós nos fortalecemos. Nós nos ajudamos, nós crescemos*, assim como ocorre entre as formulações [3] *Quando focamos nossa luta em empoderar mulheres* (causa) e [4] *nós estamos aumentando nossa*

força. Estamos nos fazendo irmãs, e não inimigas. (consequência). Há sempre uma ação a ser realizada, que consiste em se priorizar/valorizar, assim como valorizar a outra mulher, seja ela trans ou cis, ou até mesmo um homem trans, que resultaria num fortalecimento do movimento feminista. O empoderamento de mulheres faz com que a mulher aumente sua força. Dessa maneira, as mulheres se tornariam irmãs, e não inimigas. E seria essa união que as tornam fortes o suficiente para lutarem contra o patriarcado ([6] *É nessa união que somos maiores*).

O **cartaz** com a frase “Apoie as irmãs”, e o símbolo das mãos negras apertando as mãos brancas (como na Figura 10) se mantém, quase como uma marca registrada da página Empodere Duas Mulheres. O fundo rosado com flores permite um efeito de sentido do feminino, há uma memória discursiva que relaciona a mulheres a flores: a mulher seria bonita e delicada como uma flor. Entretanto, o que é possível averiguar por meio do intradiscurso é que as mulheres precisam se unir para se fortalecerem. Palavras como *luta*, *força* e *união* se tornam mais recorrentes nos textos da página até o momento analisados. Quando nos remetemos às imagens das mulheres com os facões (Figura 1), o interdiscurso que irrompe é o das mulheres que lutam, que vestem trajes tipicamente masculinos, que seguram armas e estão sujas devido à guerrilha, a fim de desconstruir a imagem da mulher “bela, recatada e do lar”, que se preocupa em seguir os padrões considerados femininos pela sociedade machista. A imagem da flor vai de encontro ao interdiscurso do estereótipo da mulher feminina, que se cuida, é cheirosa, é delicada como uma flor, discurso que o feminismo visa desconstruir por meio de outros discursos, o da mulher que luta com facões e que nem por isso deixa de ser mulher (ou feminina). Percebemos um possível jogo de efeitos de sentido na publicação da Figura 2, pois ao mesmo tempo que o discurso de empoderamento está presente, de chamar as mulheres para a luta, força e união contra o patriarcado, a memória discursiva da mulher delicada, cheirosa, bela se encontra no estereótipo da comparação da mulher com uma flor.

É fato que há uma regularidade na estrutura composicional do texto multimodal, incluindo os elementos iconográficos das cenografias, que se assemelham às outras publicações da página. Primeiramente, nas Figuras 1, 10 e 12 os textos verbais são parecidos, remetem à união de mulheres, de força, de empoderamento e de que mulheres são irmãs, e não inimigas. Porém, são discursos pautados numa generalização, numa repetição de frases parecidas e pouco explicativas do universo do feminismo. Pouco se menciona o movimento e sua memória histórica. Há a menção a uma luta, mas a luta se dá sempre em acolher o outro, se unir ao outro para que, assim, a mulher se torne forte e capaz de combater o patriarcado. A

questão da mulher negra permanece visível no símbolo das mãos unidas, porém, no texto, não há menção específica à mulher negra, somente às mulheres cis e trans, e aos homens trans.



Figura 12: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 29 de janeiro de 2015

O texto da publicação da *Figura 12*, publicado na página Não me Kahlo, nos traz a cenografia de um **convite** aos leitores da página ("*É certo que pessoas trans merecem visibilidade todo dia! Mas hoje, em especial, dedicaremos os posts da nossa página à visibilidade trans. Quer contar a sua história? Mandar uma mensagem de empoderamento a outras pessoas trans? Mande seu recado, não se kahle! Envie uma mensagem para naomekahlo@gmail.com ou deixe sua mensagem nos comentários*") e um **cartaz de homenagem** ao dia da visibilidade trans ("*29 de Janeiro / Dia da visibilidade Trans*"). O interdiscurso que irrompe nos enunciados do **convite** nos remete a um discurso de inclusão de pessoas transexuais, como na formulação [1] *É certo que pessoas trans merecem visibilidade todo dia! Mas hoje, em especial, dedicaremos os posts da nossa página à visibilidade trans.* Essa inclusão se daria por meio de postagens de autoria da página, e por meio de mensagens dos enunciatários nos comentários das publicações, ou até mesmo mensagens enviadas por e-mail à Não Me Kahlo. Há uma preocupação em recuperar a história e a memória dessas pessoas consideradas minorias e muitas vezes marginalizadas pela sociedade; entretanto, por conta de estratégias de análise que não incluem as análises dos comentários, não é possível

averiguar se houve, de fato, histórias ou comentários direcionados às pessoas transgêneros na publicação da página.

A construção "É certo que pessoas trans merecem visibilidade todo dia!" nos remete a uma "certeza": os transexuais não devem ter visibilidade somente no Dia da Visibilidade Trans (29 de Janeiro), mas também nos outros dias do ano. Entretanto, no dia da publicação (29 de Janeiro), por ser o Dia da Visibilidade Trans, a página dedicaria suas publicações a temas relacionados aos transexuais. Não me Kahlo é uma página que possui conteúdo relacionado às mulheres e ao feminismo, e não aos transexuais especificamente.

O **cartaz de homenagem** traz como elemento visual a bandeira trans criada em 1999 nos Estados Unidos pela ativista transgênero Monica Helms⁷⁹. A bandeira original não possui nenhum texto verbal, somente as seis faixas verticais com as cores azul, rosa e branco. Monica Helms procurou escolher cores que são construídas como estereótipos dos gêneros masculino (azul) e feminino (rosa). A cor branca foi inclusa para simbolizar as pessoas que não possuem gênero definido, estão em transição ou que se identificam com o gênero neutro⁸⁰. O cartaz ainda possui a imagem da Frida Kahlo, presente em quase todas as publicações de autoria da Não Me Kahlo. As cenografias mobilizadas constroem juntas o efeito de sentido de convite ao leitor da página para que se manifeste por meio de mensagens empoderadoras às pessoas trans, como na formulação [2] *Quer contar a sua história? Mandar uma mensagem de empoderamento a outras pessoas trans? Mande seu recado, não se kahle! Envie uma mensagem para naomekahlo@gmail.com ou deixe sua mensagem nos comentários.* O empoderamento, neste caso, está relacionado às pessoas transexuais, e não às mulheres cis, como pudemos averiguar em outras publicações da página até o momento.

O funcionamento do mídiun permite o dialogismo interlocutivo (Emediato, 2015) ao aproximar-se o máximo possível das formais dialogais. Nesta publicação, esse funcionamento de interação entre o enunciador e o enunciatário fica ainda mais explícito, já que há um convite do enunciador a essa interação.

⁷⁹ Fonte: Wikipedia. URL <https://en.wikipedia.org/wiki/Monica_Helms>. Acesso em 29/12/2018

⁸⁰ Fonte: Trans. URL <<https://transprojeto.wordpress.com/2014/04/03/historia-da-bandeira-do-orgulho-trans/>>. Acesso em 04/01/2019



Figura 13: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 19 de janeiro de 2015

Na *Figura 13*, publicada pela página Empodere Duas Mulheres, o texto verbal nos remete a uma cenografia de um **texto explicativo** sobre o empoderamento de mulheres, juntamente a um tipo de **cartaz** que possui uma **citação destacada** do texto explicativo.

Ao analisarmos o **texto explicativo** ("*Enquanto tem mulheres sendo massacradas pelo patriarcado, tem outras querendo explicar feminismo pra homem cis. Todas as vivências são necessárias, mas a luta é muito maior. Enquanto tentamos acabar com o patriarcado e*

atingir essas mulheres periféricas no movimento feminista, (muitas inclusive não fazem nem ideia do que isso significa), outras querem incluir homens nele. O opressor. Pra cada homem que você quer explicar feminismo, troque por duas mulheres. Empodere duas mulheres no lugar de explicar feminismo pra um homem. Os efeitos vão ser incríveis e muito mais eficazes. O feminismo é muito mais do que podemos tocar. É muito mais amplo, e só vai ser verdadeiro quando não excluir nada, e puder chegar onde nós não estamos. Quando pudermos aprender com todas as vivências que não fazem parte de nós, e quando pudermos presenciar o pleno empoderamento, sororidade e empatia entre mulheres. Não fazemos parte de algo limitado, a luta é muito maior."), percebe-se, de antemão, um texto verbal mais extenso, com mais orações quando comparado aos textos da página Empodere Duas Mulheres analisados até o momento. O discurso do empoderamento de mulheres se destaca por um enunciado novamente generalizante e que pouco esclarece sobre as afirmações que concebe. Na formulação [1] *Enquanto tem mulheres sendo massacradas pelo patriarcado, tem outras querendo explicar feminismo pra homem cis*, pressupõe-se que há duas ações conjuntas: há mulheres sendo massacradas pela sociedade patriarcal, e há mulheres tentando explicar o que é feminismo a um homem cisgênero.

Na formulação [2] *Todas as vivências são necessárias, mas a luta é muito maior.*, há uma constatação que visa validar as vivências da mulher, sejam elas quais forem, entretanto, por meio da adversativa, a luta (provavelmente das mulheres contra o patriarcado) é mais importante do que todas as possíveis vivências de uma mulher. [3] *Enquanto tentamos acabar com o patriarcado e atingir essas mulheres periféricas no movimento feminista, (muitas inclusive não fazem nem ideia do que isso significa), outras querem incluir homens nele. O opressor.* Na formulação 3, na primeira pessoa do plural ("nós mulheres"), o enunciador novamente faz referência a duas ações que acontecem, sendo que uma dessas ações dificulta a outra: há mulheres que não são da periferia (o enunciador se inclui por meio do uso da primeira pessoa do plural) que tentam desconstruir o patriarcado e levar o feminismo a mulheres periféricas - e relata, inclusive, a ignorância de muitas mulheres que não sabem o que é o movimento - enquanto outras mulheres atrapalham esse processo por tentarem incluir os homens no feminismo, que são os opressores das mulheres. Há um efeito de sentido de exclusão: ou a mulher empodera as mulheres periféricas, levando o conhecimento sobre o feminismo a elas, ou a mulher inclui os homens no movimento.

Na formulação [4] *Pra cada homem que você quer explicar feminismo, troque por duas mulheres. Empodere duas mulheres no lugar de explicar feminismo pra um homem. Os*

efeitos vão ser incríveis e muito mais eficazes, haveria a solução para este problema, pois para não se excluir as mulheres do movimento, é necessária a troca: ao invés de explicar feminismo a um homem, opressor, explique a duas mulheres, pois os efeitos serão "incríveis e muito eficazes". Na formulação [5] *O feminismo é muito mais do que podemos tocar*. o feminismo é significado como algo muito maior do que o feminismo que conhecemos, que está ao nosso alcance ("que podemos tocar"). Em [6] *É muito mais amplo, e só vai ser verdadeiro quando não excluir nada, e puder chegar onde nós não estamos.*, há um efeito de sentido de "feminismo verdadeiro", por meio de um discurso utópico sobre o que seria esse feminismo que ainda não atingimos, um feminismo verdadeiro e amplo, que nada exclui, ou seja, incluiria as mulheres periféricas, mas provavelmente não incluiria os homens. Entretanto, por meio do intradiscurso, o efeito de sentido de exclusão das mulheres periféricas que não pertencem verdadeiramente ao movimento feminista se mantém por se tratar de um feminismo em construção, ou seja, falho: "(...) e só vai ser verdadeiro quando não excluir nada". O real feminismo seria uma perspectiva para um futuro, e não para o presente: no presente, empoderar duas mulheres, incluindo as mulheres periféricas, ou seja, de baixa renda e de pouco acesso a informações e educação formal, seria a melhor escolha.

Em [7] *Quando pudermos aprender com todas as vivências que não fazem parte de nós*, é possível averiguar, por meio do intradiscurso, que é relevante uma aproximação entre as mulheres de classe média e rica e as mulheres periféricas, aproximação essa que, de acordo com o enunciado, não se concretiza atualmente. Ou seja, é possível afirmar que se trata de uma formação discursiva de uma mulher feminista de classe média ou alta. O feminismo verdadeiro, de acordo com o intradiscurso da formulação, seria quando as mulheres pudessem adquirir conhecimento com vivências que não são delas, quando pudessem ter uma dimensão dos problemas e da realidade de outras mulheres e vivenciar aquilo que não lhe pertencem. A formulação [8] *e quando pudermos presenciar o pleno empoderamento, sororidade e empatia entre mulheres*, complementa a formulação 7 a respeito do feminismo verdadeiro e deveras utópico: quando houver um total empoderamento, sororidade e empatia entre as mulheres, haverá também o feminismo verdadeiro e pleno.

Por meio do interdiscurso, é possível apresentar algumas constatações sobre os discursos que se manifestam pelo enunciado. Primeiramente, há o discurso de superioridade das mulheres brancas, de classe média ou alta às mulheres negras, pobres e periféricas, pois são as mulheres brancas e de classe média ou rica que devem levar e ensinar o feminismo às mulheres periféricas, ou seja, quem detêm o conhecimento do verdadeiro feminismo não são

as mulheres periféricas, já excluindo, de antemão, a possibilidade das mulheres periféricas ensinarem o feminismo às mulheres de classe média ou alta. Ao mesmo tempo, há o discurso do feminismo como conhecimento separado da prática: é possível concluir que o feminismo necessita ser levado, ensinado às mulheres periféricas, pois o feminismo também é um conhecimento a ser adquirido e estudado. Entretanto, é salientado que o verdadeiro feminismo seria aquele em que as mulheres fossem unidas para assim praticar a sororidade, o empoderamento e a empatia, e essa união se daria por meio do entendimento de vivências diferentes daquelas vividas pelo próprio sujeito. No caso, uma mulher branca deveria compreender as vivências de uma mulher negra, por exemplo, e só assim o verdadeiro feminismo surgiria. Ou seja, ao mesmo tempo em que o feminismo é um conhecimento que precisa ser levado a quem não o possui, o verdadeiro feminismo se pauta em um entendimento total de vivências para que se consolide.

Há o discurso purista, próximo ao discurso do sagrado, cuja memória discursiva pode estar relacionada aos discursos religiosos e de espiritualização, em que o funcionamento se pauta numa relação entre o que seria verdadeiro, pleno e superior e o que seria falso, incompleto, inferior. O que consta na análise discursiva do enunciado nos demonstra essa preocupação em atingir um feminismo puro e pleno, que se coloca num nível impossível e utópico, pois não é possível um sujeito, quando consideramos as teorias da psicanálise, por exemplo, que é um sujeito inconsciente, em sua subjetividade (Orlandi, 2008), compreender a realidade do outro por inteiro, já que o sujeito não consegue assimilar sua própria completude, pois muitos processos são inconscientes. O enunciado pretende trazer uma perspectiva do sujeito historicamente constituído, aquele que conhece sua realidade a partir do contexto histórico-social em que vive: por isso que mulheres de diferentes classes sociais têm percepções diferentes de si mesmas e do mundo. E fica o questionamento: o que seria "*(..) aprender com todas as vivências que não fazem parte de nós*"? O texto verbal não nos explicita como se daria esse movimento, se seria por meio do diálogo, dos estudos acadêmicos, ou até mesmo por meio da própria experiência de vida em outro meio social, outra cultura, para que assim, recorrendo à vivência diferente, do outro, a mulher possa assimilar e compreender outros contextos sociais que não sejam o seu. O discurso purista é um discurso de superioridade, pois desqualifica o feminismo atual como um feminismo verdadeiro. Entretanto, também entende-se que os homens não fariam parte do feminismo ideal, por mais que o verdadeiro seria não excluir nada, como ressaltado na formulação 6. Nota-se que há uma incoerência no discurso purista relatado pelo enunciado da publicação: se

deve-se incluir todos, por que também não incluir os homens? Seriam os homens o problema maior do feminismo, pois os mesmos são os opressores? As questões relacionadas ao patriarcado e ao contexto histórico do feminismo não são explicitados. O feminismo verdadeiro, pleno e puro incluiria todas as mulheres, de todas as raças e classes sociais, e excluiria os homens. Por isso que a solução proposta seria empoderar duas mulheres e não levar o feminismo aos homens.

Nota-se que há um esquecimento sobre a heterogeneidade do movimento feminista: só existe um feminismo verdadeiro. Desconsidera-se, também, a impossibilidade do sujeito compreender outro sujeito por inteiro, e cria-se soluções prontas de empoderamento que supostamente resolveriam o problema das divergências sociais entre as mulheres, unindo-as no feminismo pleno e verdadeiro. Também não há explicitações sobre como se dariam esses processos, possibilitando a materialização de discursos pautados em generalizações, utopias e de pouca legitimidade.

Na cenografia do **cartaz**, temos a **citação destacada** do texto explicativo: *Empodere duas mulheres no lugar de explicar feminismo pra um homem. Os efeitos vão ser incríveis e muito mais eficazes*. A citação destacada funciona como um convite para que o enunciário se interesse e leia o texto da publicação. O fundo é rosa e é possível ver a forma de pétalas de flores, e possui a imagem que aparece em quase todas as publicações da Empodere Duas Mulheres: as mãos brancas segurando mãos negras em um gesto de união. A cor rosa é uma cor relacionada ao estereótipo do feminino, juntamente com as flores, que simbolizam a mulher delicada, bela e cheirosa, elemento que também apareceu na publicação da Figura 2. Esses elementos possibilitam um efeito de sentido do feminismo "feminino", das mulheres, que não inclui os homens.



Figura 14: retirada da página "Não Me Kahlo" e publicada em 19 de janeiro de 2015

A página Não Me Kahlo fez um compartilhamento da publicação da página Empodere Duas Mulheres que consta na Figura 13. O compartilhamento está incluso nas modalidades técnicas de interatividade do Facebook (Emediato, 2015) e funciona como divulgação da página e do seu conteúdo ("*Nós participaremos dando apoio e divulgação da campanha "Empodere Duas Mulheres". Não conhece? Visite a página!*"). É possível constatar a cenografia de **convite** (*Não conhece? Visite a página!*) para que o enunciatário clique no link que aparece sempre que uma publicação de outra página é compartilhada. É possível, por meio da textualidade navegante (Maingueneau, 2015), clicar na imagem e aparecer a publicação da EDM (Figura 13). Dessa maneira, o conteúdo é divulgado e mais acessado.

Até o momento das análises, é possível afirmar que ambas as páginas enunciatórias têm formações discursivas diferentes; entretanto, ainda assim, a página NMK compartilhou um texto verbo-visual da EDM alegando apoiá-la e, por isso, o compartilhamento. É possível que a própria NMK, por conta de seu assujeitamento, não reconheça as diferenças discursivas existentes entre as páginas. Entretanto, de acordo com Orlandi (2008),

Todo texto é heterogêneo do ponto de vista de sua constituição discursiva: ele é atravessado por diferentes formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia. (Orlandi, 2008, p. 115)

A NMK também atravessa diferentes formações discursivas, por mais que algumas sejam mais recorrentes do que outras, as quais se clarearão por meio do percurso analítico.



Figura 15: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 26 de janeiro de 2015

A publicação da página Empodere Duas Mulheres (Figura 15) nos remete a duas cenografias. A primeira delas, composta pelo texto verbal ("*Nós da campanha ficamos muito felizes com a repercussão da matéria da Capricho. Sabemos o quão importante é atingir jovens meninas que são diretamente afetadas pelo machismo, e as mães dessas meninas também, que podem aprender com as filhas. Todas já tivemos 12 anos e sabemos como não é*

fácil lidar com as opressões sofridas nessa fase. Queremos que todas tenham consciência do que é o empoderamento, sororidade, empatia. Que elas cresçam fortes, e lutem cada dia mais por outras mulheres. Vai ter mulher jovem empoderada sim! E vai ter muito. Para ler a matéria, acesse: (link)"), se assemelha a um **comentário** a respeito de uma matéria que foi publicada na Revista Capricho, revista conhecida por publicar conteúdos para mulheres adolescentes. O comentário revela a importância da matéria, como consta na formulação [1] *Nós da campanha ficamos muito felizes com a repercussão da matéria da Capricho.* Em "Nós da campanha", a página enunciadora se coloca como uma página de campanha, entretanto, o enunciador não sabe qual seria essa campanha, a não ser pela formulação [2] *Sabemos o quanto importante é atingir jovens meninas que são diretamente afetadas pelo machismo, e as mães dessas meninas também, que podem aprender com as filhas.* Há uma interpretação possível de que a campanha pretende levar o feminismo às meninas jovens e que, de acordo com o enunciado, "são diretamente afetadas pelo machismo". Há também referências às mães das adolescentes, que também podem ser "atingidas" pelo feminismo por meio do conhecimento das filhas: as filhas poderiam ensinar o feminismo às próprias mães. Por meio do interdiscurso, o discurso do feminismo a ser um conhecimento que deve ser passado às mulheres aparece novamente nesta publicação, como visto no texto verbal da Figura 13.

Em [3] *Todas já tivemos 12 anos e sabemos como não é fácil lidar com as opressões sofridas nessa fase.*, há uma questão da identificação de todas as mulheres com os problemas da adolescência, discurso que legitima o fato da matéria ter sido realmente importante para as adolescentes aprenderem a lidar com as opressões que sofrem, mas não se sabe se essas opressões seriam de ordem familiar ou social (incluindo opressões pelo patriarcado). Em [3] *Queremos que todas tenham consciência do que é o empoderamento, sororidade, empatia. Que elas cresçam fortes, e lutem cada dia mais por outras mulheres. Vai ter mulher jovem empoderada sim! E vai ter muito.*, há a explicitação de um desejo de que todas as mulheres possam saber o que é "empoderamento, sororidade e empatia". A junção das três lexias também apareceram no texto verbal presente na Figura 13 como principais na constituição do feminismo verdadeiro. A formulação "*Vai ter mulher jovem empoderada sim! E vai ter muito*" nos remete a um slogan de campanha: o empoderamento das mulheres seria a principal campanha que a página defende, e a matéria publicada pela Revista Capricho estaria contribuindo positivamente para que ela se consolide.

A segunda cenografia, a do **cartaz de propaganda**, retrata uma mulher negra com vestes de uma operária fazendo o gesto com os braços ressaltando o bíceps, gesto que remete

à força, à luta. Há uma intertextualidade com relação à imagem "We can do it!", que é o título de um cartaz de propaganda publicado por J. Howard Miller em 1943 para uma empresa norte-americana a fim de incentivar os operários a produzirem mais armas e munições no contexto da Segunda Guerra Mundial. A imagem foi inspirada numa fotografia de uma das operárias. A partir de 1980, o cartaz foi redescoberto e reproduzido em diversos contextos. A personagem do cartaz foi nomeada Rosie the Riveter⁸¹, que virou uma representante das mulheres trabalhadoras da Segunda Guerra. Por meio da circulação da imagem e suas ressignificações, atualmente ela aparece com certa recorrência⁸² em campanhas feministas, simbolizando a mulher trabalhadora e lutadora, resistente à sociedade machista. Entretanto, o cartaz da página retrata uma mulher negra, diferente do cartaz da Rosie que é uma mulher branca. O efeito de sentido produzido por essa mudança é o de inclusão da mulher negra. A EDM até o momento em suas publicações tem retratado a mulher negra por meio de elementos icônicos e não de elementos verbais, como por exemplo, na Figura 1.

Por meio das duas cenografia, o interdiscurso que irrompe sobre um feminismo inclusivo e plural, que acolhe todas as mulheres, se intensifica: tanto mulheres negras, quanto brancas, ou mulheres jovens ou adolescentes (filhas), quanto mulheres mais velhas (mães) pertencem a esse discurso do que seria o feminismo para a página.



Figura 16: cartaz original de We can do It, criado em 1943 por J. Howard Miller

⁸¹ Em Português seria "Rosie, a rebidadeira".

⁸² Ao pesquisarmos a expressão "We can do it" + "feminismo" no Google, temos aproximadamente 8.980.000 resultados.



Figura 17: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 21 de janeiro de 2015

Na publicação da *Figura 17*, novamente temos a presença de um **texto explicativo** e uma cenografia de **cartaz**, cenografias presentes também em outras publicações da página analisadas até então. O **texto explicativo** ("*Com o empoderamento, podemos libertar outras mulheres vítimas do patriarcado, irmãs de luta. Não esqueça que o seu papel nisso é fundamental.*"), clama as mulheres para que haja uma união entre elas. Na formulação [1] "*Com o empoderamento, podemos libertar outras mulheres vítimas do patriarcado, irmãs de luta.*", por meio do intradiscurso, o empoderamento seria a ferramenta para que as mulheres se livrem do patriarcado. Há novamente a relação de irmandade entre as mulheres: no empoderamento, é necessária uma aproximação praticamente familiar, ou seja, de suposta proximidade. Nota-se que o discurso de irmandade e generalização, ou seja, todas as mulheres como irmãs, sem mencionar a possibilidade de surgir um empecilho para que essa aproximação aconteça, se repete. Na formulação [2] *Não esqueça que o seu papel nisso é fundamental.*, fica evidente que há uma responsabilidade das mulheres em se empoderarem,

em lutarem juntas contra o patriarcado. Caso contrário, a sociedade do patriarcado pode "vencer". Por meio do interdiscurso, nota-se um discurso de cobrança das mulheres, da responsabilidade em empoderarem outras mulheres; entretanto, os meios para que uma mulher consiga, efetivamente, empoderar outra mulher, não estão mencionados no texto explicativo. Há, também, um emoticon de coração no fim da formulação 2, que provoca um efeito de sentido de que deve haver amor no processo. Empodera-se por amor (às mulheres?). Desconsidera-se a luta, resistência, divergências de pautas, heterogeneidade que há no movimento feminista.

No **cartaz** há o seguinte texto verbal: "*Mulheres libertam outras mulheres*", juntamente ao nome da página Empodere Duas Mulheres. Por meio do intradiscurso, evidencia-se que é possível a libertação do patriarcado. Ou seja, para que as mulheres se libertem do machismo, é necessário que as mulheres se unam e se empoderem. Por meio do empoderamento, as mulheres estariam, de fato, livres do patriarcado. As relações que existem ao pensarmos na semântica do enunciado é de que é possível se libertar do patriarcado, e é possível fazer isso por meio do empoderamento de mulheres. Entretanto, a questão da liberdade não é explicitada: o que seria se libertar do patriarcado? Seria o fato das mulheres não se sentirem mais atingidas pelas imposições sociais que o patriarcado as coloca? As mulheres poderiam ter liberdade para serem elas mesmas? Como seria possível a liberdade por meio do empoderamento? Essas questões não são respondidas nas formulações. Por meio do interdiscurso temos novamente a manifestação de um discurso que se assemelha a discursos de autoajuda, pois procura resolver uma questão complexa por meio de uma solução aparentemente simples e que todas as mulheres podem realizar. É um discurso construído com pouca legitimidade, pois não explica, de forma efetiva e clara, como se daria a liberdade por meio do empoderamento. No fundo do cartaz, temos um céu azul estrelado, parecido ao da publicação da Figura 10, e as mãos unidas que se tornou um símbolo da página EDM, já que tem a função de marcar a autoria da página sob aquele texto verbo-visual.



Empodere Duas Mulheres

23 de janeiro de 2015 · 🌐

Vivências das mulheres cis, mulheres trans e homens trans não se excluem nunca. Elas se somam na luta. Sororidade e empatia: a sua vivência me importa.



Figura 18: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 23 de janeiro de 2015

A regularidade da junção das cenografias do **texto explicativo** ("Vivências das mulheres cis, mulheres trans e homens trans não se excluem nunca. Elas se somam na luta. Sororidade e empatia: a sua vivência me importa.") e **cartaz** é mostrada novamente no texto verbo-visual da Figura 17. No intradiscurso temos a valorização das vivências das mulheres (como ocorreu no texto verbal da Figura 13). Na formulação [1] *Vivências das mulheres cis, mulheres trans e homens trans não se excluem nunca. Elas se somam na luta.* está presente a afirmação de que não há como excluir vivências de mulheres cis, trans e homens trans, porque, na verdade, elas se somam em uma luta contra o patriarcado. Por meio do interdiscurso, nota-se que o conceito de união entre as mulheres, sejam elas cis ou trans, ou até mesmo homens trans, está novamente presente: há uma regularidade nos discursos que se manifestam nas publicações da página. Ao recuperarmos a análise a respeito do enunciado da Figura 13, vemos que elas se complementam, pois aqui é especificada a vivência que é importante, excluindo, de fato, a vivência dos homens cis. Entretanto, ainda assim há um efeito de sentido de importância da coletividade, que tenta recuperar as vivências de diferentes mulheres. Já a formulação [2] *Sororidade e empatia: a sua vivência me importa.*

possui uma estrutura gramatical de **slogan** de campanha, inclusive pelo uso do aposto explicativo e pela estrutura que explicita uma interlocução, como se estivesse conversando diretamente com o enunciatário: "a *sua* vivência *me* importa". Há o uso do pronome pessoal "me" ao invés de "nós" a fim de criar um efeito de sentido de aproximação, como se quisesse "fisgar" o enunciatário para a questão coletiva da sororidade e empatia com outras mulheres e também para a importância de sua vivência pessoal para que se forme uma luta efetiva.

No **cartaz** há o texto verbal de formulação [3] *A vivência de uma irmã jamais exclui a minha e sempre faz crescer a luta.* reiterando, por meio do intradiscurso, a importância da vivência de uma outra mulher - que seria uma irmã no sentido eufórico de aproximação - por uma luta conjunta (contra o patriarcado). Por meio do uso dos advérbios antagônicos "jamais" e "sempre", há um efeito de sentido de forte constatação e de construção de uma verdade, afinal, são advérbios que possuem um efeito de sentido de totalidade. No caso, a vivência de uma mulher, não importa qual seja, em nenhuma hipótese seria ruim para a luta feminista, mas sim faria crescer o movimento feminista. No interdiscurso das formulações, existem discursos que valorizam a coletividade e também a história de vida de todas as mulheres, não importando raça, classe social, idade, nacionalidade etc. Ao fundo do cartaz temos a representação de um céu que se assemelha a um céu no pôr do sol, com tons amarelados, e novamente a imagem das mãos entrelaçadas juntamente ao nome da página.

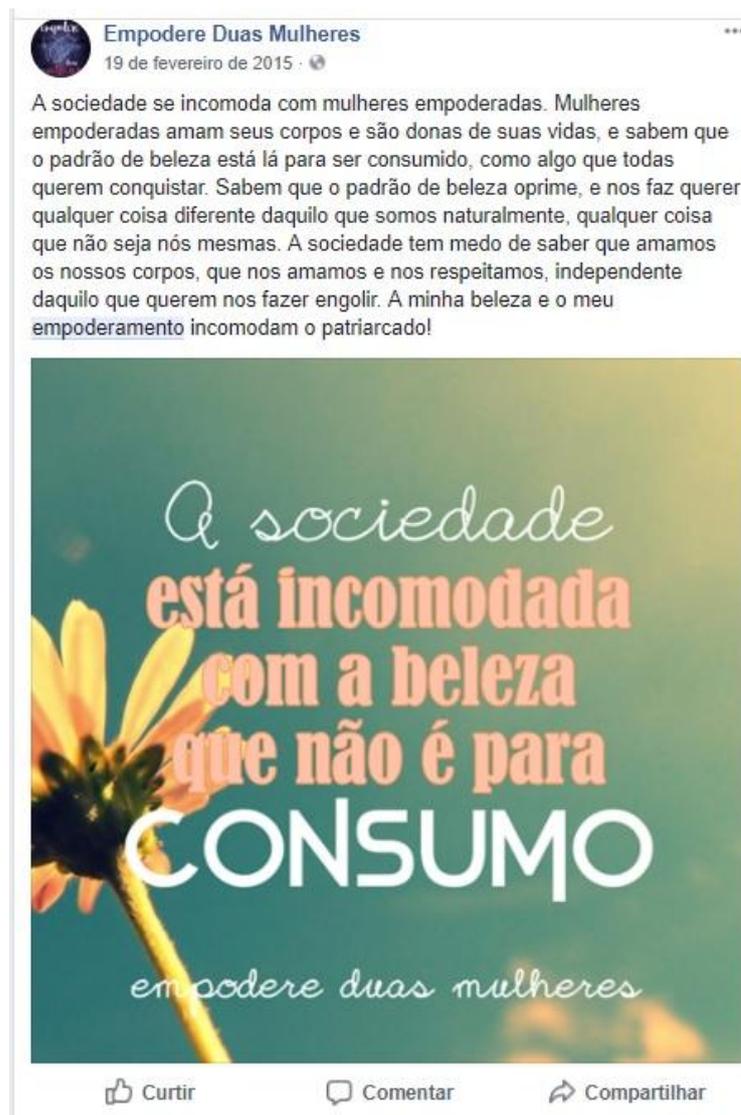


Figura 19: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 19 de fevereiro de 2015

A Empodere Duas Mulheres, em seu texto verbo-visual, possui o mesmo padrão de cenografias de outras publicações até então analisadas: um **texto explicativo** que compõe o quadro cênico com o elemento icônico, que se aproxima de um **cartaz** com uma **frase destacada**. No texto verbal ("*A sociedade se incomoda com mulheres empoderadas. Mulheres empoderadas amam seus corpos e são donas de suas vidas, e sabem que o padrão de beleza está lá para ser consumido, como algo que todas querem conquistar. Sabem que o padrão de beleza oprime, e nos faz querer qualquer coisa diferente daquilo que somos naturalmente, qualquer coisa que não seja nós mesmas. A sociedade tem medo de saber que amamos os nossos corpos, que nos amamos e nos respeitamos, independente daquilo que querem nos fazer engolir. A minha beleza e o meu empoderamento incomodam o patriarcado*") é possível identificar a manifestação de um discurso a respeito do padrão de

beleza imposto às mulheres socialmente e sua relação com o empoderamento feminino. Em [1] *A sociedade se incomoda com mulheres empoderadas*, atesta-se, por meio do intradiscurso, que ser uma mulher empoderada é incomodar, de alguma forma, a atual sociedade patriarcal. Em [2] *Mulheres empoderadas amam seus corpos e são donas de suas vidas*, existe a relação entre mulher empoderada e seu corpo: a mulher empoderada deve amar seu próprio corpo, caso contrário, possivelmente não seria empoderada. Também devem ser mulheres independentes ("*donas de suas vidas*").

Em [3] *e sabem que o padrão de beleza está lá para ser consumido, como algo que todas querem conquistar.*, há a manifestação de um discurso que revela as relações de uma sociedade movida pelo capital, em que o padrão de beleza é um produto a ser vendido às mulheres e consumido por elas. Em [4] *Sabem que o padrão de beleza oprime, e nos faz querer qualquer coisa diferente daquilo que somos naturalmente, qualquer coisa que não seja nós mesmas.*, a formulação revela uma suposta crítica à opressão que ocorre para que a mulher consuma esse padrão estético de beleza, que é um padrão inalcançável, pois "*nos faz querer qualquer coisa diferente daquilo que somos naturalmente*". No interdiscurso das formulações, o padrão de beleza não é algo natural, pois exigiria procedimentos estéticos, uso de cosméticos para a pele e cabelos etc. Deduz-se que natural seria o corpo não modificado, mas o que é natural não seria interessante para uma sociedade capitalista pois não geraria capital. Por meio do intradiscurso, se render a esses procedimentos estéticos faria com que a mulher deixasse de ser ela mesma.

Em [5] *A sociedade tem medo de saber que amamos os nossos corpos, que nos amamos e nos repetimos, independente daquilo que querem nos fazer engolir. A minha beleza e o meu empoderamento incomodam o patriarcado*, o empoderamento é colocado como inimigo da sociedade: "*a sociedade tem medo de saber que amamos nossos corpos*". Amar o corpo é se empoderar, e se empoderar é se desfazer das amarras da sociedade capitalista, que dita regras e padrões de beleza para que as mulheres consumam esse padrão.

No intradiscurso, é possível relacionar o fato da mulher se respeitar e se amar com o fato de aceitar seu próprio corpo naturalmente e, conseqüentemente, se empoderar. Por meio do interdiscurso que irrompe, pode-se considerar a presença de um discurso do feminismo mais direcionado ao marxismo, que considera o patriarcado como um problema estrutural e que sustenta a sociedade capitalista, pois o capitalismo, como mencionado por Lobato (2017), enxerga a mulher como instrumento de produção. O discurso anti-capitalismo se manifesta também no **cartaz**, cujo texto verbal é "*A sociedade está incomodada com a beleza que não é*

para consumo", considerando a sociedade capitalista que, por meio do empoderamento de mulheres, não consegue vender o padrão de beleza a elas pois não há o desejo por consumi-lo. Entretanto, a lexia "capitalista" ou "capitalismo" não está presente no texto verbo-visual da publicação, o que nos faz considerar a possibilidade de um discurso que não queira se comprometer ao adentrar em questões sobre o funcionamento do capitalismo, um discurso pouco científico ou pouco acadêmico. No interdiscurso, tem-se uma tentativa da página enunciativa em manifestar questões do funcionamento social, mais próximas aos conceitos do feminismo marxista por meio de um discurso mais simplificado, que não cita teorias nem se aprofunda sobre questões estruturais da sociedade. Ao fundo co **cartaz**, verifica-se a representação de uma flor amarela e um fundo que se assemelha a um céu, dois elementos também recorrentes em outras publicações da página.

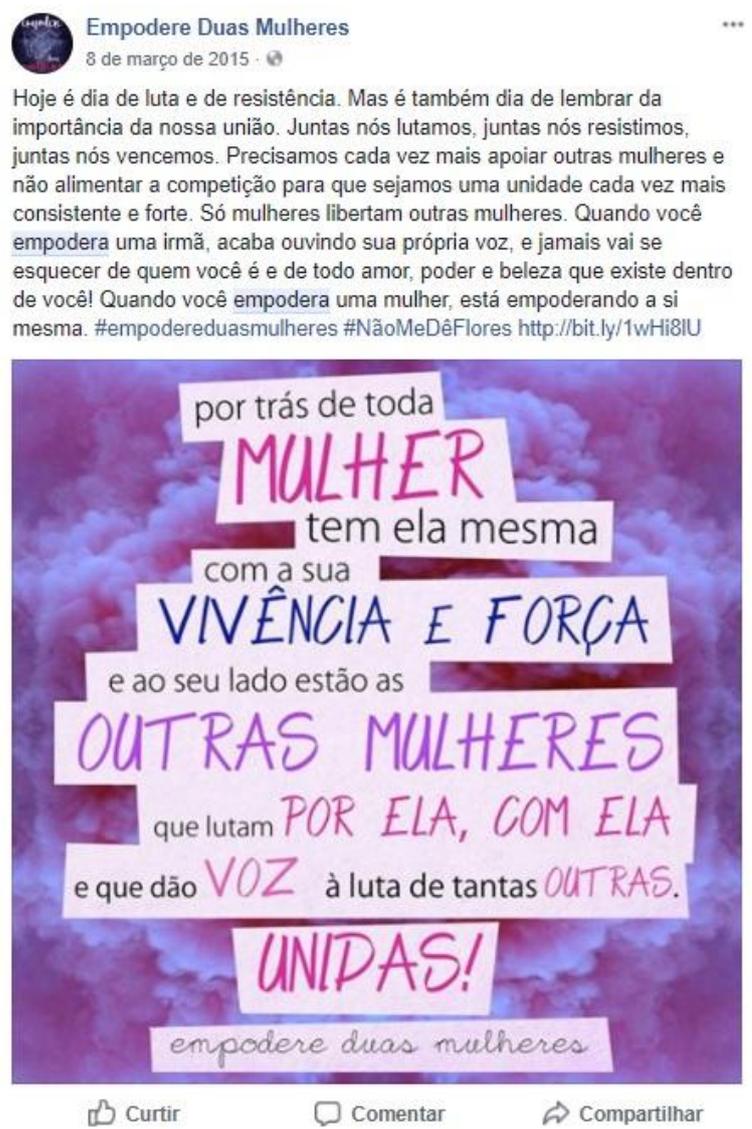


Figura 20: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 08 de março de 2015

A página Empodere Duas Mulheres publicou em 8 de março de 2015, Dia Internacional da Mulher, o seguinte texto verbal: *Hoje é dia de luta e de resistência. Mas também é dia de lembrar da importância da nossa união. Juntas nós lutamos, juntas nós resistimos, juntas nós vencemos. Precisamos cada vez mais apoiar outras mulheres e não alimentar a competição para que sejamos uma unidade cada vez mais consistente e forte. Só mulheres libertam outras mulheres. Quando você empodera uma irmã, acaba ouvindo sua própria voz, e jamais vai se esquecer de quem você é e de todo amor, poder e beleza que existe dentro de você! Quando você empodera uma mulher, está empoderando a si mesma.* #empodereduasmulheres #NãoMeDêFlores (link), seguido da cenografia de um **cartaz** cujo texto verbal é "Por trás de toda mulher tem ela mesma com sua vivência e força e ao seu lado estão as outras mulheres que lutam por ela, com ela e que dão voz à luta de tantas outras. Unidas!". A cenografia do **texto explicativo** persiste também nessa publicação; no caso, uma **reflexão** acerca do Dia Internacional da Mulher.

Em [1] *Hoje é dia de luta e de resistência. Mas também é dia de lembrar da importância da nossa união* no intradiscurso, há a menção à luta e à resistência feminista e à importância da união das mulheres no movimento. Em [2] *Juntas nós lutamos, juntas nós resistimos, juntas nós vencemos.*, a repetição da lexia "juntas" traz um efeito de sentido de relevância dessa união das mulheres, tão evidenciada também em outras publicações da mesma página. A luta e resistência levam a vencer o patriarcado e suas relações de opressão das mulheres. Em [3] *Precisamos cada vez mais apoiar outras mulheres e não alimentar a competição para que sejamos uma unidade cada vez mais consistente e forte.*, há, novamente, o discurso da unidade entre as mulheres, considerando a competição e possíveis rivalidades entre elas como um problema.

Em [4] *Só mulheres libertam outras mulheres.*, temos a constatação de que a libertação pelo patriarcado se daria somente entre as mulheres por meio de um efeito de sentido individualizante (o indivíduo mulher que liberta outro indivíduo mulher). Na formulação [5] *Quando você empodera uma irmã, acaba ouvindo sua própria voz, e jamais vai se esquecer de quem você é e de todo amor, poder e beleza que existe dentro de você! Quando você empodera uma mulher, está empoderando a si mesma.*, há, por meio do interdiscurso, um discurso que dá importância ao empoderamento de outra mulher para que haja um empoderamento de si mesma. Entretanto, novamente não há meios explicitados para que a mulher consiga empoderar outra mulher e se sentir também empoderada, Observa-se

também a regularidade dos discursos que se assemelham a autojuda, generalizações, individualizações e nenhum aprofundamento nas questões do feminismo ou de como obter soluções para os problemas advindos da desunião entre as mulheres. Porém, há um novo elemento utilizado na publicação que é o uso de *hashtag*: *#empodereduasmulheres* e *#NãoMeDêFlores*. A primeira *hashtag* é o nome da página, enquanto a outra remete a uma campanha do cyberfeminismo em criticar o fato dos homens presentear as mulheres no Dia Internacional da Mulher ao invés de reverem seus papéis como opressor em uma sociedade do patriarcado. Ou seja, existe uma crítica sobre a relação de consumo que envolve essa data, que não deve ser uma data a ser comemorada, e sim a ser utilizada para compreensão e reflexão das questões feministas e para possíveis mudanças na sociedade patriarcal.

No texto verbal do cartaz, temos a seguinte formulação [1] *Por trás de toda mulher tem ela mesma com sua vivência e força* que faz uma referência à expressão popular "por trás de todo grande homem há uma grande mulher", cuja memória discursiva está relacionada às relações entre homem e mulher no patriarcado, em que a esposa do homem teria a função de sempre ampará-lo para que ele seja um homem de sucesso. A construção da formulação sugere a troca do homem pela mulher, ou seja, por trás de toda mulher há somente ela mesma para se cuidar e gerar seu próprio sucesso. Por meio do interdiscurso há a manifestação do discurso de mulher independente do homem que não precisa ter um marido para ser uma grande mulher. Na formulação [2] *e ao seu lado estão as outras mulheres que lutam por ela, com ela e que dão voz à luta de tantas outras. Unidas!*", há explicitamente o conceito de união: apesar da mulher aprender a se fortalecer por ela mesma, a união das mulheres é importante para que a luta seja fortalecida.

A respeito das cores utilizadas na fonte do enunciado, tem-se as expressões e palavras "mulher", "outras mulheres", "por ela", "com ela", "voz" e "unidas" em diferentes tons de rosa, enquanto as lexias "vivência e força" encontram-se em cor azul. Ao pensarmos na memória discursiva dessas cores e suas relações com os gêneros feminino e masculino, sabemos que o rosa é associado ao feminino, enquanto o azul é uma cor relacionada ao estereótipo do gênero masculino. Seria a escolha da cor rosa para palavras relacionadas às mulheres ("mulher", "outras mulheres", "por ela", "com ela"), e "voz" e "unidas" (como "voz das mulheres" e "mulheres unidas") uma reprodução do discurso conversador que manifesta estereótipos de cores a gêneros? É possível relacionar as características de "vivência" e "força" a características estereotipicamente masculinas, por isso estão em azul? Há a possibilidade do enunciado e da escolha das cores estar, de alguma forma, reproduzindo um

discurso conservador que é incoerente ao discurso feminista de quebra de estereótipos da mulher na sociedade.

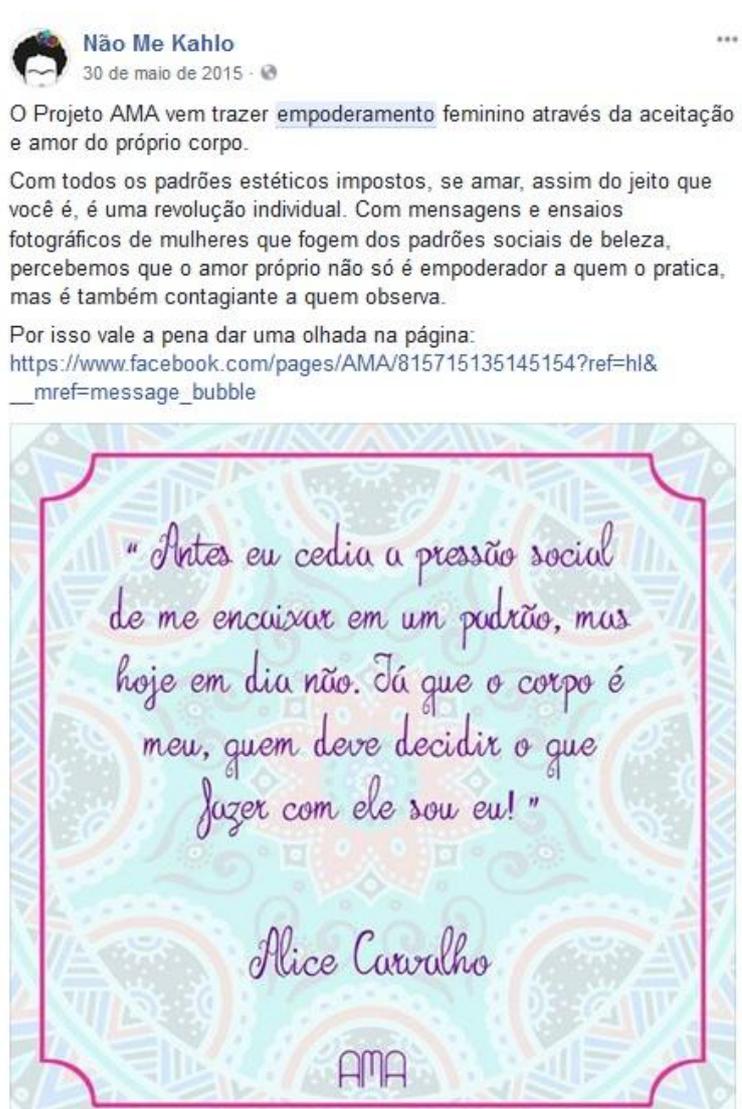


Figura 21: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 30 de maio de 2015

A Não Me Kahlo, em sua publicação do dia 30 de maio de 2015, nos traz em seu texto verbo-visual a cenografia de um **comentário** a respeito do Projeto AMA, que funciona também como um **convite** para que conheçamos o projeto, juntamente a um **cartão de visitas** que possui uma **citação destacada**. O texto verbal do comentário (*"O Projeto AMA vem trazer empoderamento feminino através da aceitação e amor do próprio corpo. Com todos os padrões estéticos impostos, se amar, assim do jeito que você é, é uma revolução individual. Com mensagens e ensaios fotográficos de mulheres que fogem dos padrões sociais de beleza, percebemos que o amor próprio não só é empoderador a quem o pratica, mas é também*

contagante a quem observa. Por isso vale a pena dar uma olhada na página: (link)") revela, por meio do intradiscurso, a importância do empoderamento da mulher mediante a aceitação do próprio corpo. O Projeto AMA era um projeto em que mulheres que não possuem um corpo considerado bonito e padrão pela sociedade atual são fotografadas e as imagens publicadas na página do Facebook⁸³. É introduzida a importância do Projeto AMA para que as mulheres possam se empoderar, e esse empoderamento se daria tanto pela participação de um ensaio fotográfico, quanto pela observação dos ensaios de outras mulheres para que possa, a partir do empoderamento de outra mulher, empoderarem a si mesmas, como em [1] *Com mensagens e ensaios fotográficos de mulheres que fogem dos padrões sociais de beleza, percebemos que o amor próprio não só é empoderador a quem o pratica, mas é também contagante a quem observa.*

Há, no intradiscurso, a relação de que se empoderar é ter amor próprio, e se permitir ser fotografada é, também, um ato de amor próprio, pois implica em uma aceitação e valorização do seu próprio corpo; valorização esta que é difícil em uma sociedade capitalista que a todo momento faz com que mulheres desejem um corpo padronizado como magro, sem estrias, sem celulite, sem barriga etc. Assim como na publicação da Figura 19 da página Empodere Duas Mulheres, há, no interdiscurso, a crítica à sociedade capitalista, que vende corpos perfeitos e inalcançáveis. Para uma mulher se empoderar, ela deve quebrar a barreira do desejo por um corpo perfeito e aceitar seu próprio corpo da forma que ele é. O texto verbal também funciona como um convite para que as mulheres se empoderem por meio dos textos e ensaios fotográficos da página do Projeto AMA, explicitado na formulação [2] *O Projeto AMA vem trazer empoderamento feminino através da aceitação e amor do próprio corpo. Com todos os padrões estéticos impostos, se amar, assim do jeito que você é, é uma revolução individual.*

No texto imagético, temos a cenografia que nos remete a um **cartão de visitas** pelo seus elementos visuais, como a fonte que se aproxima de uma letra cursiva, e o enquadramento do texto verbal, que é contornado por um tipo de moldura. No fundo, há uma mandala desenhada, que pode provocar um efeito de sentido de equilíbrio, por se tratar de um símbolo relacionado à espiritualidade. O cartão convida o enunciário a conhecer o Projeto AMA por meio de uma citação destaca de Alice Carvalho⁸⁴, uma das fundadoras do projeto:

⁸³ Ao pesquisarmos, não encontramos nenhum site ou página do Facebook sobre o projeto, então acreditamos da possibilidade de o projeto já ter sido encerrado.

⁸⁴ Atualmente, Alice Carvalho é Presidente Municipal do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Fonte: <<https://www.facebook.com/alicecarvalhopsol/>>. Acesso em 19/01/2019

"Antes, eu cedia a pressão social de me encaixar em um padrão, mas hoje em dia não. Já que o corpo é meu, quem deve decidir o que fazer com ele sou eu!". No intradiscurso, ao utilizar os advérbios de tempo "antes" e "depois", há um efeito de sentido de mudança ou transformação que seria, no caso, a mulher se empoderar e não ceder à pressão social de se encaixar em um padrão de beleza. É plausível supor que essa citação corrobora para a divulgação do trabalho do Projeto AMA, que presumivelmente foi importante a muitas mulheres durante seus processos de empoderamento. Na formulação [3] *Já que o corpo é meu, quem deve decidir o que fazer com ele sou eu!*, pode-se compreender, por meio do interdiscurso, que o corpo deve pertencer à própria mulher, e não ao capitalismo.

Por mais que o discurso de empoderamento da Figura 21 se aproxime ao da Figura 19 publicado pela EDM, o texto imagético da Figura 21 propõe maneiras da mulher se empoderar, diferente do texto imagético da Figura 19, que ressalta uma crítica à sociedade dos corpos padrões e da importância do empoderamento, mas não mobiliza possíveis ações para que este empoderamento se realize.



Não Me Kahlo
12 de maio de 2015 · 🌐

O Você Rica Encontro Virtual é um evento 100% Online e gratuito, com cerca de 20 palestras que ocorrerão de 26/05 a 01/06. Ele foi feito 100% por mulheres.

O evento foi criado como uma forma de apoiar o empoderamento financeiro feminino, através da educação financeira, empreendedorismo e do consumo consciente e sustentável.

As palestras tratarão de assuntos como educação financeira, consumo consciente, empreendedorismo e autoestima feminina.

O objetivo é transmitir esse conhecimento para o maior número possível de mulheres, pois acreditamos no empoderamento financeiro feminino como um meio de transformação da sociedade. Portanto, participem e compartilhem!

Evento: <http://vocerica.com.br/encontrovirtual/>
Curta Você Rica

VOCERICA.COM.BR
Encontro Virtual Você Rica
Você deseja aprender a planejar sua vida financeira, investir seu dinheiro e fazer um consumo mais consciente? Tudo isso de forma gratuita e só para nós mulheres? Participe com a

71 5 comentários 17 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 22: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 30 de maio de 2015

A cenografia de um **texto de divulgação** é apresentada na publicação da Figura 22 com o texto verbal "*O Você Rica Encontro Virtual é um evento 100% Online e gratuito, com cerca de 20 palestras que ocorrerão de 26/05 a 01/06. Ele foi feito 100% por mulheres. O evento foi criado como uma forma de apoiar o empoderamento financeiro feminino, através da educação financeira, consumo consciente, empreendedorismo e autoestima feminina. O objetivo é transmitir esse conhecimento para o maior número possível de mulheres, pois acreditamos no empoderamento financeiro feminino como um meio de transformação da sociedade. Portanto, participem e compartilhem! (link para o site e para a página do Facebook)*". Por meio da divulgação do website Você Rica⁸⁵, que oferece cursos gratuitos e online para mulheres, a NMK se posiciona a respeito de formas das mulheres alcançarem um empoderamento financeiro.

Na formulação [1] *O evento foi criado como uma forma de apoiar o empoderamento financeiro feminino, através da educação financeira, consumo consciente, empreendedorismo e autoestima feminina. O objetivo é transmitir esse conhecimento para o maior número possível de mulheres, pois acreditamos no empoderamento financeiro feminino como um meio de transformação da sociedade.*" há, por meio do intradiscurso, os elementos necessários para que a mulher se empodere financeiramente, que incluem "educação financeira, consumo consciente, empreendedorismo e autoestima feminina". No interdiscurso, a mulher alcançar uma independência financeira a distancia de uma relação em que seja subordinada ao marido, ou seja, de uma relação de dependência financeira do homem. Por meio do conhecimento sobre questões financeiras, a mulher se torna independente financeiramente, mais livre, mais empoderada e transformadora da sociedade patriarcal. A construção do discurso de empoderamento ressalta ações mais direcionadas e concretas ao compararmos aos discursos que apareceram até então em algumas publicações da EDM.

O texto imagético reproduzido juntamente ao link da página é de mulher branca, com vestes de cores mais sóbrias que nos remete a um visual de roupas de trabalho, ou seja, o estereótipo da mulher "séria e comprometida", que tem em suas mãos uma árvore que possui frutos com o símbolo de \$, representando dinheiro. A imagem corrobora para os efeitos de sentidos identificados no texto verbal relacionado ao empoderamento financeiro.

⁸⁵ Encontramos o site com uma nova URL: < <http://www.vocerica.com.br/livros/>>. Acesso em 19/01/2019

Não Me Kahlo
16 de junho de 2015 · 🌐

(Algumas) Diferenças Entre Feminismo Branco e Feminismo Negro.
E, não, não queremos dizer que mulheres brancas não podem ser feministas.
E não, não estamos querendo separar o feminismo e acabar com a sororidade entre mulheres.
O que estamos falando é que dentro do grupo "mulher" existem várias mulheres. Não somos um grupo homogêneo, muito pelo contrário.
Reconhecer nossas diferenças fortalece o feminismo, pois ele não mascara dentro do lugar-comum que é pra todas nós "ser mulher" numa sociedade machista o fato de que somos, de outras formas, também diferentes. E nos atentar pra nossas diferenças e nos endereçar a esses problemas tira da invisibilidade muitas questões específicas que, antes, estavam escondidas.
Mais aqui: [https://www.facebook.com/.../a.382671338573.../457381971102141/...](https://www.facebook.com/.../a.382671338573.../457381971102141/)
Leia mais aqui: [http://www.naomekahlo.com/...](http://www.naomekahlo.com/)

Feminismo Branco

Mulheres brancas lutam contra o machismo na universidade e para terem salários iguais aos de colegas homens que ocupam os mesmos cargos que elas nas empresas.

Feminismo Negro

Mulheres negras lutam para conseguir terminar o ensino médio e entrar na faculdade, geralmente cumprindo uma jornada dupla de trabalho + estudo. Mulheres negras lutam para terem mais opções de trabalho além do emprego doméstico onde servirá a mulher branca, e onde não raro sofrem abusos morais e muita violência psicológica. Mulheres negras ainda são minoria nas universidades e empresas.

👍 1 mil 78 comentários 70 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 23: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 16 de junho de 2015

Na publicação da Figura 23, a NMK traz a cenografia de um **texto explicativo** a respeito das diferenças entre o Feminismo Branco e o Feminismo Negro, juntamente a um

texto imagético que pretende ressaltar ao enunciatório essas diferenças a partir de um procedimento didático de divisão da imagem e das cores. O enunciado do texto explicativo ("*Algumas*) *Diferenças Entre Feminismo Branco e Feminismo Negro. E, não, não queremos dizer que mulheres brancas não podem ser feministas. E não, não estamos querendo separar o feminismo e acabar com a sororidade entre mulheres. O que estamos falando é que dentro do grupo "mulher" existem várias mulheres. Não somos um grupo homogêneo, muito pelo contrário. Reconhecer nossas diferenças fortalece o feminismo, pois ele não mascara dentro do lugar-comum que é pra todas nós "ser mulher" numa sociedade machista o fato de que somos, de outras formas, também diferentes. E nos atentar pra nossas diferenças e nos endereçar a esses problemas tira da invisibilidade muitas questões específicas que, antes, estavam escondidas. Mais aqui: (link do facebook). Leia mais aqui: (link do blog)* ") possui o título "*Algumas*) *Diferenças Entre Feminismo Branco e Feminismo Negro*" que revela ao enunciatório o tema do texto verbal. O pronome indefinido "algumas" se encontra entre parênteses como um destaque produzindo um efeito de sentido de que ali a informação não está completa: são só somente algumas diferenças entre os dois feminismos, e que deve-se buscar mais informações além do que está ali.

Na formulação [1] *E, não, não queremos dizer que mulheres brancas não podem ser feministas. E não, não estamos querendo separar o feminismo e acabar com a sororidade entre mulheres.*, o efeito de sentido produzido ao se iniciar as frases com uma negação ("E, não, não queremos (...); "E, não, não estamos (...)") é o de reforçar o fato de que não há a intenção de separar as mulheres brancas das mulheres negras; não é uma segregação, mas sim uma constatação de uma heterogeneidade do movimento feminista, como aparece no intradiscurso da formulação [2] *O que estamos falando é que dentro do grupo "mulher" existem várias mulheres. Não somos um grupo homogêneo, muito pelo contrário. Reconhecer nossas diferenças fortalece o feminismo, pois ele não mascara dentro do lugar-comum que é pra todas nós "ser mulher" numa sociedade machista o fato de que somos, de outras formas, também diferentes.*

O interdiscurso que irrompe é o de ressaltar a subjetividade da mulher: cada mulher possui sua história de vida, uma raça, uma orientação sexual, está inserida em uma classe social, cultural, espaço geográfico, etc estruturando a construção de mulher como indivíduo, único, mesmo pertencendo a classe "mulheres", que seria uma classe coletiva. Reconhecer esse lugar de mulheres únicas fortaleceria o feminismo pois há uma tentativa em lidar com a realidade das diferenças, e não com utopias. A formulação [3] *E nos atentar pra nossas*

diferenças e nos endereçar a esses problemas tira da invisibilidade muitas questões específicas que, antes, estavam escondidas demonstra que lidar com a realidade das diferenças entre as mulheres possibilita lidar, também, com questões que antes estavam invisíveis. Ou seja, tratar das diferenças traria esclarecimentos importantes para o movimento feminista. Há a seguir dois link para textos que complementam o texto da publicação: um texto do próprio Facebook, possivelmente redirecionando o enunciatório a uma publicação de outra página, e o outro, de um texto situado no blog da Não Me Kahlo⁸⁶.

No texto imagético, há dois textos verbais que mobilizam a cenografia de um **cartaz explicativo** e que retratam as diferenças entre os dois feminismos: o feminismo branco e o feminismo negro. O primeiro deles é "*Feminismo Branco. Mulheres brancas lutam contra o machismo na universidade e para terem salários iguais aos de colegas homens que ocupam os mesmos cargos que elas nas empresas.*" e o segundo, logo abaixo, é "*Feminismo Negro. Mulheres negras lutam para conseguir terminar o ensino médio e entrar na faculdade, geralmente cumprindo uma jornada dupla de trabalho + estudo. Mulheres negras lutam para terem mais opções de trabalho além do emprego doméstico onde servirá a mulher branca, e onde não raro sofrem abusos morais e muita violência psicológica. Mulheres negras ainda são minoria nas universidades e empresas.*" Há, por meio do intradiscurso das formulações, a diferença explícita entre as dificuldades e pautas reivindicadas pela mulher branca e pela mulher negra. Enquanto a mulher branca luta pra combater o machismo na universidade em que ela conseguiu entrar para estudar, a mulher negra muitas vezes não consegue terminar o ensino médio e estudar em uma faculdade devido às condições de pobreza da família, que precisa de mais dinheiro para se manter. Por conta disso, a mulher negra começa a trabalhar antes do que a mulher branca de classe média. A mulher negra, devido a sua posição social de pertencer a classe baixa, por exemplo, tem que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, enquanto as mulheres brancas se preocupam em terem salários equivalentes aos dos homens pois mais facilmente conseguem um trabalho. Já as mulheres negras querem mais opções de trabalho além do fato de serem empregadas domésticas - uma relação de trabalho pautada na memória discursiva do trabalho escravo no Brasil - e tendo como empregadora uma mulher branca. Ainda correm o risco de sofrerem mais abusos morais e violência psicológica por conta do racismo. Há ainda a constatação de que o número de mulheres negras é inferior ao das mulheres brancas nas universidades e nas empresas, reiterando a diferença entre a realidade das mulheres.

⁸⁶ Os textos presentes nos endereços virtuais da publicação não são elementos de análise deste trabalho.

Por meio do interdiscurso, há o discurso da interseccionalidade, ou seja, da consciência das diferenças sociais, históricas e culturais entre a mulher branca e a mulher negra, como também se manifesta em outras publicações anteriormente analisadas (Figura 11 e Figura 24). Apesar dos argumentos não serem aprofundados e serem ainda limitados ("Algumas diferenças"), o discurso é construído de forma coerente e comparativa, o que propicia um esclarecimento ao enunciatório das diferenças entre os feminismos.

As cores do fundo e da fonte também se contrastam: enquanto o feminismo branco possui um fundo de cor branca e fonte de cor preta, o feminismo negro possui um fundo de cor preta e uma fonte de cor branca. Há o efeito de sentido de complementaridade: mesmo sendo feminismos diferentes, eles têm pelo menos uma pauta em comum, que é combater o patriarcado.



Figura 24: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 24 de julho de 2015

A publicação da Figura 24 nos remete a um **cartaz** que possui uma definição sobre o conceito de sororidade: "*Sororidade significa olhar além da mulher branca*". Ao fundo do cartaz, temos uma mulher negra que possui uma feição de mulher séria e decidida, supostamente empoderada, com um fundo de cor preta. Acima do cartaz, há um *link* que possibilita que o enunciatório seja direcionado a um texto do blog Não Me Kahlo que, aparentemente, retrata o tema do cartaz ("*Sobre o tema no nosso blog: (link)*"). Ou seja, o cartaz é mobilizado pela cenografia do **convite** para a leitura do blog. Por meio do interdiscurso, há, novamente, o discurso da inclusão da mulher negra que supostamente não

está incluída na sororidade de mulheres brancas, que só têm um olhar atento a outras mulheres brancas. O texto, portanto, uma resposta às mulheres brancas e uma crítica ao conceito de sororidade que não inclui as mulheres negras. Percebe-se o discurso da interseccionalidade, que aparece, também, na análise da Figura 11. A palavra sororidade se encontra em uma fonte de cor amarela, com destaque perante às outras palavras do cartaz.

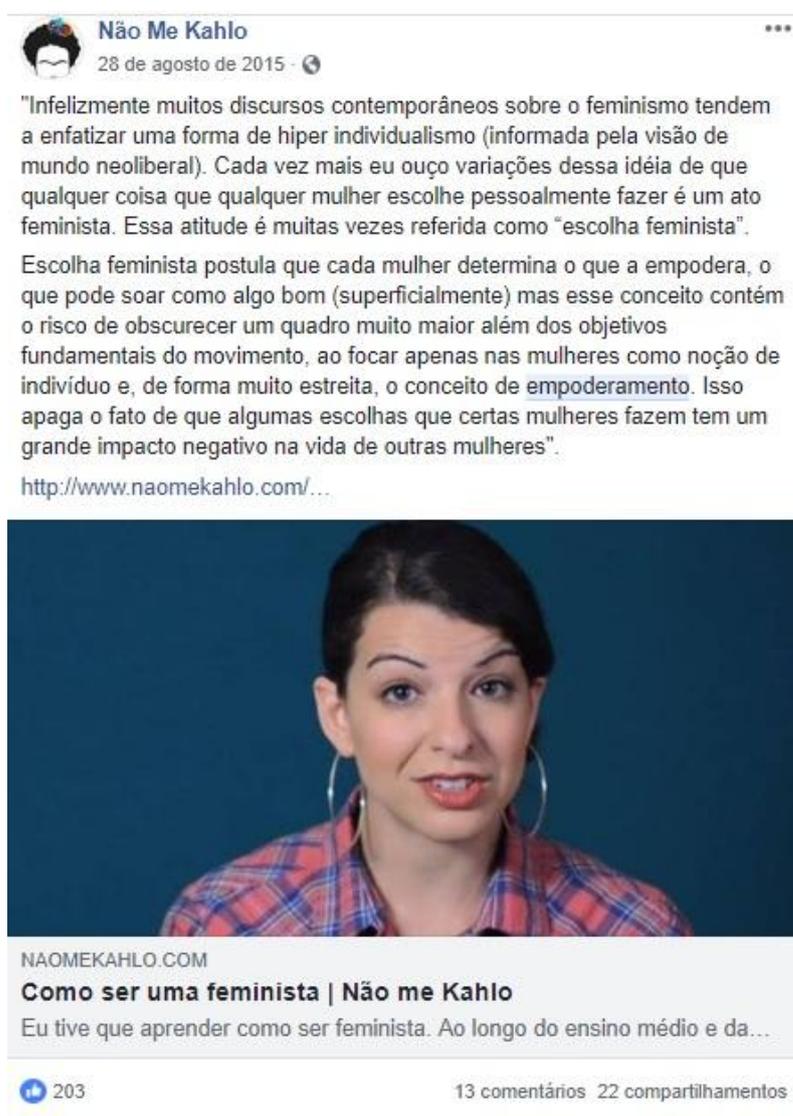


Figura 25: retirada da página "Não me Kahlo" e publicada em 28 de agosto de 2015

O texto verbal entre aspas na publicação da página NMK nos revela uma cenografia de **citação destacada** de um texto do blog da NMK cujo título é "Como ser uma feminista" (*"Infelizmente muitos discursos contemporâneos sobre o feminismo tendem a enfatizar uma forma de hiper individualismo (informada pela visão de mundo neoliberal). Cada vez mais eu ouço variações dessa ideia de que qualquer coisa que qualquer mulher escolhe pessoalmente*

fazer é um ato feminista. Essa atitude é muitas vezes referida como "escolha feminista". Escolha feminista postula que cada mulher determina o que a empodera, o que pode soar como algo bom (superficialmente) mas esse conceito contém o risco de obscurecer um quadro muito maior além dos objetivos fundamentais do movimento, ao focar apenas nas mulheres como noção de indivíduo e, de forma muito estreita, o conceito de empoderamento. Isso apaga o fato de que algumas escolhas que certas mulheres fazem tem um grande impacto negativo na vida de outras mulheres"). Na rede de formulações do enunciado, há a constatação de que há discursos que circulam atualmente sobre feminismo e que se pautam em questões individuais de forma excessiva, e se esquecem da coletividade. O uso do advérbio "infelizmente" que aparece na formulação [1] *Infelizmente muitos discursos contemporâneos sobre o feminismo tendem a enfatizar uma forma de hiper individualismo,* demonstra que esse tipo de discurso seria, para a página enunciativa, algo do nível do disfórico para o movimento. O neoliberalismo seria a condição de produção para a manifestação desse discurso, já que há uma valorização do indivíduo que busca, por meio do poder de compra, alcançar sua individualidade.

Em [2] *Cada vez mais eu ouço variações dessa ideia de que qualquer coisa que qualquer mulher escolhe pessoalmente fazer é um ato feminista.*", o uso de primeira pessoa do plural indica uma experiência do próprio sujeito como uma crítica a esse discurso de individualismo, em que uma escolha pessoal de uma mulher pudesse ser sempre um ato feminista. Em [3] *Essa atitude é muitas vezes referida como "escolha feminista". Escolha feminista postula que cada mulher determina o que a empodera,* há, no intradiscurso, uma denominação desse processo de individualização das mulheres que seria "escolha feminista". No caso, a mulher escolhe o que possa empoderá-la, por isso seria um processo relacionado a questões individuais. Em [4] *o que pode soar como algo bom (superficialmente) mas esse conceito contém o risco de obscurecer um quadro muito maior além dos objetivos fundamentais do movimento, ao focar apenas nas mulheres como noção de indivíduo e, de forma muito estreita, o conceito de empoderamento.*, no intradiscurso tem-se a ideia de algo que parece ser bom, mas realmente não é: no caso, tratar a questão do empoderamento como algo individual levaria ao risco de colocar em esquecimento ("obscurecer") algumas questões importantes do movimento feminista. Considerar o empoderamento como algo do indivíduo é enfraquecer o conceito, simplificá-lo. Na formulação [5] *Isso apaga o fato de que algumas escolhas que certas mulheres fazem tem um grande impacto negativo na vida de outras mulheres,* há a constatação de que é possível prejudicar outra mulher por meio de escolhas

individuais. Entretanto, não é explicitado no texto verbal que escolhas seriam essas e como prejudicariam outras mulheres; provavelmente, as respostas a essas questões estariam no texto do blog.⁸⁷

Por meio do interdiscurso, nota-se que há um discurso anti-neoliberal, ou, até mesmo, anti-capitalista. O enunciado soa como uma resposta a outras páginas ou sites sobre feminismo que possam disseminar o discurso mais individualista de "empoderamento", mais próximo ao discurso que aparece recorrentemente no feminismo liberal, já que, de acordo com Fougeyrollas-Shwebel (2009), "Por "corrente liberal", devem-se entender os movimentos fundados na promoção dos valores individuais". A partir dessa resposta da enunciativa NMK, há uma forte crítica ao apagamento que esse discurso provoca, já que, ao individualizar algumas questões, apagam-se as questões relacionadas às diferenças entre as mulheres, sejam elas sociais, culturais, de classe, de raça etc. Pressupõe-se que o empoderamento deve abarcar a coletividade e as diferenças entre as mulheres e não ser um ato individual. Porém, fica o questionamento: de que forma o empoderamento poderia abarcar a coletividade e ser um ato menos individualizado? O título do blog, "Como ser uma feminista", reforça que há um jeito "correto" de ser feminista, que se opõe a um jeito errado ou equivocado. Ao combater o discurso neoliberal, há a presença do discurso da verdade, que busca valorizar um feminismo considerado verdadeiro em detrimento de outras vertentes teóricas que estariam equivocadas. Observa-se uma disputa teórica por um feminismo verdadeiro.

O elemento icônico demonstra a imagem de uma mulher branca com as sobrancelhas arqueadas, representando uma feição de dúvida. A escolha por uma mulher branca e não negra representa, possivelmente, o direcionamento a um interlocutor específico, que seria a mulher branca que propaga o discurso neoliberal do empoderamento individual, apagando ou inferiorizando a memória da mulher negra. O "Como ser uma feminista", título do texto do blog, seria direcionado a essas mulheres.

Na conclusão, pretendemos estabelecer relações entre os discursos que pudemos identificar nos textos multimodais das páginas Empodere Duas Mulheres e Não me Kahlo, descrever algumas formações discursivas das páginas enunciativas, e tratar do procedimento integrador: descrever como o mídiun, hipergênero e a cenografia influenciam e podem ser determinantes no funcionamento discursivo da página.

⁸⁷ Este texto não está mais disponível na página do blog da Não Me Kahlo (<<https://www.naomekahlo.com/>>). Acesso em 22 de Janeiro de 2019.

Conclusão

Para Dominique Maingueneau (2015), formação discursiva é uma unidade *não tópica*, que são unidades construídas pelo pesquisador a partir das unidades tópicas, já que elas não podem dar conta sozinhas do funcionamento do discurso: "o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas" (Maingueneau, 2015, p. 81). Para o autor, a formação discursiva é articulada por meio de gêneros: é necessário estudar a relação entre a posição na luta de classes (formações ideológicas que se materializam em formações discursivas), de um lado, e a natureza dos gêneros de discurso concernidos, do outro. Portanto, "a formação discursiva é concebida como um sistema de restrições oculto, transversal às unidades tópicas que são os gêneros" (Ibidem, p. 83). Por essa razão, os elementos do gênero do discurso (no caso, as cenografias do hipergênero, pois se trata de textos na web) são importantes para que se compreenda o funcionamento discursivo dos textos multimodais das páginas Não Me Kahlo e Empodere Duas Mulheres.

Primeiramente, é importante salientar que, quando modificamos as condições materiais da comunicação do discurso feminista, transformamos os "conteúdos" e a maneira de dizê-lo. Este seria o conceito de mídiu: em um suporte como a web, o livro, a televisão, o panfleto etc, há um conjunto de regras estabelecidas pelo gênero do discurso que possibilitam coagir os discursos e fazer com que o conteúdo discursivo de determinado gênero seja de determinada maneira. O mídiu é um dispositivo comunicacional que integra os processos e mudanças históricas de uma sociedade e possibilita que pensemos o discurso feminista no Facebook no ano de 2015 e no hipergênero web, cuja formatação com restrições fracas pode recobrir gêneros muito diferentes. No caso, a cenografia seria a cena da enunciação que poderia nos ajudar a compreender o hipergênero, já que a web possibilita um enfraquecimento das outras cenas. Dessa maneira, uma forma de compreender o discurso feminista na web seria analisando como as cenografias são mobilizadas pelo hipergênero a partir das restrições do mídiu. Assim, poderíamos pressupor que certas formações discursivas, um sistema de restrições que se apoia nas unidades tópicas, seriam melhor compreendidas a partir do estudo desses elementos restritivos.

Algumas possíveis conclusões sobre as análises incluem um reconhecimento dos diferentes sentidos que circulam nos textos multimodais quando comparamos as publicações das duas páginas Empodere Duas Mulheres e Não me Kahlo, juntamente aos seus textos de

apresentação, presentes nos blogs. É possível averiguar que, apesar das duas páginas serem consideradas feministas, há diferenças que compõem o funcionamento dos discursos apresentados por elas devido a formações discursivas diferentes. Chamemos a formação discursiva da página enunciativa Não me Kahlo de FD1 e a formação discursiva da página enunciativa Empodere Duas Mulheres de FD2.

Os textos da FD1 são interpelados por uma ideologia aparentemente de luta de classes, que se propõe a trazer à consciência os reais problemas das relações atribuídas por um sistema capitalista, levando em consideração a relação entre oprimido e opressor (mais próxima a definição de feminismo marxista). A FD1 encara o feminismo como um ato militante, ativista, trazendo questões relacionadas ao discurso da interseccionalidade em várias publicações, conduzindo os textos para que tenham maior legitimidade por se tratar de um conceito teoricamente fundamentado (Figura 11, Figura 22 e Figura 23). É possível averiguar que a FD1 se posiciona em diversos momentos com um olhar crítico sobre outros discursos feministas que circulam pela web e que incluiriam, também, uma crítica em relação ao conceito de sororidade e empoderamento (Figura 9, Figura 11, Figura 24) e a discursos que apagam a memória da mulher negra e das diferenças sociais, culturais, de classe social, de raça etc entre mulheres. A FD1 considera o movimento feminista como heterogêneo, formulando textos multimodais (Figura 23) que relatam as diferenças entre os movimentos (entre Feminismo branco e Feminismo negro). O discurso anti-capitalista, que abarca a crítica aos padrões de beleza também está incluso na FD1 (Figura 21). Os textos multimodais das Figuras 14, 21 e 22 são textos de divulgação de outros sites ou mesmo de outra página com outra formação discursiva (Empodere Duas Mulheres), o que parece um pouco contraditório a princípio, já que ambas as páginas são interpeladas por diferentes ideologias.

Os textos publicados na Empodere Duas Mulheres (FD2) manifestam discursos como o do acolhimento, da união de mulheres, próximo ao discurso de autoajuda (a própria mulher deve se cuidar, se empoderar e se fortalecer para que também possa empoderar outra mulher), juntamente a generalizações que descartam as diferenças entre as mulheres, homogeneizando o movimento (Figura 1, Figura 10, Figura 2, Figura 13, Figura 17, Figura 20). Há a manifestação, também, de discursos de pouca legitimidade (não há a presença de um arcabouço teórico que sustente explicar as supostas soluções apresentadas nos discursos de empoderamento, por exemplo), com apagamentos da memória discursiva (por exemplo, a Figura 1 que tem a história dos Maroon jamaicanos completamente apagada pelo texto multimodal). Há o discurso purista (Figura 13), próximo ao discurso do sagrado, que pretende

delimitar o que seria um feminismo puro e verdadeiro. O discurso da interseccionalidade e que ressalta a importância da coletividade (Figura 18) e o discurso anti-capitalista (Figura 19) também estão presentes, demonstrando a complexidade da FD2, que parece, algumas vezes, se apoiar no conceito de feminismo mais liberal, mas em outros momentos traz concepções do feminismo marxista (como o discurso anti-capitalista) ou voltado a teoria da interseccionalidade. Essas diferenças demonstram o quanto é difícil definir uma única FD para cada página enunciativa. Poderíamos afirmar que cada um dos textos é atravessado por diversas formações discursivas.

Entretanto, como o discurso feminista é construído por meio do mídiun e do hipergênero web ou, mais precisamente, no Facebook? Quais os conjuntos de regras ou de elementos que determinam os discursos que puderam ser evidenciados nessa análise? Sobre o procedimento integrador de análise, temos algumas observações importantes a respeito de como o hipergênero Facebook atuou nas publicações analisadas. Alguns dos elementos levantados sobre o funcionamento do hipergênero Facebook incluem a possibilidade do marketing viral que ocorre no fenômeno de irradiação (Emediato, 2015), ou seja, o compartilhamento de textos de outros sites ou páginas do Facebook, contendo a opinião de um sobre-enunciador. O marketing ou compartilhamentos de textos de outras formações discursivas corroboram para que haja essa multiplicidade de FD e de sentidos que circulam nos textos das publicações das páginas.

Além disso, as cenografias das postagens analisadas foram variadas, apesar de apresentarem algumas regularidades. As cenografias identificadas foram: verbetes, citações destacadas, cartazes (militante, de propaganda, com citação destacada, de homenagem), textos de cunho explicativo, cartão de visitas, convite, comentário, texto de divulgação. Entre as regularidades, observamos, pela página Empodere Duas Mulheres, o uso constante de elementos como o fundo de céu azul, ou imagens de flores. A configuração iconotextual do cartaz, que mobiliza o texto verbal e o texto imagético, também se tornou uma regularidade: normalmente o texto ao centro, e a imagem ao fundo. Algumas publicações como a Figura 9 e a Figura 10 da Não me Khalo possuem a mesma configuração, o mesmo fundo, a mesma fonte, e tratam, também, de um mesmo tema: sororidade.

A presença de vários tipos de cenografias só confirma o fato da web pertencer ao hipergênero, cujas poucas restrições permitem essa variedade e proporciona as mais diversas configurações iconotextuais (posição entre texto verbal e texto imagético, escolha das cores, fontes etc).

Acreditamos que a web como mídiu e hipergênero viabiliza a construção de discursos de pouca legitimidade, ou mesmo discursos muito generalizantes, vazios, de poucos esclarecimentos ao enunciatário, pois, de acordo com Paveau (2017), a acessibilidade na web permite oradores comuns, sem especialização técnica, literária, jornalística etc. Ou seja, para enunciar em uma página do Facebook, não é necessário possuir muita habilidade na escrita, possibilitando que muitos tipos de sujeitos possam manifestar seus discursos sem muitas restrições. O fato, também, de raramente haver alguma referência bibliográfica sobre um texto imagético ou um texto verbal propicia a circulação de outros efeitos de sentido, que poderiam ser mais delimitados se houvesse uma referência bibliográfica presente. Como, por exemplo, na análise da Figura 1, que não há referência alguma aos Maroons.

A instabilidade dos textos suscita no problema da identidade da obra (Maingueneau, 2015), pois os textos publicados no Facebook podem ser alterados a todo momento, tanto em seu conteúdo quanto na posição ou escolha dos elementos imagéticos, assim como podem ser deletados das páginas a qualquer momento. Essa oportunidade do enunciador alterar o texto pode provocar instabilidade também nos sentidos ali produzidos, pois mudar uma palavra ou uma expressão pode corroborar para que outros sentidos circulem ou deixem de circular.

Outra questão relevante é que o Facebook oferece a possibilidade de textos curtos ou textos longos, sem um limite de caracteres pré-estabelecido. Entretanto, verifica-se uma predominância de textos mais curtos, que ficam entre 100 lexias e dois ou três parágrafos de poucas orações, como observados nos textos multimodais do corpus de análise. Os textos curtos ou mesmo incompletos (como os textos que são citações ou partes de um todo que estaria no blog da página, por exemplo) é outra característica evidente dos textos analisados. Essa configuração também possibilita o aparecimento de discursos pouco fundamentados, abrindo o leque para diversas interpretações já que não há um encerramento dos textos, mas sim uma parte dele evidente na publicação. O dialogismo seria outra característica presente em algumas publicações que pretendiam interagir com o enunciatário, e essa configuração se torna comum no hipergênero web, possibilitando uma troca a partir de uma intersubjetividade.

A formação discursiva da página Empodere Duas Mulheres é mais facilmente identificada em um hipergênero como o Facebook, que propicia a construção de discursos generalizantes, de pouco embasamento teórico. O mesmo acontece na página Não me Kahlo que, apesar de, na maioria de suas publicações, apresentar mais assertivamente uma formação discursiva voltada ao feminismo da luta de classes e interseccionalidade, ainda assim irradia conteúdo de outra formação discursiva e apresenta algumas contradições, como a crítica a um

discurso individualizante, mas propagando um discurso também do feminismo verdadeiro em detrimento do feminismo "falso". Entretanto, o discurso feminista manifestado pela NMK se aproxima mais do conceito de feminismo como movimento social heterogêneo, como propagado por estudiosos e descrito no Capítulo 2 deste trabalho. A FD da EDM nos dados analisados não inclui a heterogeneidade do movimento; pelo contrário, se direciona mais para a tentativa de propagar um movimento homogêneo e individualizante. Acreditamos, então, que os problemas da terceira onda feminista sobre o feminismo propagado na web não ter uma real preocupação com pautas relacionadas ao coletivo, mas sim ao individual, parece se confirmar quando observamos alguns discursos que circulam, ainda que existam outros discursos que procurem criticar e levantar a bandeira da importância de se reconhecer a heterogeneidade.

Acreditamos que estas são só algumas considerações levantadas devido a análise dos dados do corpus de pesquisa e que nos trazem um breve panorama a respeito de como o mídiu e hipergênero atuam na circulação de sentidos e nas formações discursivas das páginas Não me Kahlo e Empodere Duas Mulheres em publicações do ano de 2015 que possuam as lexias sororidade e empoderamento. No entanto, acreditamos na importância de uma pesquisa mais aprofundada em caráter de doutorado e que possa responder a seguinte pergunta: como o movimento feminista se vale dos recursos online e virtuais para se constituir enquanto movimento social, distinto de outros movimentos?

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. Revista Alfa, São Paulo, v. 40: p. 27-46, 1996.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- EMEDIATO, Wander. **Discurso e Web: as múltiplas faces do Facebook**. Revista da ABRALIN, São Carlos, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. In: HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.144-149
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Gêneros do Discurso e Web: existem os gêneros web?** Revista da ABRALIN, São Carlos, v.15, n.3, p. 135-160, jul./dez. 2016.
- _____. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. **Doze conceitos da Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MOTA, Keli R.. Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 1, p. 108-127, 29 dez. 2017.
- ORLANDI, Eni P., **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2018.
- PAVEAU, Marie-Anne. Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. In: **Argumentation et Analyse du Discours** [Online] n. 18, 14 de abril de 2017. Disponível em <<http://journals.openedition.org/aad/2345>> . Acesso em 11 de maio de 2018.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.
- TRAT, Josette. Movimentos sociais. In: Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.149-154

VALOURA, Leila de C. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador. 2011. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador>. Acesso em 29 de agosto de 2018.